



Coleção
Etnobiologia
na Paraíba

Flora da Serra do Jatobá

Guia de identificação

4

Autores:

Cattleya Monte Pessoa Felix
Leonardo Pessoa Félix
Joel Maciel Pereira Cordeiro
Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Kallyne Machado Bonifácio
Camilla Marques de Lucena

 **iesp**
faculdades

ISBN: 978-85-5597-130-3

Flora da Serra do Jatobá: Guia de Identificação

**Cattleya Monte Pessoa Félix
Leonardo Pessoa Félix
Joel Maciel Pereira Cordeiro
Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Kallyne Machado Bonifácio
Camilla Marques de Lucena
(Autores)**

Instituto de Educação Superior da Paraíba - IESP

Cabedelo
2019



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA PARAÍBA – IESP

Diretora Geral

Érika Marques de Almeida Lima Cavalcanti

Diretora Acadêmica

Iany Cavalcanti da Silva Barros

Diretor Administrativo/Financeiro

Richard Euler Dantas de Souza

Editores

Cícero de Sousa Lacerda

Hercilio de Medeiros Sousa

Jeane Odete Freire Cavalcante

Josemary Marcionila Freire Rodrigues de Carvalho Rocha

Corpo editorial

Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda

Hercilio de Medeiros Sousa – Computação

José Carlos Ferreira da Luz – Direito

Marcelle Afonso Chaves Sodré – Administração

Maria da Penha de Lima Coutinho – Psicologia

Rafaela Barbosa Dantas – Fisioterapia

Rogério Márcio Luckwu dos Santos – Educação Física

Thiago Bizerra Fideles – Engenharia de Materiais

Thiago de Andrade Marinho – Mídias Digitais

Thyago Henriques de Oliveira Madruga Freire – Ciências Contábeis

Copyright © 2019 – Editora IESP

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(os) autor(es).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (IESP)

F632 Flora da serra do Jatobá: guia de identificação [recurso eletrônico]
/ Autores, Cattleya Monte Pessoa Felix ... [et al.]. - Cabedelo, PB
: Editora IESP, 2019.
214 p. (Coleção Etnobiologia da Paraíba, v.4)

Formato: E-book
Modo de Acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-5597-130-3

1. Botânica. 2. Florística. 3. Caatinga. 4. Semiárido. 5. Inselberg.
I. Felix, Cattleya Monte Pessoa ... [et al.]. IV. Título.

CDU: 502

Bibliotecária: Angélica Maria Lopes Silva – CRB-15/023

Editora IESP

Rodovia BR 230, Km 14, s/n,
Bloco Central - 2 andar - COOPERE
Morada Nova. Cabedelo - PB.
CEP 58109-303

APRESENTAÇÃO

No semiárido da Paraíba, afloramentos rochosos conhecidos como inselbergues, constituem um componente da paisagem que se destacam das áreas subjacentes, geralmente de superfície plana. Por essa razão, apresenta importante potencial para o turismo, o que torna esses ambientes potencialmente importantes para a exploração econômica, incentivando a melhoria de renda nas comunidades locais. Por outro lado, inselbergues são pouco estudados e seus componentes físicos e biológicos não são ainda perfeitamente conhecidos.

Inselbergues (do alemão *inselberg*: *inse*, ilha; *berg*, montanha), são ambientes rochosos semelhantes a ilhas inseridos no interior do continente formado geralmente por monólitos graníticos e gnáissicos, resultantes da esfoliação esferoidal. São diferenciados do entorno por apresentar uma vegetação claramente distinta, composta principalmente por orquídeas, aráceas, bromélia, samambaias e avencas. Algumas plantas de inselbergues constituem endemismos raros, como os gêneros *Ameroglossum*, *Catimbaua* e *Isabelcristinia*, esses últimos descritos muito recentemente. Por essa razão, inselbergues são considerados áreas importantes para a conservação e prioritárias para a criação de unidades de preservação permanentes, buscando conservar espécies vegetais muitas vezes ainda desconhecidas para a ciência. Apesar disso, muitos afloramentos sofrem exploração predatória, especialmente para a produção de paralelepípedos, o que pode ocasionar erosão genética e perda de material biológico cujos usos e importância são, em geral, ainda ignorados.

No Brasil, alguns inselbergues são mundialmente conhecidos, como os morros do Pão de Açúcar e do Corcovado, verdadeiros cartões postais do Brasil. Na Austrália, o morro Uluru constitui praticamente um símbolo da paisagem australiana. No Nordeste, afloramentos como o Morro do Pai Inácio na Bahia e Monte do Galo no Rio Grande do Norte, são usados para atividades turísticas ou religiosas. No estado da Paraíba são explorados para essas finalidades a Pedra da Boca, em Araruna e o Lajedo de Pai Mateus em Cabaceiras.

A Serra do Jatobá, Serra Branca, Paraíba, destaca-se como um grande afloramento granítico esbranquiçado, com boa parte da superfície destituída de, ou com pouca vegetação visível. Esse afloramento é utilizado pelas comunidades locais para o pastejo de caprinos e ovinos, bem como para a formação de tanques ou caldeirões a serem utilizados na estação seca. É visitado esporadicamente por pessoas do próprio município, de outras regiões e raros estrangeiros, atraídos pela peculiaridade da paisagem. Apesar de constituir uma paisagem com destacada beleza cênica, não são conhecidas informações que suportem o uso sustentável desse recurso natural. Apresentamos aqui uma lista comentada e ilustrada das angiospermas e pteridófitas que compõem a vegetação da Serra do Jatobá, buscando subsidiar ações que tornem possível o uso sustentável

desse afloramento, bem como possibilitar o reconhecimento do seu componente florístico por visitantes e pessoas da comunidade local.

A Serra do Jatobá está localizada a cerca de 10 km da sede do município de Serra Branca, Paraíba nas coordenadas 07°29'46"S e 36°44'36"W, com uma altitude máxima de 763m. Trata-se de um afloramento granítico de coloração esbranquiçada, facilmente visualizável a partir da BR 412, à medida em que o viajante se aproxima da cidade de Serra Branca. Para a elaboração desse livro, foram realizadas cinco coletas incluindo períodos secos e chuvosos. De todo o material amostrado foram preparadas exsicatas que se encontram depositadas no Herbário Prof. Jayme Coelho de Moraes (EAN) do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, Areia PB. Todas as plantas foram identificadas de acordo com a literatura pertinente, pela consulta dos fototipos disponíveis em herbários virtuais, especialmente a base de dados do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>), herbário virtual do New York Botanical Garden (<http://sweetgum.nybg.org/science/vh/>), como também por consulta on line realizada na base de dados do refflora (<http://refflora.jbrj.gov.br/refflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>). As espécies identificadas estão brevemente descritas, sua utilização medicinal, usos gerais e distribuição geográfica de acordo com a Flora do Brasil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/refflora/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do;jsessionid=FD99B1136BCA61E0B0EEA39BF2EFEE71#CondicaoTaxonCP>), na literatura e nas informações disponibilizadas pelo Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>).

A Tabela 1 sumariza a relação de todas as espécies levantadas, incluindo Licófitas e Monilófitas (Pteridófitas), Nymphaeales, Magnoliídeas, Monocotiledôneas e Eudicotiledôneas. Licófitas e Monilófitas, grupo de plantas sem flores conhecido como pteridófitas, as chamadas avencas e samambaias, se multiplicam por esporos. Já as Angiospermas, compreendem a grande maioria das plantas que conhecemos, são caracterizadas por produzirem frutos e sementes. Nesse grupo, as Nymphaeales e Magnoliídeas, formam parte de um grupo de plantas primitivas conhecidas como Angiospermas Basais. As Monocotiledôneas compreendem as plantas cujas sementes possuem um único cotilédone, folhas em geral com nervuras paralelas, como no milho e raízes em forma de cabeleira, sem uma raiz principal. Por outro lado, as Eudicotiledôneas (inclui a grande maioria das antigas Dicotiledôneas), são plantas com sementes com dois cotilédones, folhas com nervuras reticuladas e raízes do tipo pivotante, caracterizada por apresentarem uma raiz principal.

Nossa pesquisa de campo revelou para a Serra do Jatobá um total de 78 famílias, 194 gêneros e 264 espécies, sendo seis famílias de Licófitas e Monilófitas, três famílias de Angiospermas Basais, 16 monocotiledôneas e 52 Eudicotiledôneas. Entre os demais grupos de plantas, as Pteridófitas foram representadas por seis gêneros e seis espécies, as Angiospermas basais por três gêneros e três espécies, as Monocotiledôneas, por 33 gêneros e 42 espécies e Eudicotiledôneas, por 152 gêneros e 213 espécies. As famílias com maior número de espécies foram: Fabaceae, com 40 espécies, Euphorbiaceae, com 23, Convolvulaceae, com 14, Malvaceae, com 13, Asteraceae, com 12 e Cyperaceae, com 10.

Leonardo P. Felix
Setembro de 2019

CONTEÚDO

LICÓFITAS E MONILÓFITAS	21	<i>Hohenbergia cattingae</i> Ule.....	37
Isoetaceae	21	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez.....	38
<i>Isoetes luetzelburgii</i> U.Weber.....	21	<i>Orthophytum disjunctum</i> L.B.Sm.....	39
Selaginellaceae	21	<i>Tillandsia loliacea</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.....	40
<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring.....	21	<i>Tillandsia paraensis</i> Mez.....	41
Anemiaceae	23	<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.....	41
<i>Anemia tomentosa</i> (Sav.) Sw.....	23	<i>Tillandsia streptocarpa</i> Baker.....	42
Pteridaceae	23	Commelinaceae	43
<i>Doryopteris varians</i> (Raddi) J.Sm.....	23	<i>Aneilema brasiliense</i> C.B.Clarke.....	43
Ophioglossaceae	23	<i>Callisia filiformis</i> (M.Martens & Galeotti) D.R.Hunt.....	44
<i>Ophioglossum nudicaule</i> L.f.....	23	<i>Commelina benghalensis</i> L.....	45
Salviniaceae	23	<i>Commelina erecta</i> L.....	46
<i>Azolla filiculoides</i> Lam.....	24	<i>Tinantia sprucei</i> C.B.Clarke.....	47
Nymphaeaceae	25	Cyperaceae	47
<i>Nymphaea pulchella</i> DC.....	25	<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clarke.....	47
ANGIOSPERMAS BASAIS	26	<i>Bulbostylis juncoides</i> (Vahl) Kük. ex Osten.....	48
Aristolochiaceae	26	<i>Cyperus compressus</i> L.....	48
<i>Aristolochia birostris</i> Duch.....	26	<i>Cyperus ligularis</i> L.....	49
Annonaceae	26	<i>Cyperus rotundus</i> L.....	50
<i>Annona leptopetala</i> (R.E.Fr.) H. Rainer... 26		<i>Eleocharis atropurpurea</i> (Retz.) J.Presl & C.Presl.....	51
MONOCOTILEDÔNEAS	27	<i>Eleocharis nigrescens</i> (Nees) Kunth.....	52
Alismataceae	28	<i>Rhynchospora globosa</i> (Kunth) Roem. & Schult.....	52
<i>Hydrocleys martii</i> Seub.....	28	<i>Scleria reticularis</i> Michx.....	53
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Micheli.....	28	Dioscoreaceae	54
Alstroemeriaceae	29	<i>Dioscorea campestris</i> Griseb.....	54
<i>Alstroemeria longistaminea</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.....	29	<i>Dioscorea dodecaneura</i> Vell.....	55
Amaryllidaceae	30	<i>Dioscorea multiflora</i> Mart. ex Griseb.....	55
<i>Zephyranthes cearensis</i> (Herb.) Baker.....	30	<i>Dioscorea ovata</i> Vell.....	56
Araceae	31	Eriocaulaceae	56
<i>Anthurium affine</i> Schott.....	31	<i>Paepalanthus bifidus</i> (Schrad.) Kunth.....	56
<i>Pistia stratiotes</i> L.....	32	Iridaceae	56
<i>Taccarum peregrinum</i> (Schott).....	32	<i>Alophia drummondii</i> (Graham) R.C. Foster.....	56
Arecaceae	33	Maranthaceae	57
<i>Syagrus cearensis</i> Noblick.....	33	<i>Maranta zingiberina</i> L. Andersson.....	57
Bromeliaceae	34	Orchidaceae	58
<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.) Griseb.....	34	<i>Cyrtopodium holstii</i> L.C.Menezes.....	58
<i>Aechmea leptantha</i> (Harms) Leme & J.A. Siqueira.....	35	<i>Prescottia plantaginifolia</i> Lindl. ex Hook.....	59
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.....	36	Poaceae	60

<i>Aristida elliptica</i> (Nees) Kunth.....	60	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.....	82
<i>Aristida setifolia</i> Kunth.....	60	<i>Chresta pacourinoides</i> (Mart. ex DC.) Siniscalchi & Loeuille.....	82
<i>Paspalum arenarium</i> Schrad.....	60	<u><i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M. King & H. Rob.....</u>	<u>83</u>
Pontederiaceae	61	<i>Delilia biflora</i> (L.) Kuntze.....	84
<i>Eichhornia paniculata</i> (Spreng.) Solms....	61	<i>Gamochaeta americana</i> (Mill.) Wedd.....	84
<i>Heteranthera rotundifolia</i> (Kunth) Griseb.....	62	<i>Lepidaploa chalybaea</i> (Mart. ex DC.) H.Rob.....	85
Velloziaceae	63	<i>Melanthera latifolia</i> (Gardner) Cabrera....	86
<i>Vellozia plicata</i> Mart.....	63	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.....	87
EUDICOTILEDÔNEAS	65	Bigoniaceae	88
Acanthaceae	65	<i>Dolichandra unguis-cati</i> (L.) L.G.Lohmann	88
<i>Harpochilus neesianus</i> Mart. ex Nees.....	65	<i>Fridericia dichotoma</i> (Jacq.) L.G.Lohmann.....	88
<i>Ruellia bahiensis</i> (Nees) Morong.....	66	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.....	89
Aizoaceae	67	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	89
<i>Trianthema portulacastrum</i> L.....	67	Bixaceae	90
Amaranthaceae	67	<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.....	90
<i>Alternanthera tenella</i> Colla.....	67	Boraginaceae	91
<i>Froelichia humboldtiana</i> Seub.....	68	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.....	91
Anacardiaceae	69	<i>Euploca humilis</i> (L.) Feuillet.....	91
<i>Anacardium occidentale</i> L.....	69	<i>Varronia dardani</i> (Taroda) J.S.Mill.....	92
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão.....	70	Burseraceae	92
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.....	71	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett.....	92
<i>Spondias tuberosa</i> L.....	72	Cactaceae	92
Apocynaceae	73	<i>Cereus jamacaru</i> DC.....	92
<i>Allamanda blanchetii</i> A.DC.....	73	<i>Melocactus ernestii</i> Vaupel.....	93
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	74	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.....	94
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T.Aiton....	75	<i>Pilosocereus chrysostele</i> (Vaupel) Byles & G.D.Rowley.....	95
<i>Mandevilla dardanoi</i> M.F.Sales, Kinoshita- Gouvêa & A.Simões.....	76	<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & Rowley.....	96
<i>Mandevilla tenuifolia</i> (J.C.Mikan) Woodson.....	77	<i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter.....	97
<i>Marsdenia megalantha</i> Goyder & Morillo.....	78	<i>Tacinga inamoena</i> (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy.....	98
Asteraceae	79	Cleomaceae	98
<i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass.....	79	<i>Dactylaena micrantha</i> Schrad.....	98
<i>Ageratum conyzoides</i> L.....	80	<i>Physostemon guianense</i> (Aubl.) Malme....	98
<i>Bidens riparia</i> Kunth.....	81	<i>Physostemon lanceolatum</i> Mart. & Zucc. América do Norte (México).....	99
<i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson.....	81	Combretaceae	99

<i>Combretum leprosum</i> Mart.....	99	<i>Euphorbia phosphorea</i> Mart.....	118
Convolvulaceae	99	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton.....	119
<i>Cuscuta americana</i> L.....	99	<i>Jatropha ribifolia</i> (Pohl) Baill.....	119
<i>Evolvulus elegans</i> Moric.....	100	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.....	120
<i>Evolvulus filipes</i> Mart.....	101	<i>Manihot glaziovii</i> Müll. Arg.....	121
<i>Evolvulus cordatus</i> Moric	101	<i>Microstachys corniculata</i> (Vahl)	
		Griseb.....	122
<i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. &		<i>Sapium glandulosum</i> (L.)	
Schult.....	102	Morong.....	123
<i>Ipomoea brasiliana</i> (Choisy) Meisn.....	103	<i>Stillingia trapezoidea</i> Ule.....	124
<i>Ipomoea carnea</i> subsp. <i>fistulosa</i> (Mart. ex		<i>Tragia volubilis</i> L.....	125
Choisy) D.F.Austin.....	104		
<i>Ipomoea longeramosa</i> Choisy.....	105	Fabaceae	126
<i>Ipomoea nil</i> (L.) Roth.....	105	<i>Aeschynomene scabra</i> G.Don.....	126
<i>Ipomoea parasitica</i> (Kunth) G.Don.....	106	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão)	
		A.C.Sm.....	127
<i>Jacquemontia heterantha</i> (Nees & Mart.)		<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.)	
Hallier f.....	107	Brenan.....	128
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urb.....	107	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.)	
		Steud.....	128
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.....	108	<i>Canavalia brasiliensis</i> Mart. ex	
		Benth.....	129
Cucurbitaceae	109	<i>Centrosema brasilianum</i> (L.)	
<i>Apodanthera congestiflora</i> Cogn.....	109	Benth.....	130
		<i>Centrosema pascuorum</i> Mart. ex	
Erythroxylaceae	110	Benth.....	131
<i>Erythroxylum pungens</i> O.E.Schulz.....	110	<i>Chamaecrista hispidula</i> (Vahl) H.S.Irwin &	
		Barneby.....	132
Euphorbiaceae	110	<i>Chamaecrista nictitans</i> subsp. <i>disadena</i>	
<i>Acalypha poiretii</i> Spreng.....	110	(Steud.) H.S.Irwin & Barneby.....	133
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur.....	111	<i>Chloroleucon foliolosum</i> (Benth.)	
<i>Croton adamantinus</i>	112	G.P.Lewis.....	133
<i>Croton blanchetianus</i> Baill.....	112	<i>Crotalaria holosericea</i> Nees&	
<i>Croton glandulosus</i> L.....	113	Mart.....	134
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.....	114	<i>Desmodium glabrum</i> (Mill.)	
<i>Dalechampia pernambucensis</i>		DC.....	134
Baill.....	115	<i>Desmodium procumbens</i> (Mill.)	
<i>Euphorbia comosa</i> Vell.....	116	Hitchc.....	135
<i>Euphorbia heterodoxa</i> Müll.Arg.....	116	<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex	
<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.....	117	Benth.....	136
		<i>Erythrina velutina</i> Willd.....	137
		<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.)	
		Morong.....	138
		<i>Galactia striata</i> (Jacq.) Urb.....	139
		<i>Hymenaea courbaril</i> L.....	140
		<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.....	141
		<i>Luetzelburgia auriculata</i> (Allemão)	
		Ducke.....	142

<i>Macroptilium atropurpureum</i> (Sessé & Moc. ex DC.) Urb.....	145	Loasaceae	162
<i>Macroptilium martii</i> (Benth.) Maréchal & Baudet.....	145	<i>Aosa rupestris</i> (Gardner) Weigend.....	162
<i>Mimosa borboremae</i> Harms.....	146	<i>Mentzelia aspera</i> L.....	163
<i>Mimosa ophthalmocentra</i> Mart. ex Benth.....	147	Loganiaceae	164
<i>Mimosa paraibana</i> Barneby.....	148	<i>Spigelia anthelmia</i> L.....	164
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.....	149	Loranthaceae	165
<i>Peltogyne pauciflora</i> Benth.....	150	<i>Struthanthus calobotrys</i> Eichler.....	165
<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth.) Ducke.....	151	Lythraceae	165
<i>Poincianella pyramidalys</i> (Tul.) L.P. Queiroz.....	152	<i>Ammannia latifolia</i> L.....	165
<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby.....	153	Malpighiaceae	166
<i>Senna martiana</i> (Benth.) H.S. Irwin & Barneby.....	153	<i>Byrsonima gardneriana</i> A. Juss.....	166
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby.....	154	Malvaceae	167
<i>Senna uniflora</i> (Mill.) H.S. Irwin & Barneby.....	154	<i>Corchorus hirtus</i> L.....	167
<i>Stylosanthes humilis</i> Kunth.....	155	<i>Helicteres baruensis</i> Jacq.....	168
<i>Stylosanthes viscosa</i> (L.) Sw.....	156	<i>Herissantia tiubae</i> (K. Schum.) Brizicky.....	169
<i>Vigna halophila</i> (Piper) Maréchal et al.....	157	<i>Melochia tomentosa</i> L.....	170
<i>Zornia brasiliensis</i> Vogel.....	158	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.....	171
<i>Zornia grandiflora</i> Fort.-Perez & A.M.G. Azevedo.....	159	<i>Sida</i> cf. <i>brittoni</i>	172
<i>Zornia leptophylla</i> (Benth.) Pittier.....	159	<i>Sida galheirensis</i> Ulbr.....	173
Gentianaceae	159	<i>Waltheria indica</i> L.....	174
<i>Schultesia guianensis</i> (Aubl.) Malme var. <i>guianensis</i>	160	<i>Waltheria operculata</i> Rose.....	175
Lamiaceae	160	<i>Waltheria rotundifolia</i> Schrank.....	176
<i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R.Br.....	160	Melastomataceae	177
<i>Leptohyptis calida</i> (Mart. ex Benth.) Harley & J.F.B. Pastore.....	160	<i>Acisanthera variabilis</i> (Naud.) Triana.....	177
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze.....	161	<i>Pterolepis polygonoides</i> (DC.) Triana.....	178
<i>Mesosphaerum pectinatum</i> (L.) Kuntze.....	161	<i>Pterolepis cearensis</i> Huber.....	178
<i>Medusantha martiusii</i> (Benth.) Harley & J.F.B. Pastore ex Benth.....	162	<i>Tibouchina gardneri</i> (Naudin) Cogn.....	178

Menispermaceae	179	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.....	193
<i>Cissampelos sympodialis</i> Eichler.....	179	Portulacaceae	193
Molluginaceae	180	<i>Portulaca elatior</i> L.....	193
<i>Mollugo verticillata</i> L.....	180	Rhamnaceae	194
Nyctaginaceae	181	<i>Crumenaria decumbens</i> Mart.....	194
<i>Boerhavia diffusa</i> L.....	181	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.....	194
Ochnaceae	181	Rubiaceae	195
<i>Sauvagesia sprengelii</i> A. St.-Hil.....	181	<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll.Arg....	195
Onagraceae	182	<i>Hexasepalum radula</i> (Willd.) Delprete & J.H. Kirkbr.....	195
<i>Ludwigia erecta</i> (L.) H.Hara.....	182	<i>Mitracarpus baturitensis</i> Sucre.....	195
<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H.Raven..	183	<i>Mitracarpus polygonifolius</i> (A. St.-Hil.) R.M. Salas & E.B. Souza.....	196
Oxalidaceae	183	<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schltld.) Steud.....	196
<i>Oxalis glaucescens</i> Norlind.....	183	<i>Staelia virgata</i> (Link ex roem. & Schult.) K.Schum.....	196
Passifloraceae	183	<i>Tocoyena bullata</i> (Vell.) Mart.....	197
<i>Passiflora foetida</i> L.....	183	Santalaceae	198
<i>Turnera chamaedrifolia</i> Cambess.....	184	<i>Phoradendron quadrangulare</i> (Kunth) Griseb.....	198
<i>Turnera calyptrocarpa</i> Urb.....	185	Sapindaceae	199
Phyllanthaceae	186	<i>Allophylus quercifolius</i> (Mart.) Radlk.....	199
<i>Phyllanthus heteradenius</i> Müll.Arg.....	186	<i>Cardiospermum corindum</i> L.....	199
Microteaceae	186	<i>Serjania marginata</i> Casar.....	200
<i>Microtea longebracteata</i> H.Walter.....	186	Sapotaceae	200
Plantaginaceae	186	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.....	201
<i>Angelonia arguta</i> Benth.....	187	Solanaceae	202
<i>Angelonia biflora</i> Bent.....	187	<i>Capsicum parvifolium</i> Sendtn.....	202
<i>Angelonia campestris</i> Nees & Mart.....	188	<i>Physalis pubescens</i> L.....	202
<i>Bacopa angulata</i> (Benth.) Edwall.....	188	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.....	203
<i>Bacopa salzmännii</i> (Benth.) Wettst. ex Edwall.....	189	<i>Solanum americanum</i> Mill.....	204
<i>Monopera micrantha</i> (Benth.) Barringer.	190	<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn.....	204
<i>Bacopa salzmännii</i> (Benth.) Wettst. ex Edwall.....	189	Urticaceae	205
<i>Stemodia maritima</i> L.....	191	<i>Phenax sonneratii</i> (Poir.) Wedd.....	205
Polygalaceae	192	Verbenaceae ,	206
<i>Asemeia martiana</i> (A.W.Benn.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott.....	192	<i>Lantana fucata</i> Lindl.....	206.
<i>Asemeia ovata</i> (Poir.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott.....	192	<i>Lippia grata</i> Schauer.....	207
Polygonaceae	193	<i>Stachytarpheta sessilis</i> Moldenke.....	208

<i>Stachytarpheta angustifolia</i>	208	<i>Cissus decidua</i> Lombardi.....	211
Violaceae	209	<i>Cissus tinctoria</i> Mart.....	212
<i>Pombalia communis</i> (A.St.-Hil.) Paula- Souza.....	209	Zygophyllaceae	212
<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza...	210	<i>Kallstroemia maxima</i> (L.) Hook. & Arn..	212
Vitaceae	211	<i>Tribulus terrestris</i> L.....	213
<i>Cissus blanchetiana</i> Planch.....	211		

Tabela 1. Famílias, gêneros e espécies que compõem a flora da Serra do Jatobá, seus respectivos nomes populares e hábitos de crescimento.

Família/Nome científico	Nome vernacular	Hábito
LICÓFITAS E MONILÓFITAS		
Isoetaceae		
<i>Isoetes luetzelburgii</i> U.Weber		Erva
Selaginellaceae		
<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Jericó, Mão Fechada	Erva
Anemiaceae		
<i>Anemia tomentosa</i> (Sav.) Sw.		Erva
Pteridaceae		
<i>Doryopteris varians</i> (Raddi) J.Sm.		Erva
Ophioglossaceae		
<i>Ophioglossum nudicaule</i> L.f.		Erva
Salviniaceae		
<i>Azolla filiculoides</i> Lam.		Erva aquática
ANGIOSPERMAS BASAIS		
Annonaceae		
<i>Annona leptopetala</i> (R.E.Fr.) H.Rainer		Arvoreta
Aristolochiaceae		
<i>Aristolochia birostris</i> Duch.	Papo de Peru	Trepadeira volúvel
Nymphaeaceae		
<i>Nymphaea pulchella</i> DC.	Lírio d'água	Erva aquática
MONOCOTILEDÔNEAS		
Alismataceae		
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Micheli	Chapéu de couro	Erva aquática
<i>Hydrocleys martii</i> Seub.		
Alstroemeriaceae		
<i>Alstroemeria longistaminea</i> Mart. ex Schantz & Schult.f.		Erva
Araceae		
<i>Taccarum ulei</i> Engl. & K.Krause	Milho de Cobra	Erva
Eriocaulaceae		
<i>Paepalanthus bifidus</i> (Schrad.) Kunth		Erva
Bromeliaceae		
<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.) Griseb.	Gravatá de pedra	Erva
<i>Aechmea leptantha</i> (Harms) Leme & J.A. Siqueira	Gravatá de pedra	Erva
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schantz & Schult.f.	Macambira de lajedo	Erva espinhosa
<i>Hohenbergia catinae</i> Ule	Gravatá	Erva
<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez	Caroá	Erva
<i>Orthophytum disjunctum</i> L.B.Sm.		Erva rupícola
<i>Tillandsia paraensis</i> Mez		Erva epífita
<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.	Salambaia	Erva epífita
<i>Tillandsia streptocarpa</i> Baker	Tilândsia	Erva epífita

Commelinaceae

Callisia filiformis (M.Martens & Galeotti) D.R.Hunt Erva

Commelina benghalensis L Erva de Santa Luzia Erva

Commelina erecta L Erva de Santa Luzia Erva

Cyperaceae

Bulbostylis capillaris (L.) C.B.Clarke Erva

Bulbostylis juncoides (Vahl) Kük. ex Osten Erva

Cyperus compressus L Erva

Cyperus ligularis L. Erva cespitosa

Cyperus rotundus L. Tiririca Erva

Eleocharis atropurpurea (Retz.) J.Presl & C.Presl Erva paludícola

Eleocharis nigrescens (Nees) Kunth Erva aquática

Fimbristylis cf. autumnalis (L.) Roem. & Schult. Erva paludosa

Rhynchospora globosa (Kunth) Roem. & Schult. Erva, espiguetas brancas

Scleria reticularis Michx. Tiririca Erva cespitosa

Cyperaceae (LPF17536) Erva paludícola

Cyperaceae (LPF17547) Erva

Dioscoreaceae

Dioscorea campestris Griseb. Cará do mato Volúvel

Dioscorea dodecaneura Vell. Cará do Mato Erva volúvel

Dioscorea multiflora Mart. ex Griseb. Cará do Mato Erva volúvel

Dioscorea ovata Vell. Cará do Mato Erva volúvel

Eriocaulaceae

Paepalanthus bifidus (Schrاد.) Kunth Erva

Iridaceae

Alophia drummondii (Graham) R.C. Alho do Mato Erva bulbosa

Foster

Maranthaceae

Maranta zingiberina L.Andersson Erva

Orchidaceae

Cyrtopodium flavum Link & Otto ex Rchb.f. Rabo de tatu Erva

Poaceae

Aristida elliptica (Nees) Kunth Panasco de lajedo Erva

Aristida setifolia Kunth Erva

Paspalum arenarium Schrad Erva ereta a decumbente

Pontederiaceae

Eichhornia paniculata (Spreng.) Solms Erva

Heteranthera oblongifolia Mart. ex Schult. & Schult.f. Erva

Velloziaceae

Vellozia plicata Mart. Canela de Ema Arbusto

EUDICOTILEDÔNEAS

Acanthaceae

Harporchilus neesianus Mart. ex Nees Subarbusto, arbusto
Ruellia bahiensis (Nees) Morong Subarbusto

Aizoaceae

Trianthema portulacastrum L. Bredo de Salgado Erva

Amaranthaceae

Alternanthera tenella Colla Erva

Froelichia humboldtiana Seub Erva

Anacardiaceae

Anacardium occidentale L. Cajueiro Árvore

Myracrodruon urundeuva Allemão Aroeira Árvore

Spondias tuberosa L. Umbu Árvore

Apocynaceae

Allamanda blanchetii A.DC. Coração de Negro Arbusto escandente

Aspidosperma pyrifolium Mart. Pereiro Arvoreta

Asclepiadoideae Erva trepadeira

lactescente Arbusto

Calotropis procera (Aiton) Algodão de seda Arbusto

W.T.Aiton

Mandevilla dardanoi M.F.Sales, Arbusto

Kinoshita-Gouvêa & A.Simões

Mandevilla tenuifolia (J.C.Mikan) Erva

Woodson

Marsdenia megalantha Goyder & Subarbusto

Morillo escandente

Asteraceae

Acmella uliginosa (Sw.) Cass. Erva

Ageratum conyzoides L. Erva, Subarbusto

Bidens riparia Kunth Carrapicho de cigano Subarbusto

Blainvillea acmella (L.) Philipson Erva

Centratherum punctatum Cass. Aleluia Erva, subarbusto

Chresta pacourinoides (Mart. ex Erva

DC.) Siniscalchi & Loeuille

Conocliniopsis prasiifolia (DC.) Erva

R.M. King & H. Rob.

Delilia biflora (L.) Kuntze Erva

Gamochaeta americana (Mill.) Erva

Wedd.

Lepidaploa chalybaea (Mart. ex DC.) Erva

H.Rob.

Melanthera latifolia (Gardner) Subarbusto

Cabrera

Porophyllum ruderale (Jacq.) Cass. Erva, subarbusto

Bignoniaceae

Fridericia dichotoma (Jacq.) Liana

L.G.Lohmann

Handroanthus impetiginosus (Mart. Pau D'arco roxo Árvore

ex DC.) Mattos

Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. Craibeira Árvore

& Hook.f. ex S.Moore

Bixaceae		
<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.	Algodão do mato	Arvoreta
Boraginaceae		
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.		Arvoreta
<i>Euploca humilis</i> (L.) Feuillet		Subarbusto
<i>Varronia dardani</i> (Taroda) J.S.Mill.		Arbusto
Burseraceae		
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	Umburana, Umburana de Espinho, Umburana de Cambão	Árvore
Cactaceae		
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro, mandacaru	Arbusto, arvoreta
<i>Melocactus ernestii</i> Vaupel	Coroa de frade	Erva
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Coroa de frade	Erva
<i>Pilosocereus chrysostele</i> (Vaupel) Byles & G.D.Rowley	Facheiro cabeludo	Arbusto
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & Rowley.	Xique-xique	Erva, arbusto
<i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter	Facheiro	Arbusto, árvoreta
<i>Tacinga inamoena</i> (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy	Quipá, Alastrado	Erva
Cleomaceae		
<i>Dactylaena micrantha</i> Schrad.		Erva, subarbusto
<i>Physostemon guianense</i> (Aubl.) Malme		Erva
<i>Physostemon lanceolatum</i> Mart. & Zucc.		Erva
Combretaceae		
<i>Combretum leprosum</i> Mart	Mufumbo	Arbusto escandente
Convolvulaceae		
<i>Cuscuta americana</i> L.		Era parasita
<i>Evolvulus elegans</i> Moric.		Erva
<i>Evolvulus filipes</i> Mart.		Erva
<i>Evolvulus ovatus</i> Fernald		Erva
<i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult.	Jitirana	Trepadeira volúvel
<i>Ipomoea brasiliana</i> (Choisy) Meisn.		Liana
<i>Ipomoea longeramosa</i> Choisy		Erva prostrada ou volúvel
<i>Ipomoea nil</i> (L.) Roth		Trepadeira volúvel
<i>Ipomoea parasitica</i> (Kunth) G.Don		Trepadeira volúvel
<i>Jacquemontia heterantha</i> (Nees & Mart.) Hallier f.		Trepadeira volúvel
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urb.	Jitirana	Trepadeira volúvel
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata de Purga Branca	Trepadeira volúvel
Cucurbitaceae		

<i>Apodanthera congestiflora</i> Cogn.	Cabeça de Negro	Trepadeira com gavinha
Erythroxylaceae		
<i>Erythroxylum pungens</i> O.E.Schulz		Arbusto
Euphorbiaceae		
<i>Acalypha poiretii</i> Spreng		Erva, subarbusto
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur		Arbusto, subarbusto
<i>Croton adamantinus</i>		Arbusto
<i>Croton blanchetianus</i> Baill	Marmeleiro, Marmeleiro-Preto	Arbusto, arvoreta
<i>Croton glandulosus</i> L.		Subarbusto
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Velame	Arbusto
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Cansanção, Urtiga Branca	Erva
<i>Dalechampia pernambucensis</i> Baill.	Tamiarana	Volúvel
<i>Euphorbia comosa</i> Vell.		Erva
<i>Euphorbia heterodoxa</i> Müll.Arg.		Erva
<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	Leiteira	Erva lactescente
<i>Euphorbia phosphorea</i> Mart.		Erva
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton		Erva
<i>Jatropha ribifolia</i> (Pohl) Baill	Pinhão	Arbusto
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão Bravo	Arbusto
<i>Manihot glaziovii</i> Müll. Arg.	Maniçoba	Arvoreta
<i>Microstachys corniculata</i> (Vahl) Griseb		Erva
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Burra Leiteira	Árvore, arbusto
<i>Stillingia trapezoidea</i> Ule		Arbusto ramoso
<i>Tragia volubilis</i> L.	Tamiarana	Subarbusto escandente
Fabaceae		
<i>Aeschynomene scabra</i> G.Don		Arbusto, subarbusto
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.		Árvore
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan.	Angico	Árvore
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	Árvore
<i>Canavalia brasiliensis</i> Mart. ex Benth.	Feijão bravo	Liana
<i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Benth.		Trepadeira volúvel
<i>Centrosema pascuorum</i> Mart. ex Benth.		Trepadeira volúvel
<i>Chamaecrista hispidula</i> (Vahl) H.S.Irwin & Barneby		Subarbusto decumbente
<i>Chamaecrista nictitans</i> subsp. <i>disadena</i> (Steud.) H.S.Irwin & Barneby		Subarbusto
<i>Chloroleucon foliolosum</i> (Benth.) G.P.Lewis		Arbusto, arvoreta

<i>Crotalaria holosericea</i> Nees & Mart.	Guiso-de-cascavel	Subarbusto
<i>Desmodium glabrum</i> (Mill.) DC.	Rapadura de cavalo	Arbusto
<i>Desmodium procumbens</i> (Mill.) Hitchc.	Amor-de-vaqueiro	Subarbusto
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	Mucunã, Olho de boi	Liana
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Árvore
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Tambor, Timbaúba, Orelha-de-Negro	Árvore
<i>Galactia striata</i> (Jacq.) Urb.		Trepadeira volúvel
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Árvore
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anil	Arbusto
<i>Luetzelburgia auriculata</i> (Allemão) Ducke	Pau Pedra	Arbusto, arvoreta
<i>Macroptilium martii</i> (Benth.) Maréchal & Baudet		Trepadeira volúvel
<i>Macroptilium atropurpureum</i> (Sessé & Moc. ex DC.) Urb.		Trepadeira volúvel
<i>Mimosa ophthalmocentra</i> Mart. ex Benth.		Arvoreta
<i>Mimosa borboremae</i> Harms	Maliça de Bode	Erva decumbente
<i>Mimosa paraibana</i> Barneby		Arbusto
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	Jurema Preta	Arbusto, arvoreta
<i>Peltogyne pauciflora</i> Benth.		Arvoreta
<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth.) Ducke	Amorosoa	Arvoreta
<i>Poincianella pyramidalys</i> (Tul.) L.P. Queiroz	Catingueira	Arbusto, arvoreta
<i>Schrankia leptocarpa</i> DC.		Subarbusto escandente
<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby		Arbusto
<i>Senna martiana</i> (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	Canafistula	Arbusto
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Mata Pasto	Subarbusto
<i>Senna uniflora</i> (Mill.) H.S. Irwin & Barneby	Mata-Pasto	Erva, subarbusto
<i>Stylosanthes humilis</i> Kunth		Subarbusto
<i>Stylosanthes viscosa</i> (L.) Sw.		Subarbusto
<i>Vigna halophila</i> (Piper) Maréchal et al.		Trepadeira volúvel
<i>Zornia brasiliensis</i> Vogel		Subarbusto
<i>Zornia grandiflora</i> Fort.-Perez & A.M.G. Azevedo		Subarbusto
<i>Zornia leptophylla</i> (Benth.) Pittier		Erva
Gentianaceae		
<i>Schultesia guianensis</i> (Aubl.) Malme var. <i>guianensis</i>		Erva
Lamiaceae		
<i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R.Br		Erva

<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze		Erva
<i>Mesosphaerum pectinatum</i> (L.) Kuntze		Subarbusto
<i>Medusantha martiusii</i> (Benth.) Harley & J.F.B. Pastore ex Benth.	Alecrim	Arbusto
Loasaceae		
<i>Aosa rupestris</i> (Gardner) Weigend	Urtiga de Lajedo	Erva
<i>Mentzelia aspera</i> L.		Erva, subarbusto
Loganiaceae		
<i>Spigelia anthelmia</i> L.		Erva
Loranthaceae		
<i>Struthanthus calobotrys</i> Eichler	Enxerto, Erva-de-Passarinho	Subarbusto epífita (parasita)
Lythraceae		
<i>Ammannia latifolia</i> L.		Erva semiaquática
Malpighiaceae		
<i>Byrsonima gardneriana</i> A.Juss.	Muricí	Arbusto, arvoreta
Malvaceae		
<i>Ayenia</i> sp		Erva
<i>Corchorus hirtus</i> L.		Subarbusto
<i>Herissantia tiubae</i> (K.Schum.) Brizicky	Malva	Arbusto, subarbusto
<i>Helicteres baruensis</i> Jacq.	Saca-rolha	Arbusto
<i>Melochia tomentosa</i> L.		Arbusto
<i>Sida</i> sp.cf.		Subarbusto
<i>Sida</i> cf. <i>brittoni</i>		Subarbusto
<i>Sida galheirensis</i> Ulbr.	Malva	Subarbusto
<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.		Erva prostrada
<i>Waltheria indica</i> L.		Arbusto, subarbusto
<i>Waltheria operculata</i> Rose		Erva
<i>Waltheria rotundifolia</i> Schrank		Arbusto
Melastomataceae		
<i>Acisanthera variabilis</i> (Naud.) Triana		Erva decumbente
<i>Pterolepis polygonoides</i> (DC.) Triana		Erva
<i>Pterolepis cearensis</i> Huber		Erva
<i>Pterolepis</i> sp. aff. <i>cearensis</i>		Erva ereta
<i>Tibouchina gardneri</i> (Naudin) Cogn.		Arbusto
Menispermaceae		
<i>Cissampelos sympodialis</i> Eichler		Trepadeira volúvel
Molluginaceae		
<i>Mollugo verticillata</i> L.		Erva
Myoporaceae		
<i>Capraria biflora</i> L.		Subarbusto
Nyctaginaceae		
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega Pinto	Erva
Ochnaceae		
<i>Sauvagesia sprengelii</i> A. St.-Hil		Erva
Onagraceae		

<i>Ludwigia erecta</i> (L.) H.Hara		Erva, subarbusto
<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H.Raven		Erva, subarbusto
Oxalidaceae		
<i>Oxalis glaucescens</i> Norlind	Azedinha	Erva
Passifloraceae		
<i>Passiflora foetida</i> L.	Camapu, Maracujá de Estralo	Trepadeira com gavinha Subarbusto
<i>Turnera chamaedrifolia</i> Cambess.		Subarbusto
<i>Turnera calyptrocarpa</i> Urb.	Chanana	Subarbusto
Phyllanthaceae		
<i>Phyllanthus heteradenius</i> Müll.Arg.		Erva
Phytolaccaceae		
<i>Microtea longibracteata</i> H.Walter		Erva
Plantaginaceae		
<i>Angelonia arguta</i> Benth.		Subarbusto
<i>Angelonia biflora</i> Bent.		Erva
<i>Angelonia campestris</i> Nees & Mart.		Arbusto
<i>Bacopa angulata</i> (Benth.) Edwall		Erva subaquática
<i>Bacopa salzmännii</i> (Benth.) Wettst. ex Edwall		Erva subaquática
<i>Monopera micrantha</i> (Benth.) Barringer		Erva aquática
Polygalaceae		
<i>Asemeia martiana</i> (A.W.Benn.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott		Erva
<i>Asemeia ovata</i> (Poir.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott		Erva, flores violáceas
Portulacaceae		
Polygonaceae		
<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	Pajeú	Árvore
<i>Portulaca elatior</i> L.		Erva crassa
Rhamnaceae		
<i>Crumenaria decumbens</i> Mart.		Erva
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	Árvore
Rubiaceae		
<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll.Arg.	Angélica	Arbusto, arvoreta
<i>Hexasepalum radula</i> (Willd.) Delprete & J.H. Kirkbr.		Subarbusto
<i>Mitracarpus baturitensis</i> Sucre		Subarbusto
<i>Mitracarpus polygonifolius</i> (A. St.- Hil.) R.M. Salas & E.B. Souza		Subarbusto
<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schltdl.) Steud.		Erva
<i>Staelia virgata</i> (Link ex roem. & Schult.) K.Schum.		Erva
<i>Tocoyena bullata</i> (Vell.) Mart.	Genipapo Bravo	Arvoreta
Santalaceae		

<i>Phoradendron quadrangulare</i> (Kunth) Griseb.	Enxerto, Erva de Passarinho	Subarbusto hemiparasita
Sapindaceae		
<i>Allophylus quercifolius</i> (Mart.) Radlk.		Arvoreta
<i>Cardiospermum corindum</i> L.	Cipó pra Tudo	Trepadeira com gavinha
<i>Serjania marginata</i> Casar.	Mata Fome	Trepadeira com gavinha
Sapotaceae		
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Quixaba	Árvore
Solanaceae		
<i>Capsicum parvifolium</i> Sendtn.	Pimenta de Macaco	Arbusto
<i>Physalis pubescens</i> L		Erva
<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Gogóia	Subarbusto
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva Moura	Erva
<i>Solanum cf. jabrense</i> Agra & M.Nee		Arbusto
<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn.	Jurubeba brava	Arbusto
Urticaceae		
<i>Phenax sonneratii</i> (Poir.) Wedd.		Erva
Verbenaceae		
<i>Lantana fucata</i> Lindl		Arbusto
<i>Lippia grata</i> Schauer		Arbusto
<i>Stachytarpheta sessilis</i> Moldenke	Gervão	Erva
Violaceae		
<i>Pombalia communis</i> (A.St.-Hil.) Paula-Souza		Erva, flor branca
<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula- Souza		Erva, flor cerúlea ou branca
Vitaceae		
<i>Cissus blanchetiana</i> Planch.		Erva trepadeira
<i>Cissus decidua</i> Lombardi	Tripa-de-galinha	Erva trepadeira
<i>Cissus tinctoria</i> Mart.		Trepadeira
Zygophyllaceae		
<i>Tribulus terrestris</i> L.		

DESCRIÇÃO E ILUSTRAÇÕES DAS ESPÉCIES ESTUDADAS

Licófitas e Monilófitas (Pteridófitas)

Esse grupo de plantas sem flores está representado por seis espécies, duas delas Licófitas e quatro Monilófitas, estas últimas, mais conhecidas como samambaias. São plantas que não produzem flores, frutos ou sementes. Reproduzem-se por esporos que, ao germinarem, originam um indivíduo haploide (com n cromossomos), os quais produzem gametas (células reprodutivas) que se fusionam e originam um indivíduo diploide (com $2n$ cromossomos), que constitui a chamada fase esporofítica. Esta última, é a fase de vida mais longa nesse grupo de plantas, pela qual essas plantas são conhecidas. Cinco espécies foram reconhecidas para a Serra do Jatobá: *Isoetes luetzelburgii* U.Weber e *Selaginella convoluta* (Arn.) Spring (Licófitas), *Anemia tomentosa* (Sav.) Sw., *Doryopteris varians* (Raddi) J.Sm. e *Ophioglossum nudicaule* L.f. (Monilófitas).

1. ISOETACEAE

Isoetes luetzelburgii U.Weber (Figura 1). Essa curiosa espécie foi descrita em 1923 pelo botânico alemão Ulrich Weber que estudou as Pteridófitas coletadas pelo também botânico alemão Philipp von Luetzelburg, a partir de um espécime coletado *in civitate Parahiba do Norte, Serra da Borborema, Lagoa dos Patos* depositado no Herbário de Munique (M), na Alemanha. Trata-se de uma espécie rara para a qual são conhecidos os registros do material tipo (Luetzelburg Nº 13.709, Jul 1921), além de outra coleta do próprio Luetzelburg para o município de Souza e outras de duas coletas mais recentes para o Estado de Pernambuco. São plantas herbáceas aquáticas e semiaquáticas que ocorre em lagoas e poças temporárias, exclusivamente nas caatingas dos estados da Paraíba e Pernambuco.

2. SELAGINELLACEAE

Selaginella convoluta (Arn.) Spring (Figura 1). Conhecida popularmente com Jericó, é amplamente utilizada como medicinal, sendo comumente comercializada nas feiras

livres. Para essa espécie são referidas atividades como antioxidante, anticonceptivo e antibacteriana. Trata-se de uma planta poiquilohídrica que desidrata e enrugua suas partes vegetativas, formando uma estrutura esférica, similar ao punho, razão pela qual é também conhecida como Mão Fechada. Todavia, com a volta das chuvas, a planta "redivive", distende suas frondes e retoma a coloração verde. É encontrada em todos os estados da Região Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste e no Paraná, vegetando sobre a superfície de afloramentos rochosos e no solo da Caatinga.

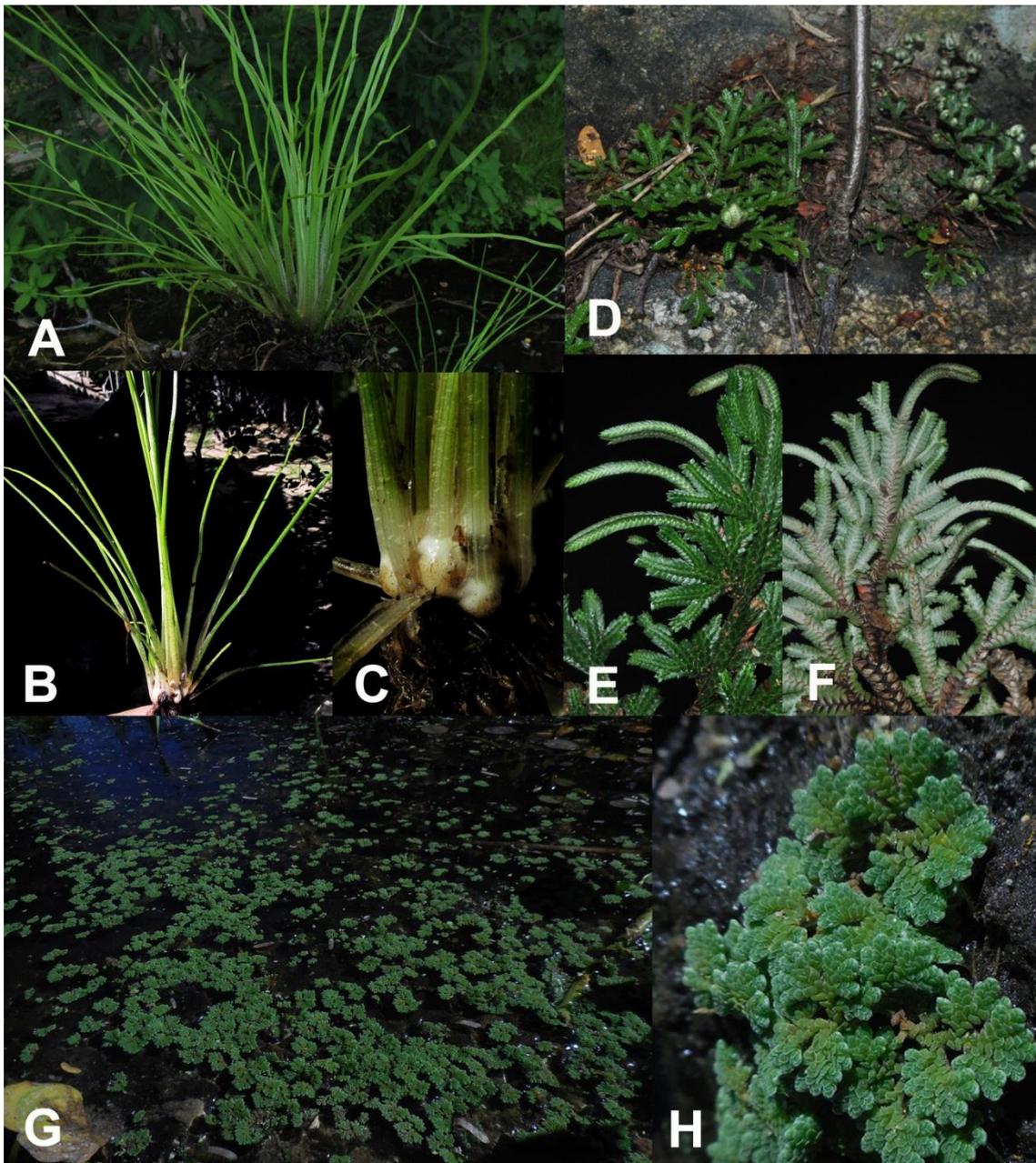


Figura 1. *Isoetes luetzelburgii* (A-C). Aspecto vegetativo da planta removida da margem de um riacho temporário próximo ao afloramento (A); indivíduo exibindo a base das folhas (B) onde estão localizados os esporângios (C). *Selaginella convoluta* (E-F). Aspecto vegetativo da planta na superfície da rocha (D); parte adaxial (E) e abaxial dos ramos vegetativos e férteis da planta. *Azolla filiculoides* (G-H). Planta em seu habitat (G); detalhe do esporófito (H).

ANEMIACEAE

Anemia tomentosa (Sav.) Sw. (Figura 2). Espécie terrestre de ocorrência no Brasil, com registros para a Região Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe) e para todos os estados das Regiões Sudeste e Sul. É utilizada como medicinal, produzindo um óleo essencial que possui ação *in vitro* confirmada contra *Mycobacterium tuberculosis*. São plantas de hábito terrestre ou rupícola, com esporófito ereto.

PTERIDACEAE

Doryopteris varians (Raddi) J.Sm. (Figura 2). Planta poiquilohídrica que ocorre exclusivamente sobre afloramentos rochosos. A espécie só havia sido registrada antes para a Mata Atlântica, sendo este o primeiro registro da espécie para a Caatinga e para o Estado da Paraíba. Há registros prévios para Pernambuco e para todos os estados das Regiões sudeste e Sul. Possui esporófito pouco diferenciado, com soros marginais contínuos.

OPHIOGLOSSACEAE

Ophioglossum nudicaule L.f. (Figura 2). Trata-se de uma espécie pantropical de ocorrência ampla no Brasil, com registro para as Regiões Norte (Acre), Nordeste (Paraíba e Bahai), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do sul), Sudeste, em todos os estados, exceto Espírito Santo e para todos os estados da Região sul. São plantas pequenas (3-8cm de comprimento), com esporóforo espiciforme, pedicelado.

SALVINIACEAE

Azolla filiculoides Lam. (Figura 1). Pequena erva aquática e semiaquática, muitas vezes cobrindo toda ou quase toda a superfície líquida dos barreiros, poças e poços de rios temporários. Tem distribuição cosmopolita mundial e, para o Brasil é referida para todas as regiões brasileiras em diferentes climas e ambientes. Apesar de ser considerada uma planta invasora, tem um papel ecológico importante na absorção de poluentes, principalmente metais pesados. Tem sido amplamente utilizada como planta fixadora de nitrogênio no solo, especialmente nos campos de cultivo de Arroz.

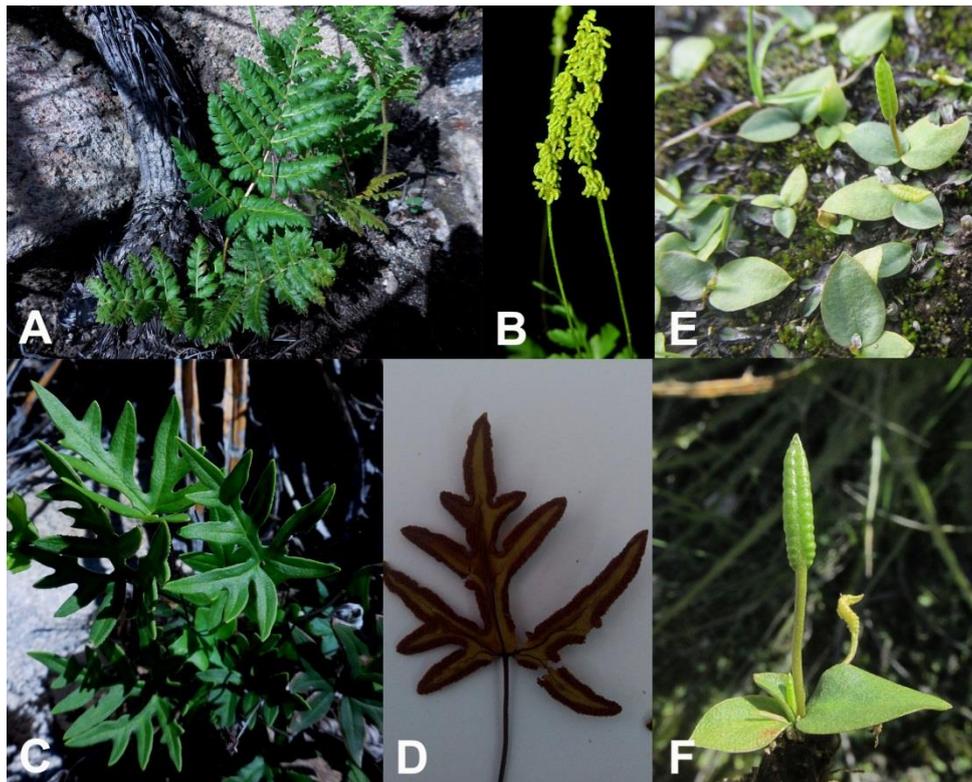


Figura 2. *Anemia tomentosa* (A-B). Planta em seu ambiente natural (A); detalhe do esporófilo(B). *Doryopteris varians* (C-D). Hábito de crescimento (C); detalhe da fronde fértil mostrando soro marginal contínuo (D). *Ophioglossum nudicaule* (E-F). Plantas em vários estágios de crescimento (E); indivíduo adulto, mostrando fronde fértil e esporângio (F) (fotos A e C, JMPCordeiro; demais fotos, LPFelix).

Nymphaeales

São plantas aquáticas de águas paradas ou de correntes lentas, rizomatosas fixas no fundo dos rios e lagos, flutuantes ou submersas.

NYMPHAEACEAE

Nymphaea pulchella DC. (Figura 3). Planta neotropical que ocorre desde o México, até a América Central, Antilhas e América do Sul. No Brasil esta espécie ocorre no Pará e em todos os estados das Regiões Nordeste, Sudeste e sul. São plantas aquáticas com belas flores brancas, estames amarelos e antese diurna. Na Serra a espécie é encontrada em pequenos açudes, riachos e poças temporárias no pé da Serra.



Figura 3. A. *Nymphaea pulchella*. Planta em seu habitat; B-C; *Aristolochia birostris* Hábito (B); detalhe da flor (C).

Grupo Magnoliídeo

Esse grupo de plantas, também conhecido como Mesangiospermas, compõe um clado monofilético disposto entre o mais primitivo grupo de Angiospermas, o chamado Grupo ANA ou ANITA e as monocotiledôneas. É representado na Serra do Jatobá por duas espécies pertencentes a duas famílias: Aristolochiaceae e Annonaceae, com uma espécie cada.

ARISTOLOCHIACEAE

Aristolochia birostris Duch. (Figura 3B, C). Endêmica da Região Nordeste, onde ocorre em todos os estados, exceto Maranhão, nas vegetações de Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. Na Paraíba ocorre principalmente em Vegetação de Agreste, embora possa também ser encontrada nas Matas Litorâneas, Brejo de Altitude e Caatinga. São plantas volúveis com curiosas flores em forma de urna.

ANNONACEAE

Annona leptopetala (R.E.Fr.) H.Rainer (Figura 4). Endêmica da Região Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí). É uma espécie de hábito arborecente ou arbustivo que ocorre tipicamente na Caatinga e Cerrado, com registro para áreas de Brejo de altitude no município de Triunfo, Pernambuco. Possui flores trímeras, com pétalas carnosas de coloração vermelha a marrom claro e fruto composto formado por um agregado de bagas amarelas durante a maturação. Sua ocorrência na Serra está relacionada às regiões limítrofes do afloramento e em algumas áreas de terra formadas no próprio afloramento. São conhecidas suas atividades antitumorais e anti-inflamatória.

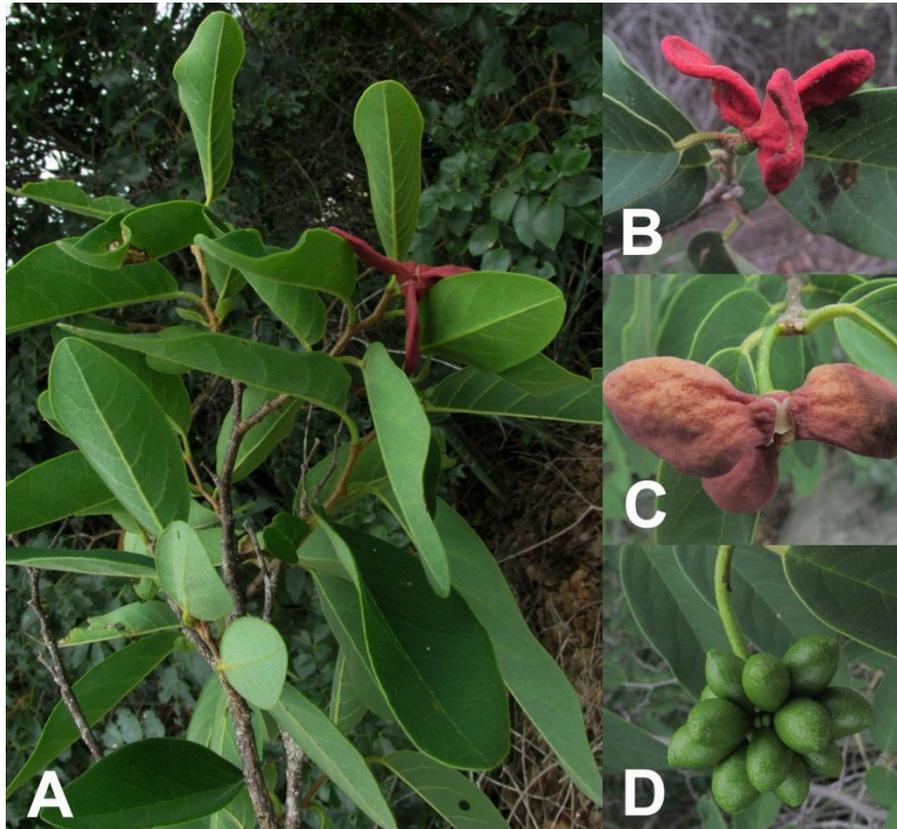


Figura 4. *Annona leptopetala*. Ramo fértil (A); Flores de coloração vermelha (B). marrom (C) e fruto composto com bagas imaturas (D).

Monocotiledôneas

As monocotiledôneas formam um grupo de plantas caracterizadas, entre outras coisas, por apresentar sementes com um único cotilédone (como no milho), flores trímeras, com três sépalas, três pétalas, três estames e ovário trilocular (ou múltiplos desses), folhas com nervuras paralelas e sistema radicular axial (raízes em forma de cabeleira). Fazem parte desse grupo, as orquídeas, lírios, gramíneas e Cyperaceae (capins e tiriricas), palmeiras, inhames, etc. Várias espécies de monocotiledôneas tem importância econômica fundamental, a exemplo do milho, trigo e cevada, que estão entre as plantas mais cultivadas do mundo, além de plantas ornamentais, como os lírios (famílias Amaryllidaceae, Liliaceae e Iridaceae), e outras famílias de plantas ornamentais, como as orquídeas, palmeiras, Araceae, etc. Na Serra esse grupo de plantas está representado principalmente pelas gramíneas, Cyperaceae e Bromeliaceae que ocorrem vegetando desde a rocha nua, em gretas do afloramento, ambientes aquáticos e semiaquáticos e, na vegetação da Caatinga arbustiva arbórea.

ALISMATACEAE

Hydrocleys martii Seub. (Figura 5. Ocorre exclusivamente na América do Sul: Urugai, Argentina e Brasil, em todos os estados das regiões Nordeste (exceto Maranhão e Sergipe), Norte (Pará), Centro-Oeste (Mato Grosso) e Sul (Santa Catarina). Planta aquática típica de lagoas e poças temporárias, vegetando sobre caldeirão temporário na porção mediana do afloramento. São ervas decumbentes, com folhas arredondadas flutuantes, com belas flores amarelas potencialmente ornamentais.



Figura 5. *Hydrocleys martii*. Planta em tanque temporário na porção mediana da Serra (A); Detalhe da flor (B).

3.2. *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltr.) Micheli (Figura 6). Espécie amplamente distribuída pelos neotrópicos, desde o México, Antilhas, América Central e América do Sul, até o Urugai. Para o Brasil ocorre Regiões Norte (Acre), Nordeste (exceto Rio Grande do Norte), Centro-Oeste, Sudeste e sul (todos os estados). São plantas com inflorescências longas, de flores brancas vistosas, de habitat aquático, frequente em lagoas e barreiros temporários. Planta muito utilizada na medicina popular, tendo sido comprovadas experimentalmente suas atividades hipotensora e anti-inflamatória.

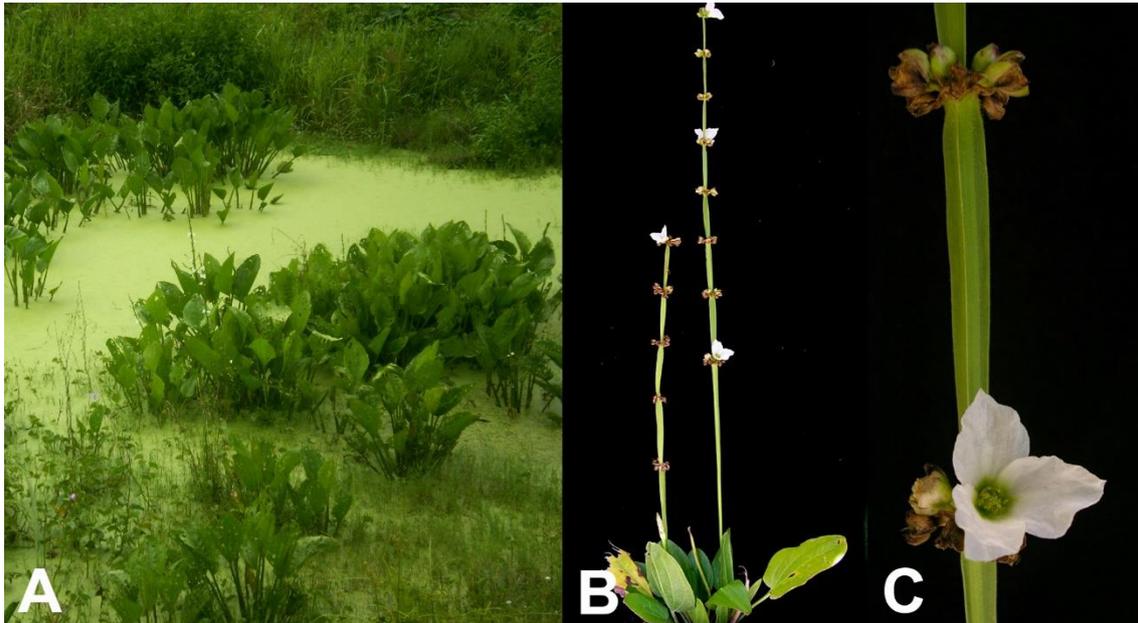


Figura 6. *Echinodorus grandiflorus*. Planta em poça temporária (A); detalhe de uma planta florida (B) e da flor (C).

ALSTROEMERIACEAE

Alstroemeria longistaminea Mart. ex Schult. & Schult.f. (Figura 7). Ocorre exclusivamente na Região Nordeste (exceto o Maranhão). São plantas geófitas com rizoma horizontal e raízes crassas que perdem totalmente a parte aérea na estação seca. Possui belas flores coralíneas com extremidades verdes nas sépalas e pétalas; frutos cápsulas circuncisas com pequenas sementes redondas de coloração marrom escuro. Tem ocorrência rara no afloramento, sendo encontrada apenas na porção superior da Serra do Jatobá.

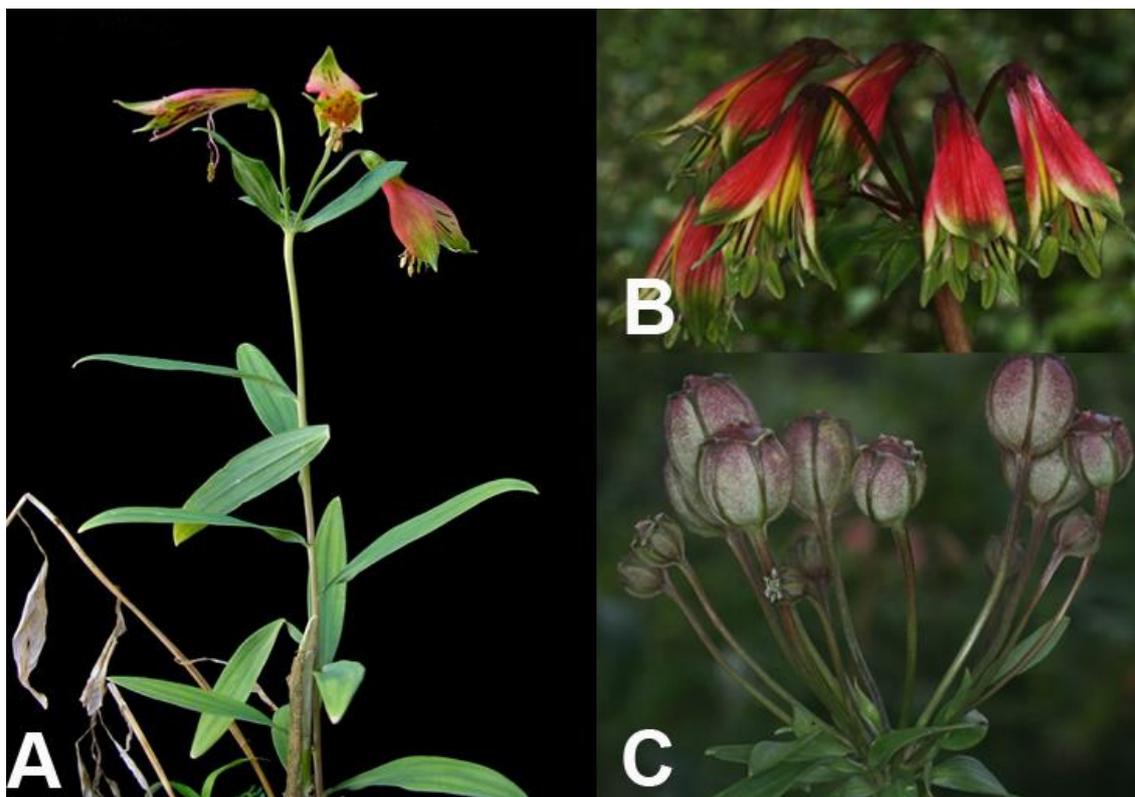


Figura 7. *Alstroemeria longistaminea*. A. Ramo florido. Detalhes da inflorescência (B) e frutos imaturos (C).

AMARYLLIDACEAE

Zephyranthes cearensis (Herb.) Baker (Figura 8). Espécie endêmica do Brasil onde ocorre no Tocantins e nas regiões Nordeste (todos os estados), Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás) e Sudeste (Minas Gerais). Plantas geófitas que permanecem em estado latente durante toda a estação seca, florescendo logo nas primeiras chuvas. Apresenta delicadas e efêmeras flores de coloração variando desde o branco até rosa avermelhado.



Figura 8. *Zephyranthes cearensis*. Flores com várias colorações.

ARACEAE

Anthurium affine Schott (Figura 9). Endêmica do Brasil, ocorre nas Regiões Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), Centro-Oeste (exceto Distrito Federal) e Sudeste (Minas Gerais e São Paulo). Possui habitat terrestre, rupícola ou epífita, é uma planta frequente em afloramentos rochosos da região Nordeste. Vários usos medicinais têm sido referidos para a espécie, tais como: diabetes, problemas cardíacos, antigripal e no combate aos sintomas da psoríase.



Figura 9. *Anthurium affine*. A. Hábito; B. Detalhe da inflorescência (espádice); C. Frutos jovens.

Pistia stratiotes L. Tem distribuição pantropical, tendo sido coletada pela primeira vez no rio Nilo, próximo ao Lago Vitória. Atualmente, a espécie é encontrada em praticamente todos os ambientes aquáticos das regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo. É considerada uma invasora severa, principalmente em ambientes de águas paradas. Para reduzir as populações em reservatórios invadidos, pode-se adotar o controle mecânico pela retirada das plantas, o controle químico, com o uso de herbicidas e também o controle biológico, pela utilização de insetos como *Neohydronomus affinis* (gorgulho) e da forma larval da mariposa *Namangama pectinicornis*.

6.3. *Taccarum peregrinum* (Schott) Engl. (Figura 10). Ocorre em na América Central e na América do Sul é referido para o Paraguai e Brasil, para as Regiões Nordeste (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco), Sudeste (São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina). Planta geófita que vegeta apenas durante a estação das chuvas, permanecendo em dormência durante toda a estação seca. Possui um sistema subterrâneo do tipo corno achatado. Tem ocorrência relativamente rara na Serra do Jatobá.

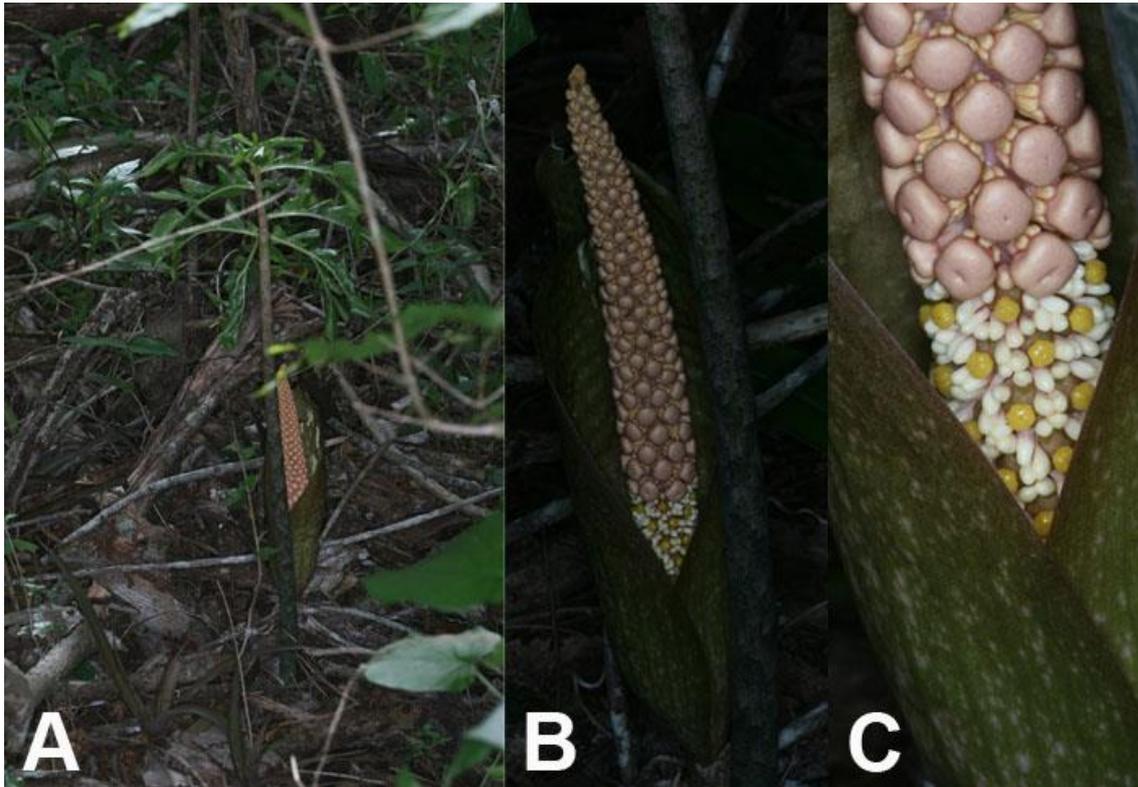


Figura 10. *Taccarum peregrinum*. A. Hábito de crescimento; B. Espádice e espata; C. Detalhes da inflorescência mostrando flores femininas (abaixo) e masculinas (acima).

ARECACEAE (PALMAE)

Syagrus cearensis Noblick (Figura 11). Endêmica da Região Nordeste para os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Possui estipe ereto ou ligeiramente arqueado, ramificado na base; inflorescência em panículas arqueadas e pendentes de flores amarelas unissexuais e frutos do tipo drupa elipsoide carnosa de coloração amarela com polpa adocicada comestível amplamente utilizada para alimentação humana e animal. Além disso, as folhas são utilizadas para confecção de chapéus, paneiros para prensas de mandioca na fabricação de farinha, além de potencial elevado para uso como planta ornamental (Noblick, 2017). Planta amplamente conhecida em todo o Nordeste do Brasil, porém, tem ocorrência rara nas encostas com caatinga arbórea da Serra do Jatobá. Até o momento, há registro da ocorrência de apenas duas plantas juvenis.



Figura 11. *Syagrus cearensis*. Hábito de crescimento.

BROMELIACEAE

Aechmea aquilega (Salisb.) Griseb. (Figura 12). Tem distribuição ampla nos neotrópicos, ocorrendo no Caribe, América Central e na América do Sul, nas Guianas, Venezuela e

Brasil, nas Regiões Norte (Amazonas), Nordeste (exceto Maranhão e Piauí) e Sudeste, no Espírito Santo. São plantas epífitas, terrestres ou rupícolas, com flores amarelas e brácteas vermelhas. Planta com bom potencial de uso como ornamental. Na Serra do Jatobá ocorre exclusivamente como planta rupícola.



Figura 12. *Aechmea aquilega*. Hábito de crescimento mostrando detalhes da inflorescência.

Aechmea leptantha (Harms) Leme & J.A. Siqueira (Figura 13). Planta endêmica do Nordeste do Brasil, com ocorrência restrita aos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. São plantas epífitas ou rupícolas com flores amarelas, inflorescência com até mais de um metro de altura de belo efeito ornamental. Conhecida popularmente como gravatá, ocorre na meia encosta, exclusivamente como rupícola.

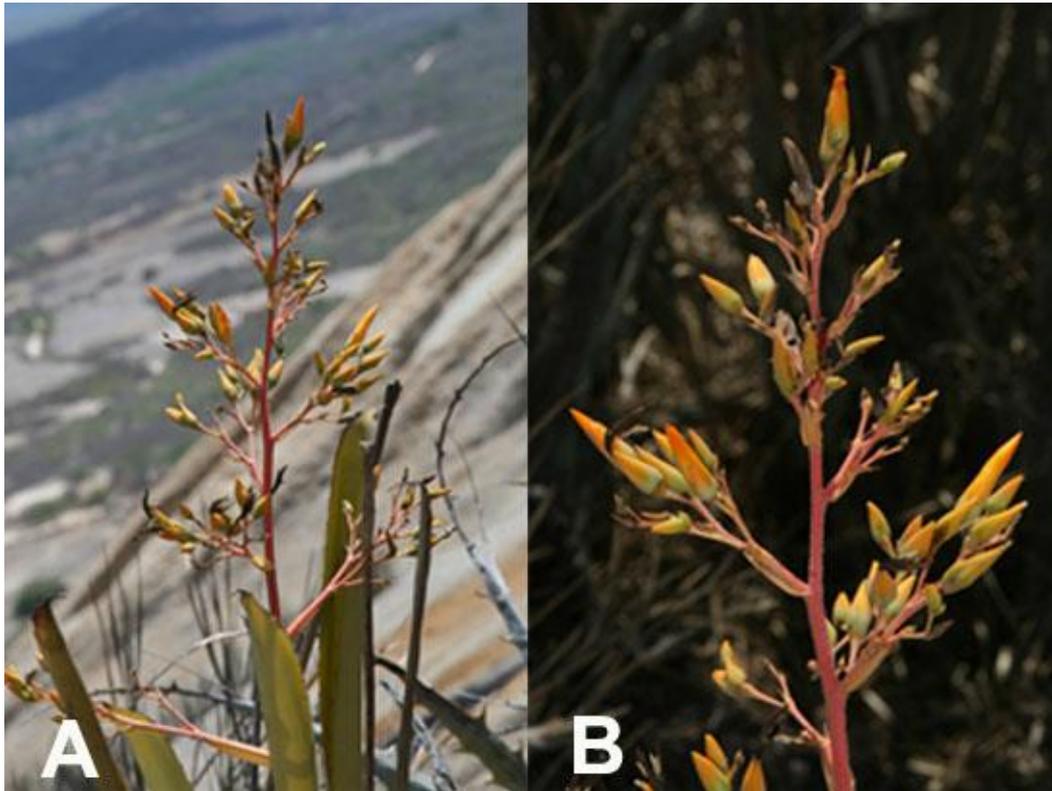


Figura 13. *Aechmea leptantha*. A. Hábito de crescimento em seu habitat; B. Detalhe da inflorescência.

Encholirium spectabile Mart. ex Schult. & Schult.f. (Figura 14). Espécie típica da Caatinga Nordestina, conhecida popularmente como Macambira de Lajedo. É endêmica da Região Nordeste, ocorrendo em afloramentos rochosos de todos os estados, exceto, Maranhão. Forma grandes touceiras ou moitas; possui inflorescência racemosa com até mais de dois metros de altura. Na Serra do Jatobá, sua maior ocorrência é principalmente na base do afloramento.



Figura 14. *Encholirium spectabile*. A. Grande moita, formada provavelmente por um único clone. B. Detalhe da inflorescência.

Hohenbergia catingae Ule. (Figura 15). Espécie endêmica do Brasil, referida para todos os estados da Região Nordeste, exceto Maranhão e Piauí e, na Região Sudeste, para o Norte de Minas Gerais. Tem habitat principalmente rupícola embora também ocorra como epífita e, mais raramente, como terrestre. Suas folhas possuem margens com espinhos, possui inflorescência paniculada com haste floral avermelhada e flores lilases.

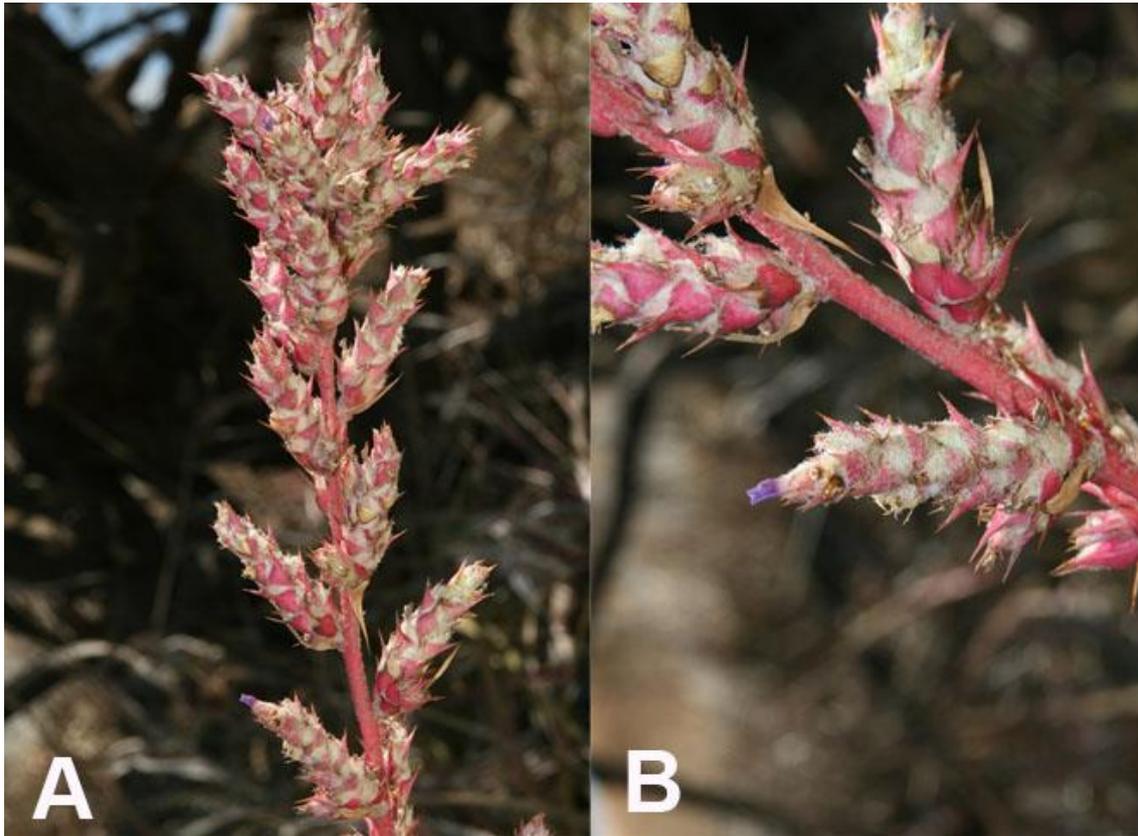


Figura 15. *Hohenbergia catingae*. A. Inflorescência; B. Detalhe mostrando brácteas espinescentes e flores lilases.

Neoglaziovia variegata (Arruda) Mez (Figura 16). Conhecida popularmente como Caroá, trata-se de uma espécie endêmica do Brasil que ocorre em todos os estados da Região Nordeste e, também em Minas Gerais. A espécie já foi amplamente utilizada como planta fibrosa, especialmente na confecção de cordas e tecidos grosseiros. Atualmente na região da Chapada Diamantina, Bahia, ainda é utilizada para produção de sacolas conhecidas localmente como aiós. São plantas principalmente terrestres, embora também ocorra nas imediações de afloramentos rochosos. Possui folhas crassas de coloração verde a amarronzada com manchas acinzentadas transversais, inflorescência com ramos vermelhos e flores violáceas.

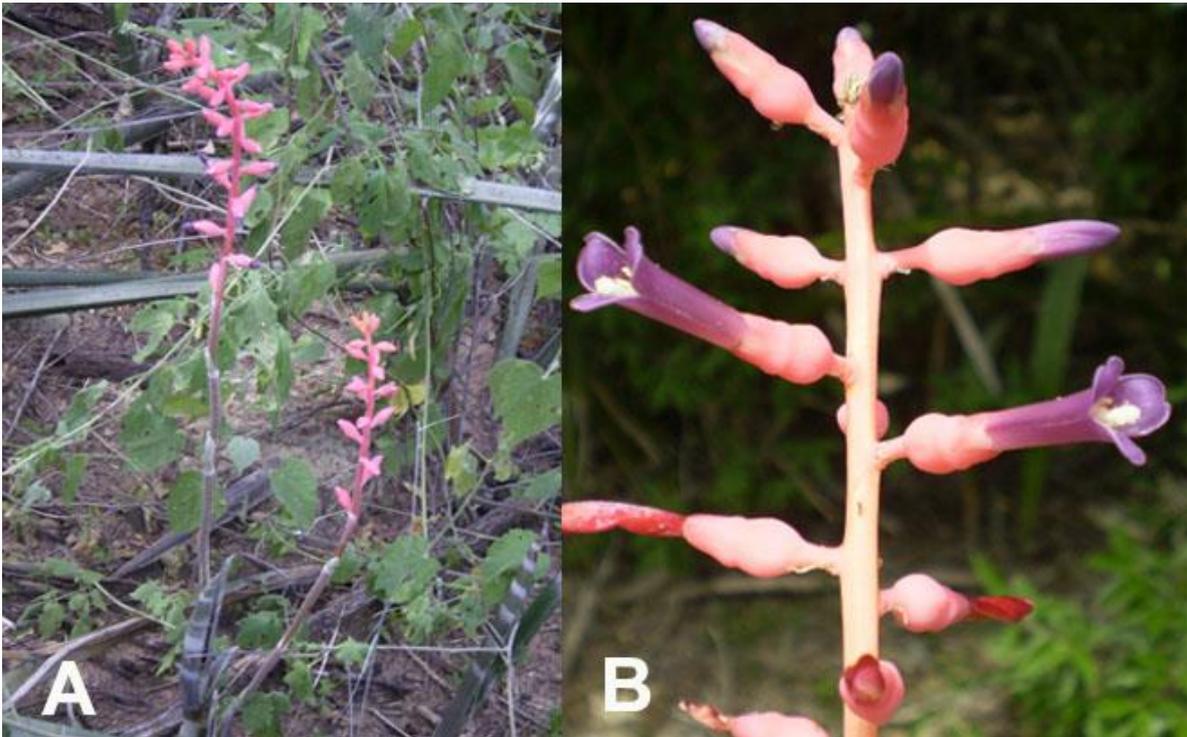


Figura 16. *Neoglaziovia variegata*. A. Hábito de crescimento de uma planta no campo; B. Detalhe da flor.

Orthophytum disjunctum L.B.Sm. (Figura 17). Endêmica da Região Nordeste, sendo citada para os Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia. São plantas de hábitat exclusivamente rupícola com até cerca de 50cm de altura. Partes vegetativas recobertas por tricomas de coloração acinzentada; flores brancas. Planta com razoável potencial de uso como ornamental.



Figura 17. *Orthophytum disjunctum*. A. Plantas em seu habitat em vários estágios de desenvolvimento; B. Detalhe da inflorescência (Foto de Erton M. de Almeida)

Tillandsia loliacea Mart. ex Schult. & Schult. f. (Figura 18). Trata-se uma planta pequena que forma densas touceiras, como epífita ou rupícola. Possui folhas crassas recobertas por escamas acinzentadas, inflorescências eretas, racemosas. Ocorre na Argentina, Bolívia, Paraguai e Peru. No Brasil, é referida para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, na Regiões Nordeste, na Região Centro-Oeste, no Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e nas Regiões Sudeste e Sul, no Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.



Figura 18. *Tillandsia loliacea*. Planta rupícola em seu habitat na Serra do Jatobá.

Tillandsia paraensis Mez. Planta epífita, geralmente solitária, folhas acinzentadas, inflorescências com brácteas róseas, flores róseas. Na América do Sul, ocorre na Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Peru e Venezuela. Para o Brasil, nas Regiões Norte (Pará, Amazonas, Acre e Rondônia), Nordeste (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia) e Centro-Oeste (Mato Grosso).

8.8. *Tillandsia recurvata* (L.) L. (Figura 19). Planta de ocorrência muito comum em toda a América Tropical. Para o Brasil é referida para as Regiões Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). São plantas com surpreendente capacidade adaptativa, podendo ocorrer praticamente em qualquer tipo de substrato seco, sendo especialmente comum sobre a fiação elétrica de alta tensão, onde frequentemente ocasiona problemas de falta de energia.



Figura 19. *Tillandsia recurvata*. Planta epifitando *Erythrina velutina* (mulungú). Observe como forma uma densa touceira sobre o ramo.

Tillandsia streptocarpa Baker. (Figura 20). São plantas epífitas com folhas fortemente recobertas por indumento acinzentado, inflorescências racemosas eretas com belas flores lilases. Na América do Sul há registros da espécie para a Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai. Para o Brasil, ocorre em ambientes tão variados quanto nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Mata Atlântica, Pampa, Cerrado e Caatinga. É citada para as Regiões Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul).

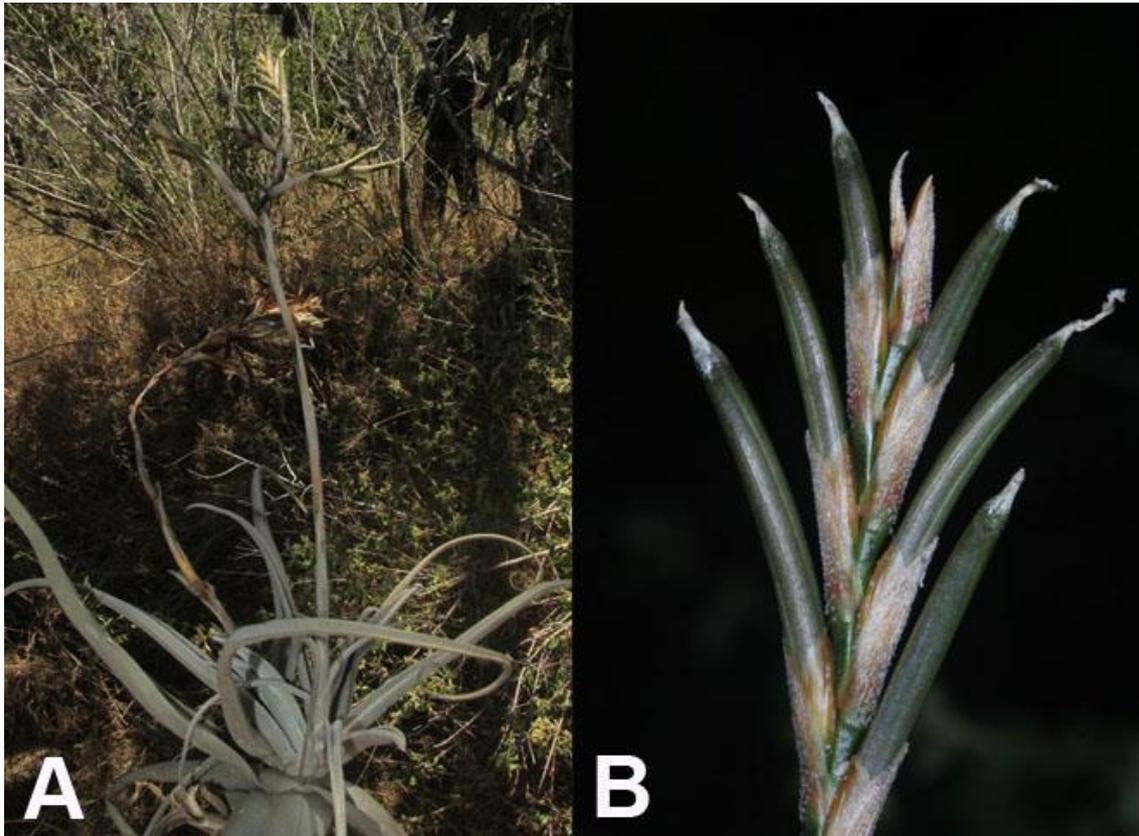


Figura 20. *Tillandsia streptocarpa*. A. Hábito de crescimento na Serra do Jatobá; B. Detalhe dos frutos (cápsulas) imaturos.

COMMELINACEAE

Aneilema brasiliense C.B.Clarke (Figura 21). Espécie de ocorrência exclusiva na América do Sul, com registros confirmados para a Venezuela e para o Brasil. Ocorre em todos os estados das Regiões Nordeste e Sudeste. São plantas herbáceas de caule carnoso, folhas membráceas, flores lilases, com até cerca de um metro de altura, de lugares úmidos e sombreados. N Serra do Jatobá é encontrada na base do afloramento em vegetação de caatinga arbórea.



Figura 21. *Aneilema brasiliense*. A. Ramo florido; B. Detalhe da inflorescência.

Callisia filiformis (M.Martens & Galeotti) D.R.Hunt. (Figura 22). Planta pequena de ambientes úmidos, geralmente com menos de 20 cm de altura, ramos carnosos, flores brancas. Ocorre tipicamente na base dos afloramentos rochosos com maior umidade. Ocorre nas Américas do Norte e Central, em Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e na América do Sul, na Bolívia, Venezuela. América Central, El Salvador. Para o Brasil, a espécie é citada para as Regiões Nordeste nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e , Centro-Oeste, no Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

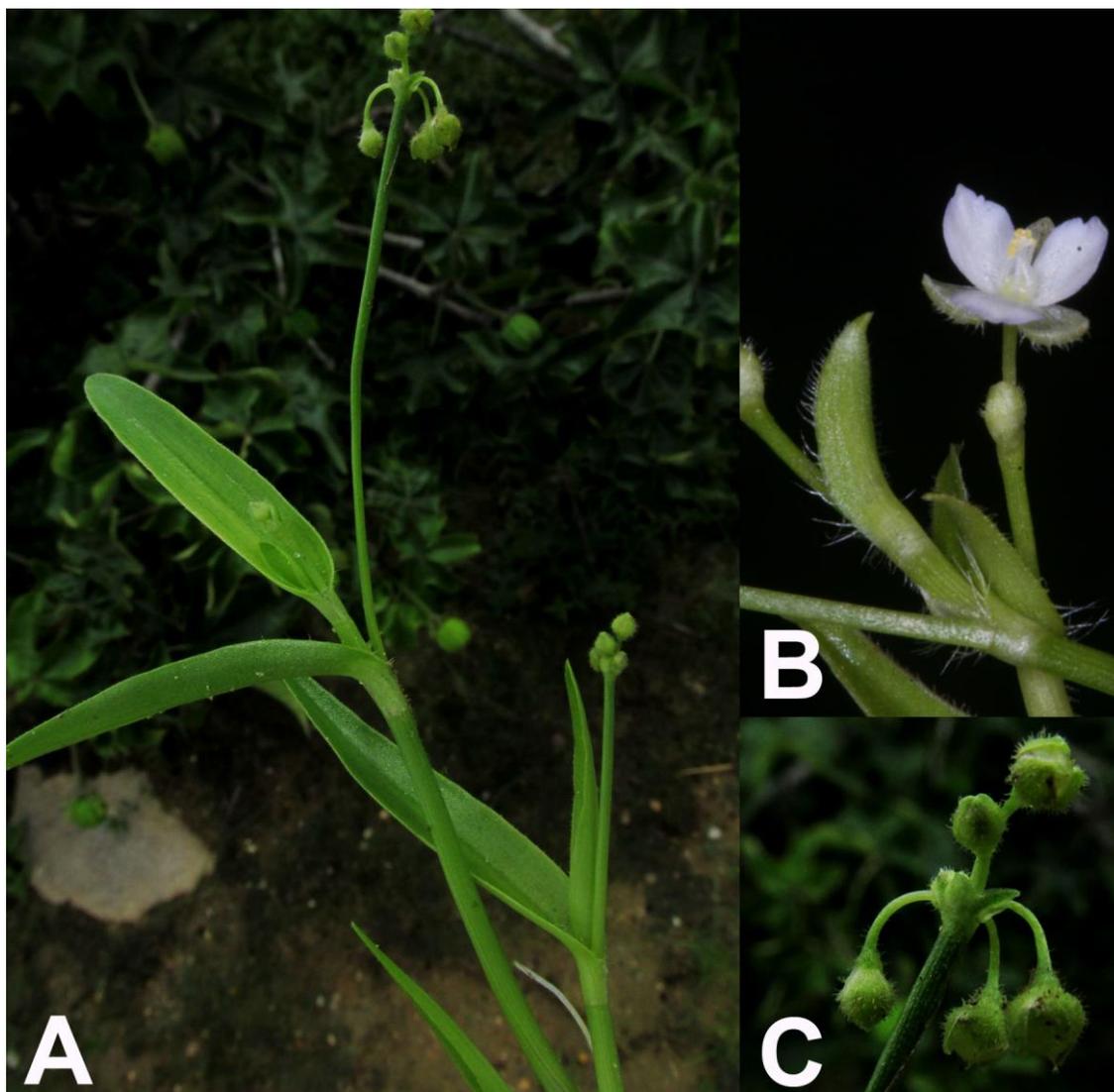


Figura 22. *Callisia filiformis*. A. Ramo com frutos; B. Detalhe de uma flor; C. Frutos imaturos.

Commelina benghalensis L. (Figura 23). Erva de hábito decumbente, com flores aéreas de cor azul e flores subterrâneas brancas, cleistogâmicas (formam frutos sem que as flores se abram). Além disso, se reproduzem vegetativamente. Trata-se de uma planta cosmopolita invasora de culturas que além de se reproduzir por rementes, se multiplicam vegetativamente por brotação de ramos. Para a América do Sul é referida para a Bolívia e Paraguai; para a América do Norte é citada para México, Estados Unidos e para a América Central, para Honduras. Para o Brasil, ocorre em todos os estados de todas as Regiões.

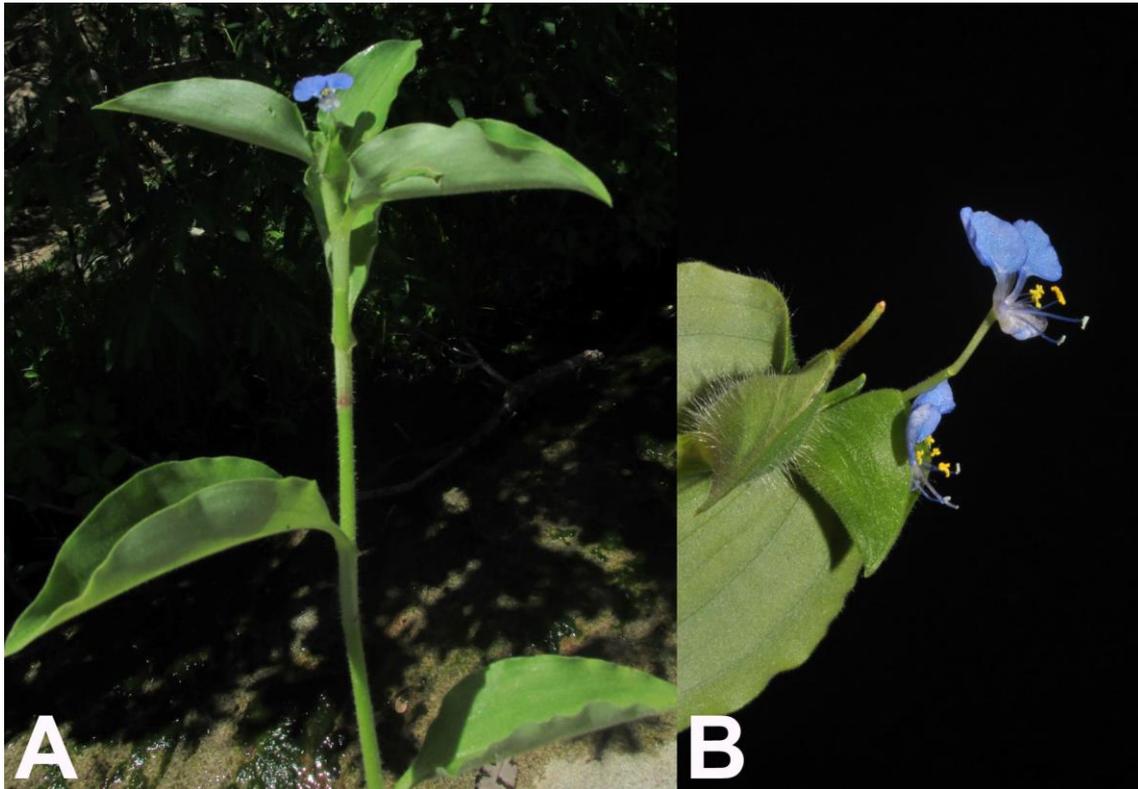


Figura 23. *Commelina benghalensis*. A. Ramo florido; B. Detalhe da inflorescência mostrando brácteas verdes e flores azuis.

Commelina erecta L. (Figura 24). Erva de hábito ereto, ramos crassos, flores azul-claro, sem inflorescência subterrânea. Tem distribuição cosmopolita, ocorrendo no México, por toda a América Central, sendo referida para a Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador e Guiana, na América do Sul. Para o Brasil tem ocorrência confirmada para todos os estados, exceto Rondônia, Roraima e Amapá. Assim como *C. bengalense*, também é considerada planta invasora, embora haja referências como planta medicinal para diversos fins, utilizada por comunidades da Índia, Uruguai, Argentina e México.



Figura 24. *Commelina erecta*. Ramo fértil, mostrando detalhe da flor.

Tinantia sprucei C.B.Clarke. Planta herbácea, anual, terrestre, geralmente associada a ambientes úmidos. Ocorre exclusivamente na América do Sul, com ocorrência confirmada para a Venezuela e Brasil, em todos os estados da Região Nordeste, Amazônica (Pará) e Centro-Oeste (Mato Grosso). Tem ocorrência esporádica na Serra do Jatobá, sendo visualizada na base do afloramento em locais úmidos e sombreados, durante a estação das chuvas.

CYPERACEAE

Bulbostylis capillaris (L.) C.B.Clarke. (Figura 25). Espécie com ampla distribuição nos neotrópicos, ocorrendo nos Estados Unidos, México, América Central, Caribe e América do sul na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru, além da Etiópia e Sri Lanka. Para o Brasil, há registros para todos os estados do país. Trata-se de uma espécie com até 30 cm de altura, inflorescências marrons que pode ocorrer nas fendas das rochas ou em solos arenosos na base do afloramento. Vários usos medicinais são conhecidos para essa espécie, incluindo atividade contra resfriados e no nascimento de dentes.



Figura 25. *Bulbostylis capillaris*. Planta em frechas da rocha na base do afloramento.

Bulbostylis juncoides (Vahl) Kük. ex Osten. Espécie amplamente distribuída nos neotrópicos, desde os Estados Unidos, México, América Central, Caribe e América do Sul, com ocorrências confirmadas para a Argentina, Bolívia, Equador, Guianas, Peru, Venezuela, com registros para todos os estados do Brasil. Na Serra do Jatobá ocorre como pequenas ervas de ambientes úmidos, na base do afloramento e pequenos riachos temporários. Trata-se de uma espécie bastante plimórfica podendo variar desde 10 até 40cm de altura.

Cyperus compressus L (Figura 26). Possui distribuição pantropical, incluindo Ásia, ilhas do sudeste Asiático, África, Madagascar, América do Sul, ilhas do Oceano Índico e ilhas do Pacífico Sul (Lunkai et al., 2010). No Brasil a espécie ocorre em todos os estados das Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Erva anual de tamanho bastante variável dependendo das condições ambientais, desde plantas com cerca de 40cm de altura, até plantas muito pequenas com cerca de 5cm.



Figura 26. *Cyperus compressus*. A-B. Hábito de crescimento de planta anã (A) e planta pelo menos três vezes maiores. C. Detalhe da inflorescência e espiguetas.

Cyperus ligularis L. (Fig.) Tem distribuição neotropical, desde o México até o Brasil, onde ocorre em todos os estados das Regiões Norte (exceto Acre e Rondônia), Nordeste, Sudeste e, na Região Sul, no Paraná e Santa Catarina, nos domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Caracteriza-se por apresentar folhas rígidas de bordo cortante o que justifica seu nome popular de "capim navalha".



Figura 27. *Cyperus ligularis*. A. Hábito de crescimento; B. Detalhe da inflorescência.

Cyperus rotundus L. (Figura 28). Conhecida popularmente como tiririca ou barba de bode, trata-se de uma erva daninha de distribuição cosmopolita, tendo como principais fatores limitantes à sua distribuição, as baixas temperaturas e umidade. Se reproduz tanto por sementes, como por via vegetativa, através de um complexo sistema subterrâneo que inclui rizomas, bulbos e tubérculos. Ocorre em todos os países do Continente Americano e em todos os estados do Brasil. É uma das mais sérias ervas daninhas conhecidas, sendo especialmente danosa para lavouras olerícolas e como invasora de gramados e jardins ornamentais. Na Serra ocorre próximo à base do afloramento em ambientes alterados.

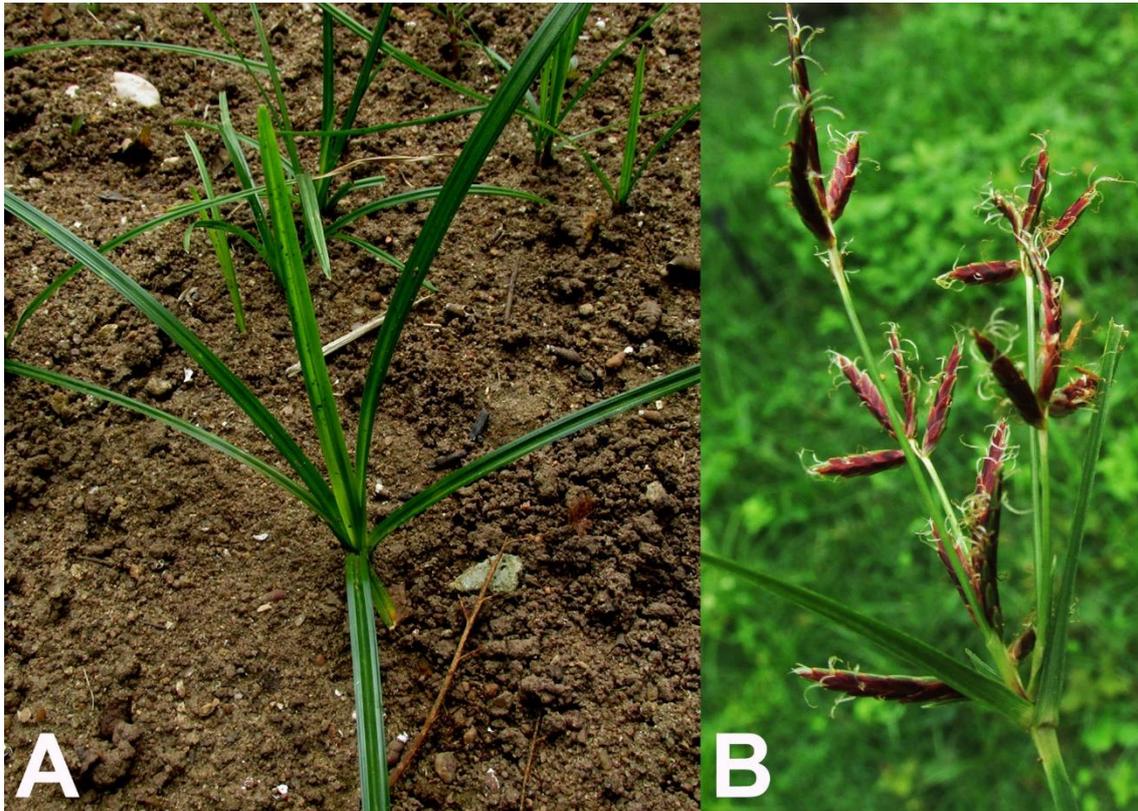


Figura 28. *Cyperus rotundus*. A. Planta estéril sobre canteiro de horta. B. Detalhe da inflorescência mostrando espiguetas marrons arroxeadas.

Eleocharis atropurpurea (Retz.) J.Presl & C.Presl. (Figura 29) Tem distribuição cosmopolita com ocorrência na Austrália, Papua Nova Guiné, Ásia, incluindo Índia, Paquistão, Butão, China, Indonésia, Japão e Vietnam; Filipinas, Madagascar. Nas Américas, ocorre nos Estados Unidos, México, América Central e América do Sul (Bolívia e Equador). No Brasil é referida para as Regiões Norte (Roraima), Nordeste (todos os estados, exceto Maranhão) e Centro-Oeste (Goiás). Erva de caule com aerênquima, subcilíndrico e inflorescência com brácteas verdes amarronzadas. Frequente em ambientes úmidos, próximos aos caldeirões e riachos temporários.



Figura 29. *Eleocharis atropurpurea*. Hábito de crescimento; B. Detalhe da inflorescência mostrando glumas verdes amarronzadas e estigma plumoso.

Eleocharis nigrescens (Nees) Kunth. Ampla distribuição, com registro de ocorrência para a Austrália, Madagascar e no Continente americano para os Estados Unidos, México, América Central, Caribe e América do sul, para a Bolívia e Venezuela. Para o Brasil, ocorre na Região Norte, exceto Amapá, Acre e Rondônia, Nordeste, exceto Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte e Centro-Oeste, para o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. São plantas tipicamente aquáticas e paludícolas com colmos eretos ou inclinados.

Rhynchospora globosa (Kunth) Roem. & Schult. (Fig. 30). Amplamente distribuída nos neotrópicos, desde o México, América Central, Cuba e América do Sul. No Brasil é referida para todos os estados. Trata-se de uma espécie típica de solos arenosos, podendo ocorrer nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Planta morfológicamente muito variável, sendo conhecidos vários táxons infraespecíficos e sinônimos taxonômicos. Apesar de ser uma espécie típica de ambientes abertos, só é encontrada em ambientes bem conservados. Na Serra do Jatobá é encontrada na base do afloramento em terrenos pedregosos, em gretas e solos acumulados nas depressões da rocha.



Figura 30. *Rhynchospora globosa*. A. Hábito da planta na base da Serra do Jatobá; B. Detalhe da inflorescência. Observe as brácteas brancas características da espécie.

Scleria reticularis Michx. (Figura 31). Tem distribuição ampla nos neotrópicos, desde o México até a Argentina. No Brasil ocorre na Região Norte (Pará e Roraima), em todos os estados da Região Nordeste e em Goiás nos domínios fitogeográficos da Mata Atlântica, Caatinga, Amazônia e Cerrado. Na Serra do Jatobá foram avistados poucos espécimes vegetando em ambientes alagados durante a estação das chuvas. Conhecida popularmente como tiririca, seus aquênios são utilizados na alimentação de pássaros engaiolados.



Figura 31. *Scleria reticularis* Michx. Ramo frutífero mostrando aquênios e brácteas marrons brilhantes.

DIOSCOREACEAE

Dioscorea campestris Griseb. (Figura 32). Ocorre exclusivamente na América do sul, referida para o Equador, Bolívia e Brasil para as Regiões Norte (Pará), Nordeste (exceto Maranhão), Centro-Oeste, Sudeste e Sul. São plantas dioicas com tubérculos grandes, achatados de formato variável, flores masculinas e femininas verdes. O tubérculo é utilizado em chás como medicamento para reumatismo e diabetes.



Figura 32. *Dioscorea campestris*. A. Tubérculo totalmente desenvolvido; B. Ramo vegetativo.

Dioscorea dodecaneura Vell. América do Sul, na Argentina, Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru. Para o Brasil nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Pará, Rondônia), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Essa espécie é facilmente caracterizada por apresentar folhas cores verdes e arroxeadas.

Dioscorea multiflora Mart. ex Griseb. América do Sul, na Argentina, Paraguai. Para o Brasil nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina).

Dioscorea ovata Vell. Ocorre na América do Sul, com registro para a Argentina, Paraguai, Peru, Bolívia e Brasil nas Regiões Nordeste (exceto Maranhão), Centro-Oeste (Goiás e distrito Federal), Sudeste e Sul. Planta dioica com tubérculos redondos, achatados. Ocorre principalmente em lugares abertos do afloramento. Se distingue de *D. campestris* pelo tubérculo mais arredondado e folhas com ápice acuminado.

ERIOCULACEAE

Paepalanthus bifidus (Schrad.) Kunth (Figura 33). Tem ocorrência restrita a América do sul, referida para as Guianas, Venezuela e Peru. Para o Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas e Pará), Nordeste e Sudeste (exceto São Paulo) nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. São plantas pequenas com no máximo 10cm de altura que ocorre tipicamente em fendas rochosas e solos arenosos.



Figura 33. *Paepalanthus bifidus*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá.

IRIDACEAE

Alophia drummondii (Graham) R.C. Foster (Figura 34). Tem distribuição neotropical, com registro de ocorrência para os Estados Unidos, México, Guiana, Bolívia e Brasil. Há coletas desta espécie para a Região Nordeste, nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco,

Alagoas e Bahia. Trata-se de uma planta bulbosa com belas e efêmeras flores roxas com máculas violáceas. Trata-se de uma planta geófita, que sobrevive durante toda a estação seca apenas sob a forma de bulbo dormente. Nas primeiras chuvas, inicialmente emergem as folhas graminiformes e depois as flores e, finalmente, frutos do tipo cápsula.

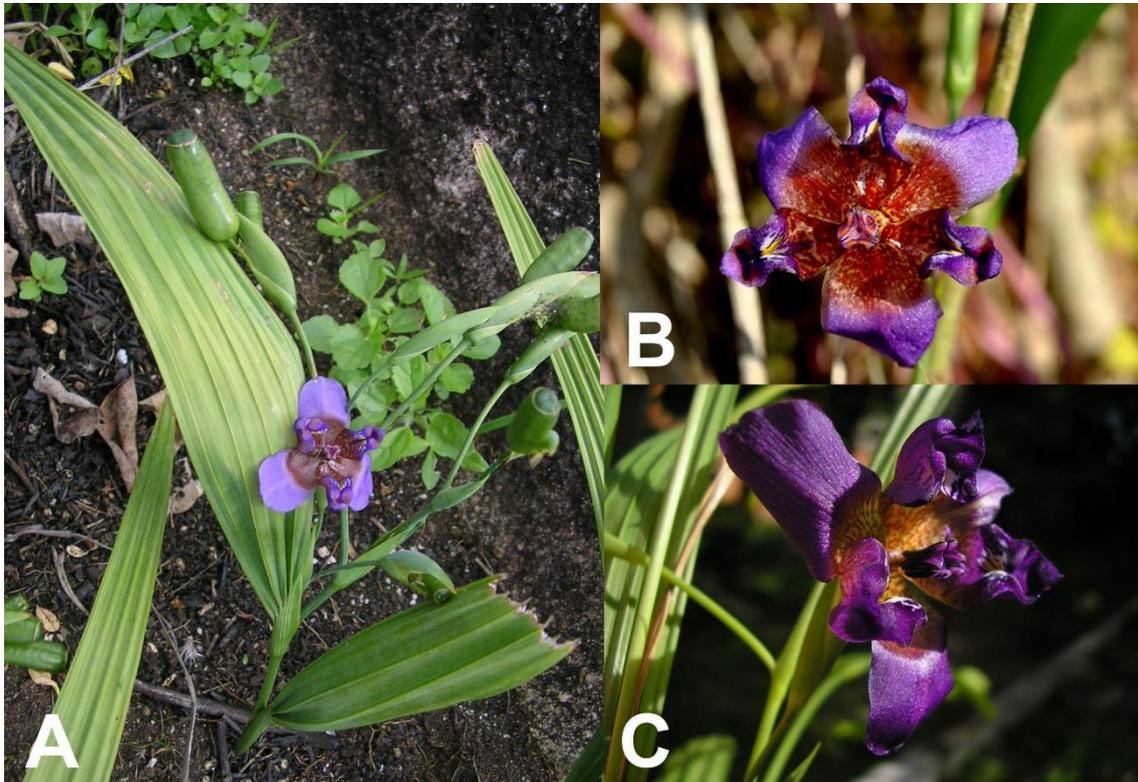


Figura 34. *Alophia drummondii*. A. Planta em seu habitat exibindo flor e frutos; B. Flor em vista frontal.; C. Flor em vista lateral.

14. MARANTHACEAE

Maranta zingiberina L. Andersson (Figura 35). Planta endêmica do Brasil com registros para as Regiões Nordeste (Paraíba, Pernambuco e Bahia) e Sudeste (Minas Gerais). São plantas típicas de afloramentos rochosos da vegetação da caatinga paraibana. A espécie foi descrita com em 1986 com base em materiais coletados na Bahia e na Paraíba (Anderson, 1986). Na Serra do Jatobá essa espécie ocorre em moitas junto a várias espécies de plantas que ocorrem sobre o afloramento principalmente na meia encosta.

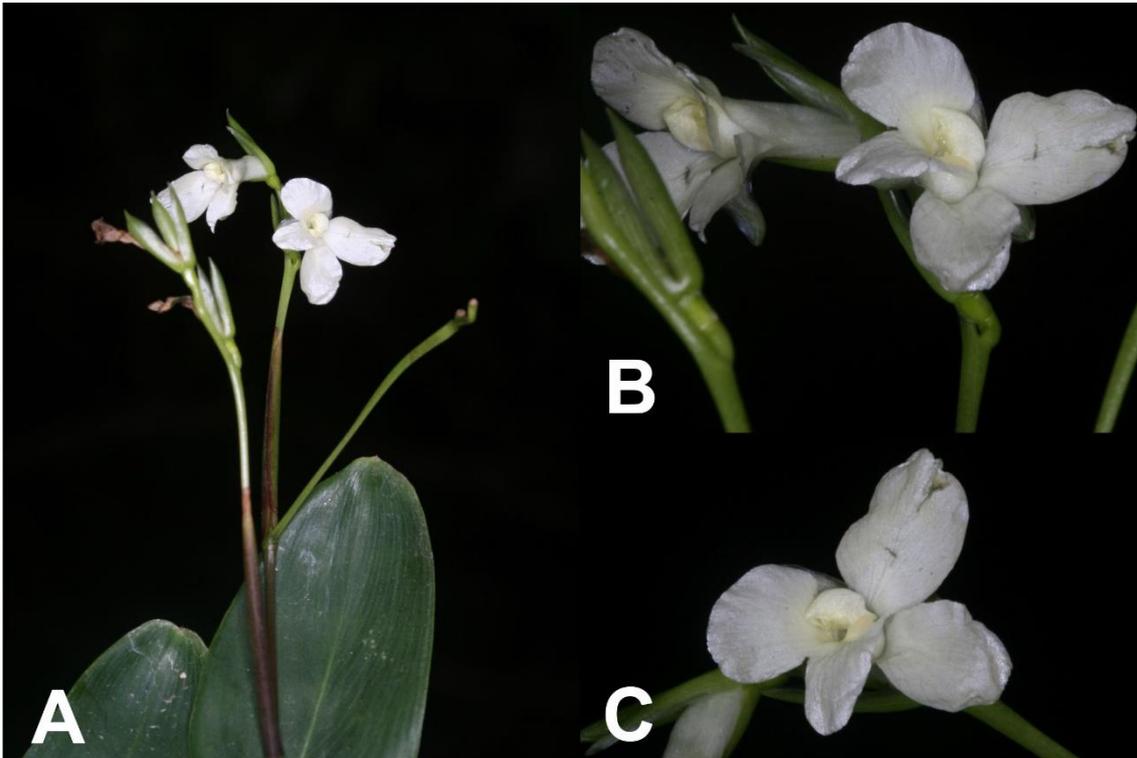


Figura 35. *Maranta zingiberina* A. Ramo florido; B. Detalhe da inflorescência; C. Detalhe da flor.

15. ORCHIDACEAE

Cyrtopodium holstii L.C.Menezes (Figura 36). Planta endêmica do Brasil, com ocorrência nas Regiões Norte (Pará), Nordeste, exceto Piauí, Centro-Oeste (Goiás) e Sudeste (Minas Gerais e Espírito Santo). Ocorre tipicamente nas vegetações de Caatinga, Cerrado, restinga e em afloramentos rochosos. São orquídeas bastante ornamentais de inflorescência laxa e flores com fortes pontuações marrons brilhantes.

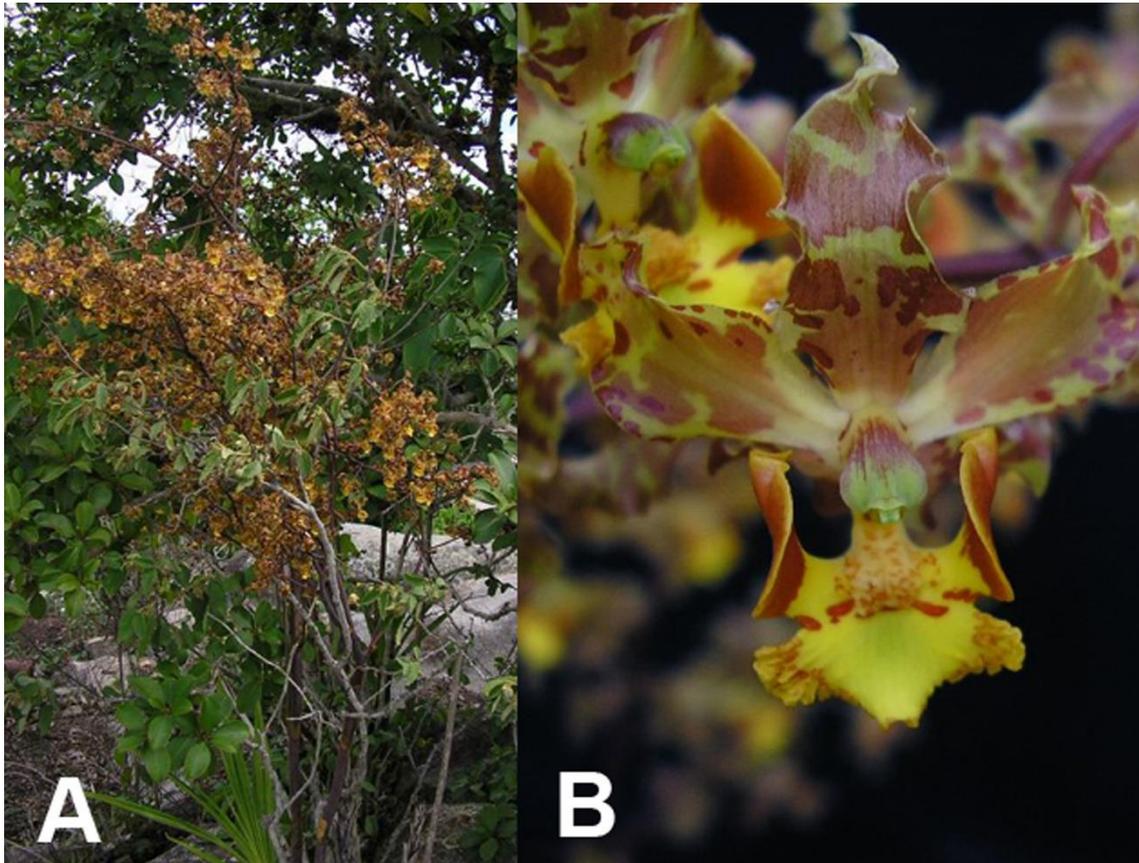


Figura 36. *Cyrtopodium holstii*. A. Planta em seu habitat; B. Detalhe da flor.

Prescottia plantaginifolia Lindl. ex Hook. (Figura 37). Esta espécie ocorre exclusivamente no Brasil, com registros confirmados para a Região Nordeste (exceto Ceará, Piauí e Maranhão), Cento-Oeste (Goiás), Sudeste e Sul (exceto Rio Grande do Sul). São plantas geófitas de raízes crassas, com inflorescência racemosa ereta e pequenas flores verdes com sépalas e pétalas membranáceas e labelo carnoso. Tem ocorrência rara na Serra do Jatobá, podendo ser visualizada apenas durante a estação das chuvas.



Figura 37. *Prescottia plantaginifolia*. A. Planta em seu habitat entre ramos de *Stillingia trapezoidea*. B. Detalhe da inflorescência mostrando flores com labelo carnososo não ressupinado.

POACEAE

Aristida elliptica (Nees) Kunth. Conhecida localmente como Panasco de Lajedo, trata-se de uma espécie endêmica do Brasil, com registro de ocorrência para as regiões Norte (Pará e Tocantins), Nordeste, todos os estados, exceto Alagoas e Sergipe e Sudeste, exclusivamente para Minas Gerais. São plantas anuais que surgem imediatamente as primeiras chuvas.

Aristida setifolia Kunth. Planta de ocorrência ampla nos neotrópicos, desde o México, América Central e América do Sul na Colômbia, Guianas, Peru e Venezuela. Para o Brasil é referida para as regiões Norte (Tocantins), Nordeste, todos os estados, exceto Alagoas e Sergipe, Sudeste, exceto Espírito santo e Centro-Oeste, em todos os estados.

Paspalum arenarium Schrad. (Figura 38). Tem ocorrência neotropical, referida para o Caribe, América Central (Honduras) e América do Sul (Guianas e Venezuela). Para o Brasil é referido para as regiões Norte (Amapá, Roraima, Rondônia e Pará), Nordeste, exceto Maranhão, Piauí e Alagoas e para todos os estados das regiões Sudeste e Sul.

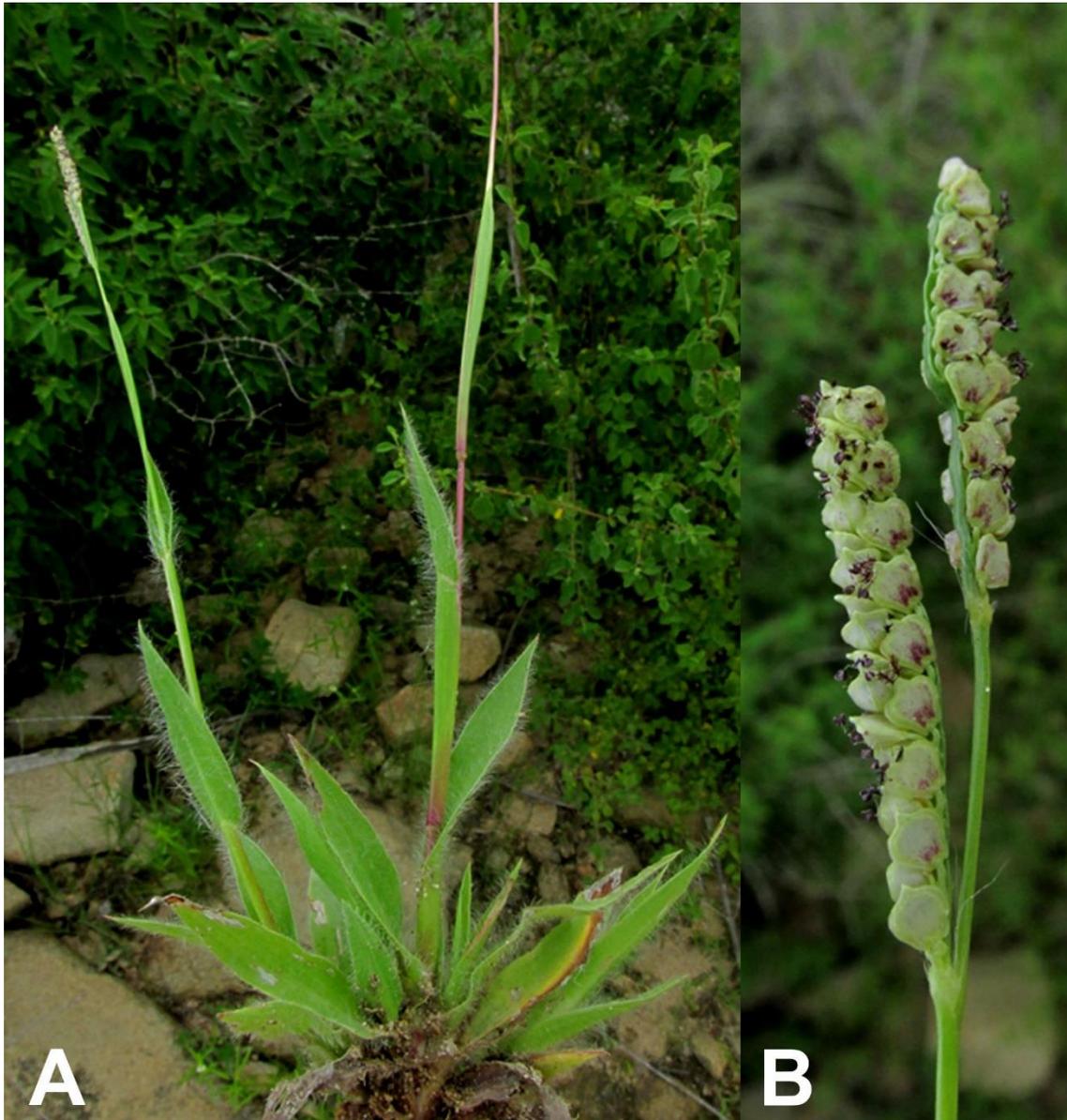


Figura 38. *Paspalum arenarium*. A. Hábito de crescimento; B. Detalhe da inflorescência exibindo flores com estames roxos.

PONTEDERIACEAE

Eichhornia paniculata (Spreng.) Solms (Figura 39). Com ampla distribuição nos neotrópicos, a espécie ocorre nos Estados Unidos, México, América Central e Caribe, América do Sul na Argentina, Equador, Guiana e Brasil, com ocorrência confirmada apenas para os estados da Região Nordeste, exceto Piauí e Maranhão. São plantas herbáceas aquáticas ou semiaquáticas, com belas panículas eretas de flores violáceas. Na Serra do Jatobá esta espécie é encontrada nos tanques, córregos e pequenos açudes na base da Serra.

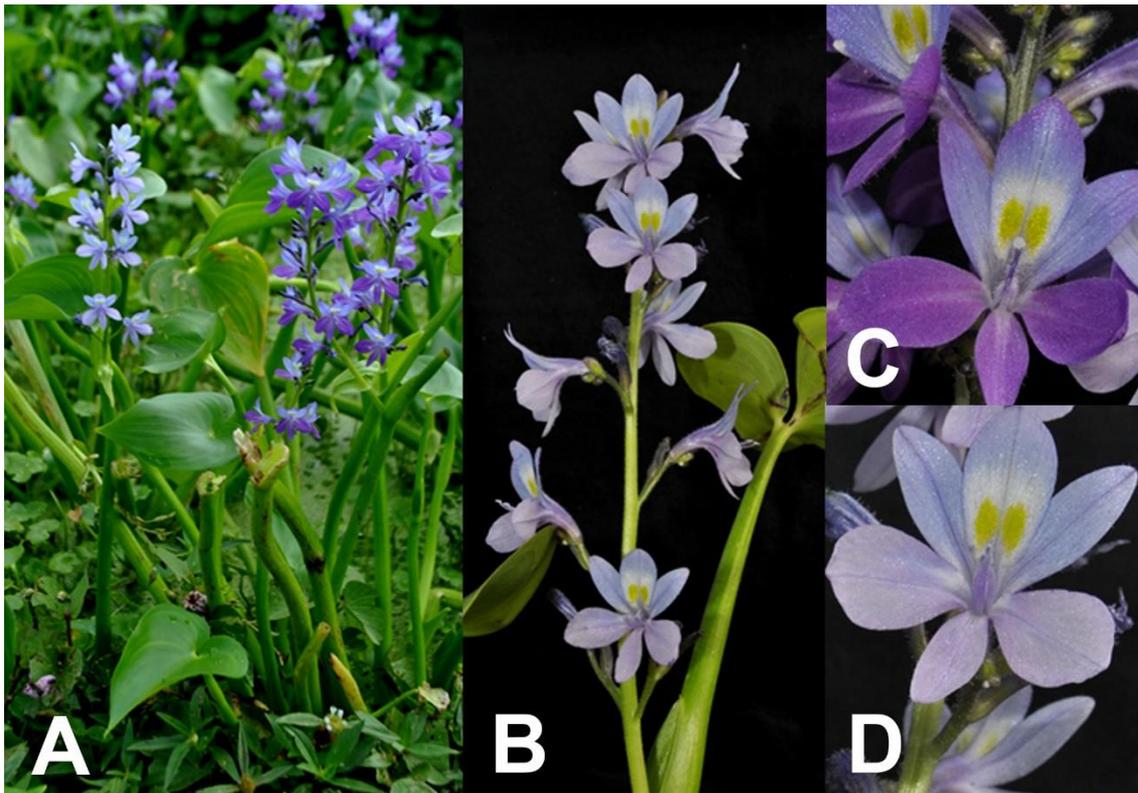


Figura 39. *Eichhornia paniculata*. A. Planta em seu habita aquático; B. Detalhe da inflorescência; C-D. Flores em diferentes tons de lilás.

Heteranthera rotundifolia (Kunth) Griseb. (Figura 40). Espécie neotropical com ocorrência confirmada para o México, Nicarágua, Bolívia, Equador, Peru e Brasil com registro para todos os estados da Região Nordeste. São plantas herbáceas aquáticas típicas de lagoas e poças temporárias, ocorrendo nos caldeirões da meia encosta e na base da Serra em margens de riachos e pequenos açudes.



Figura 40. *Heteranthera rotundifolia*. A. Ramo florido; B. Detalhe da flor em vista lateral.

VELLOZIACEAE

Vellozia plicata Mart. (Figura 41). Endêmica do Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Piauí, Pernambuco e Bahia) e na Região Sudeste (exceto São Paulo). Todas as espécies do gênero *Vellozia*, *V. plicata* é das poucas Angiospermas poiquilohídricas (fenecem durante a estação seca e revivem na estação chuvosa). Planta de porte variável, desde poucos centímetros até cerca de dois metros ou mais, ocorre principalmente na base do afloramento até a meia encosta. Possui belas e efêmeras flores brancas.

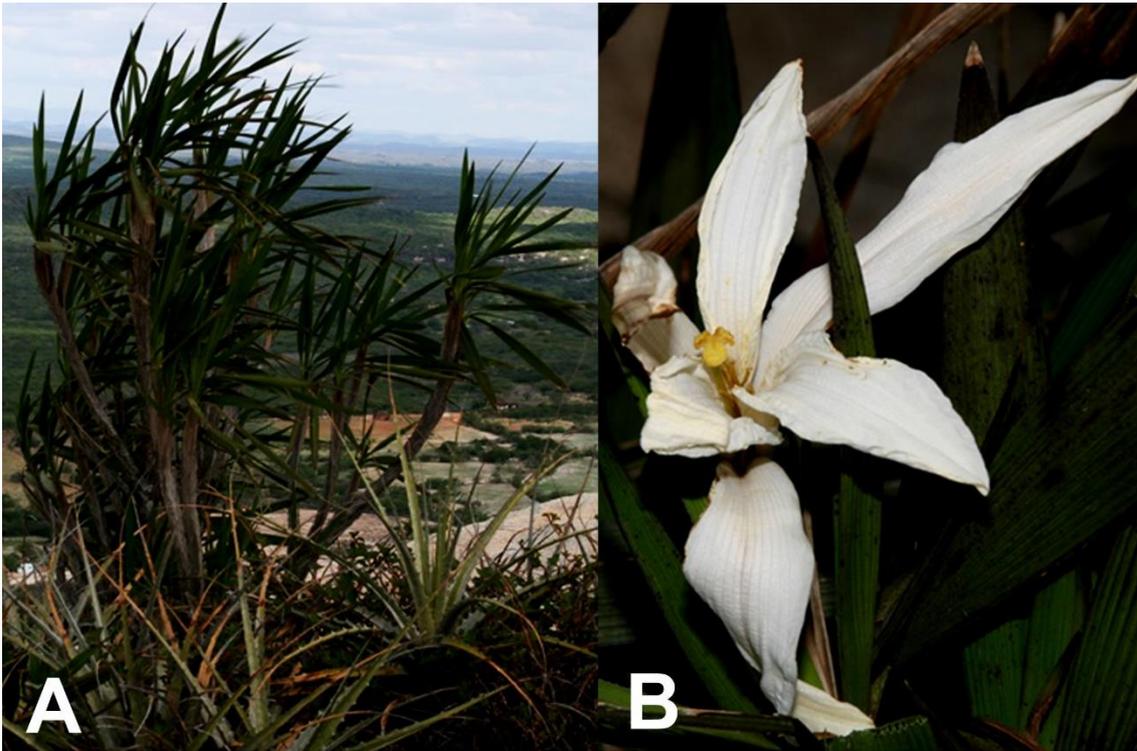


Figura 41. *Vellozia plicata*. A. Planta em seu habitat próximo ao topo da Serra do Jatobá. B. Flor em antese.

Eudicotiledôneas

Esse grupo de plantas compreende a maioria das Angiospermas, com um número reconhecido de 210.008 espécies o que corresponde a aproximadamente 71% do número total de angiospermas conhecidas (Christenhusz & Byng (2016). As Eudicots, como também são chamadas, foram estabelecidas no primeiro *Angiosperm Phylogeny Group* (APG I, 1998). Esse grupo de plantas é caracterizado morfológicamente pela presença de pólen tricolpado, ou derivados desse tipo de pólen, sendo por isso também conhecido como Eudicotiledôneas tricolpadas (Judd et al., 2009). A maioria dos membros das Eudicotiledôneas compõem as antigas Dicotiledôneas, com exceção dos grupos ANA e Magnoliídeo que foram segregados como grupos basais das angiospermas, distantemente relacionados com as Eudicots, também conhecidas como Angiospermas Basais. Na flora da Serra do Jatobá, as Eudicotiledôneas formam o grupo mais diversificado de plantas, sendo composto por 52 famílias, 152 gêneros e 213 espécies. Esses táxons são brevemente descritos e ilustrados a seguir.

ACANTHACEAE

Harpochilus neesianus Mart. ex Nees. (Figura 42). Espécie endêmica da Região Nordeste, sendo referida para os estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia. São plantas arbustivas com até 2,5 de altura, de ocorrência tipicamente relacionada a afloramentos rochosos. Possui bela flores de coloração variando do verde ao amarelo avermelhado. A espécie apresentou forte atividade bactericida, com pouco ou nenhum efeito tóxico para mamíferos.

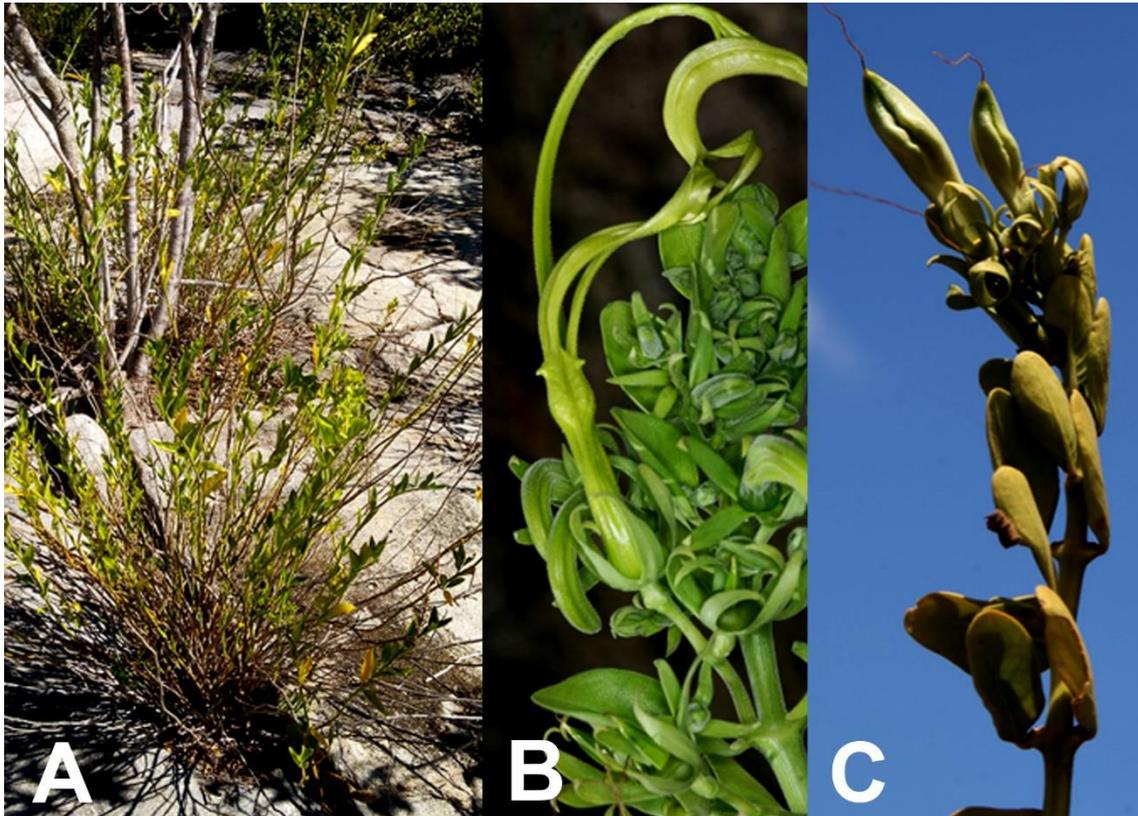


Figura 42. *Harpochilus neesianus*. A. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá; B. Detalhe da inflorescência mostrando flor em antese de coloração verde. C. Ramo com frutos imaturos.

Ruellia bahiensis (Nees) Morong. (Figura 43). Planta endêmica do Brasil, principalmente no Domínio Fitogeográfico da Caatinga. Ocorre na região Nordeste, nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia e, na região Sudeste, no Espírito Santo. São plantas perenes, de habito subarborescente com flores lilases e cerúleas, com florescimento durante todo o ano. Na Bahia é amplamente utilizada como anti-inflamatório, principalmente para o tratamento de doenças genitais femininas. Contudo, há registros confirmado de que o uso prolongado dessa planta pode causar disfunção hepática grave, chegando a ocasionar a morte do usuário.



Figura 43. *Ruellia bahiensis*. Foto J.M.P.Cordeiro.

AIZOACEAE

Trianthema portulacastrum L. Espécie pantropical, referida para Austrália, Ásia, Madagascar, África e Continente Americano. Para o Brasil é citada para a região Nordeste, exceto Maranhão, Alagoas e Sergipe. São plantas herbáceas, carnosas, ramos e folhas verdes ou avermelhadas, flores róseas. Plantas típicas de solos salinos e arenosos conhecida popularmente como Bredo de Salgado. É planta mundialmente utilizada como medicinal, com efeitos comprovados como antihelmíntico (lombrigas), antimicótico, antioxidante e como hepatoprotetor.

AMARANTHACEAE

Alternanthera tenella Colla (Figura 44). Tem distribuição neotropical, citada para os Estados Unidos, México, América Central e América do Sul para a Bolívia, Colômbia, Guianas, Peru e Venezuela. Para o Brasil tem ocorrência confirmada para todos os

estados. São plantas herbáceas, decumbentes de inflorescência branca com brácteas paleáceas. Conhecida popularmente como Quebra Panela, tem efeitos medicinais reconhecidos como anti-inflamatório e antioxidante.



Figura 44. *Alternanthera tenella*. Ramo florido.

Froelichia humboldtiana Seub. (Figura 45). Conhecida popularmente como hervanço, a espécie tem distribuição exclusiva para a América do Sul, onde é referida para o Brasil e Venezuela. No Brasil tem ocorrência confirmada na região Nordeste, exceto Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe, para o Centro-Oeste, apenas para Goiás e Sudeste (Minas Gerais). É uma espécie típica da Caatinga, onde ocorre principalmente em solos arenosos. São plantas de hábito decumbente, ramos recobertos com indumento lanoso e flores em inflorescências capituliformes brancas.

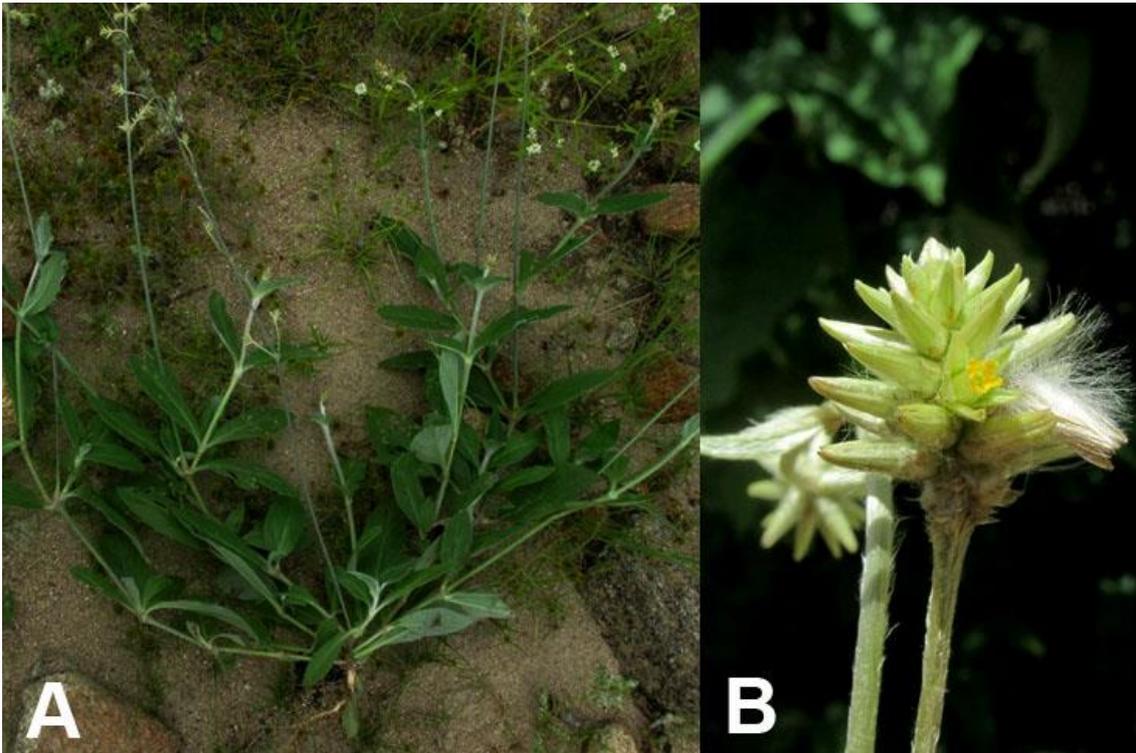


Figura 45. *Froelichia humboldtiana*. Hábito (A). Detalhe de uma flor e botões florais (B). Fotos L.P.Felix.

ANACARDIACEAE

Anacardium occidentale L. (Figura 46). Árvore frutífera de origem neotropical, o “cajueiro” é cultivado em vários continentes principalmente para a produção da castanha de caju. Para os Neotrópicos é referida para o México, América Central e América do Sul. Para o Brasil ocorre nas regiões Norte, exceto Rondônia, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. É cultivada como frutífera nos arredores da Serra do Jatobá. São árvores pequenas, cujo fruto verdadeiro constitui a conhecida castanha, uma noz apreciada em todo o mundo. Seu enquanto o pedicelo carnoso, o falso fruto conhecido como caju, é apreciado para consumo in natura ou para a fabricação de doces, passas e sucos. Em alguns estados do Nordeste, especialmente Ceará e Piauí, fabrica-se uma bebida refrigerante engarrafada, a cajuína de sabor e aroma muito apreciados. A casca e o suco in natura são bastante utilizados como medicinais, especialmente como anti-inflamatório. O óleo produzido pela casca da castanha é utilizado em algumas regiões do estado como inseticida natural.

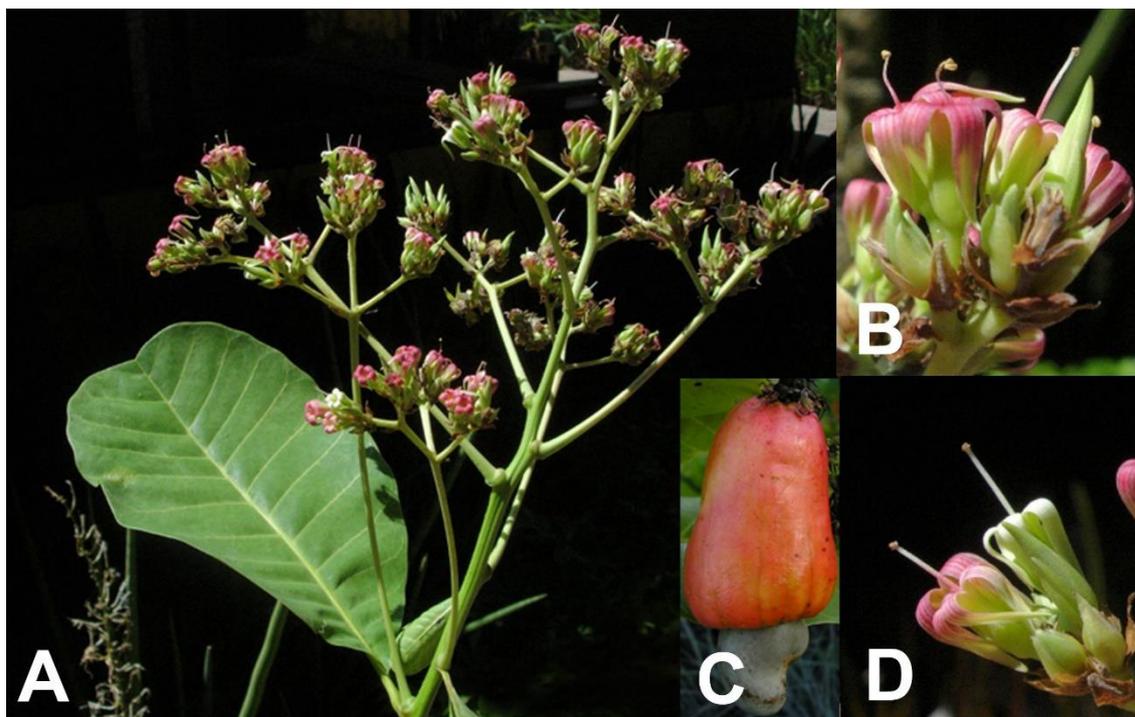


Figura 46. *Anacardium occidentale*. A. Ramo florido; B. Flores masculinas; C. Fruto com pedúnculo; D. Flores femininas.

Myracrodruon urundeuva Allemão (Figura 47). Conhecida popularmente como “aroeira”; trata-se de uma árvore típica da Caatinga que produz uma madeira considerada incorruptível, muito utilizada na confecção de estacas e moirões. Durante a construção das estradas de ferro no Nordeste em meados do século XX a espécie foi explorada em excesso a ponto de ser considerada ameaçada de extinção. Tem ocorrência limitada a América do Sul apenas para a Bolívia e o Brasil onde é referida para as regiões Norte para o estado do Tocantins, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e sudeste, exceto Rio de Janeiro e Espírito Santo. São plantas caducifólias durante a floração e frutificação. É amplamente utilizada como medicinal com efeitos reconhecidos como analgésico e anti-inflamatório, especialmente no tratamento de infecções do aparelho gênito-urinário feminino.



Figura 47. *Myracrodruon urundeuva*. Detalhe de um ramo florífero. Fotos L.P.Felix.

Schinus terebinthifolia Raddi. (Figura 48). Planta neotropical que ocorre nos Estados Unidos, América Central e América do Sul. Para o Brasil é referida para todos os estados das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e para o Mato Grosso do Sul. Conhecida como “aroeira-branca” ou “aroeira-da-prais”, é uma espécie utilizada como medicinal, sendo um dos componentes da Água Rabelo, famoso fitoterápico, amplamente utilizado na Paraíba e estados vizinhos. Várias pesquisas confirmaram forte atividade antioxidante, anti-inflamatória e anticancerígena da aroeira branca.



Figura 48. *Schinus terebinthifolia*. Ramo florido. Foto J.M.P.Cordeiro.

Spondias tuberosa L. (Figura 44). Conhecida em toda a região Nordeste como “umbu” ou “imbu”, é a espécie frutífera nativa mais conhecida do semiárido nordestino. Trata-se de uma espécie endêmica do Brasil com ocorrência registrada para todos os estados das regiões Nordeste e Sudeste. Seus frutos podem ser utilizados *in natura* e sob a forma de doces e sucos. São árvores baixas de madeira mole que produzem grandes xilopódios utilizados na fabricação de doces. As folhas e frutos são especialmente apreciados por caprinos.



Figura 49. *Spondias tuberosa* L. A. Planta em seu habitat; B. Detalhes da inflorescência; C. Detalhe da flor.

APOCYNACEAE

Allamanda blanchetii A.DC. (Figura 50). Espécie com grande potencial de uso como planta ornamental, sendo utilizada em cruzamentos com espécies de flores maiores e menos coloridas para obtenção de plantas robustas de grande efeito visual. É endêmica do Brasil, ocorrendo exclusivamente nos Domínios Fitogeográficos da Caatinga e Cerrado em todos os estados da região Nordeste e no estado de Goiás. É utilizada por uma comunidade do Piauí como antidiarreico, além de ter sido comprovado seu efeito inibitório na proliferação de células leucêmicas.



Figura 50. *Allamanda blanchetii*. A. Ramo com flores em detalhe; B. Frutos imaturos.

Aspidosperma pyriforme Mart. (Figura 51). Conhecida popularmente como Pereiro, é uma das espécies emblemáticas da Caatinga. Ocorre na América do Sul, sendo referida para a Bolívia, Paraguai e para o Brasil com ocorrência confirmada nas regiões Norte (Tocantins), todos os estados das regiões Nordeste e Centro-Oeste e para Minas Gerais. São arbustos e pequenas árvores utilizadas na fabricação de pequenos objetos de marcenaria e carpintaria.

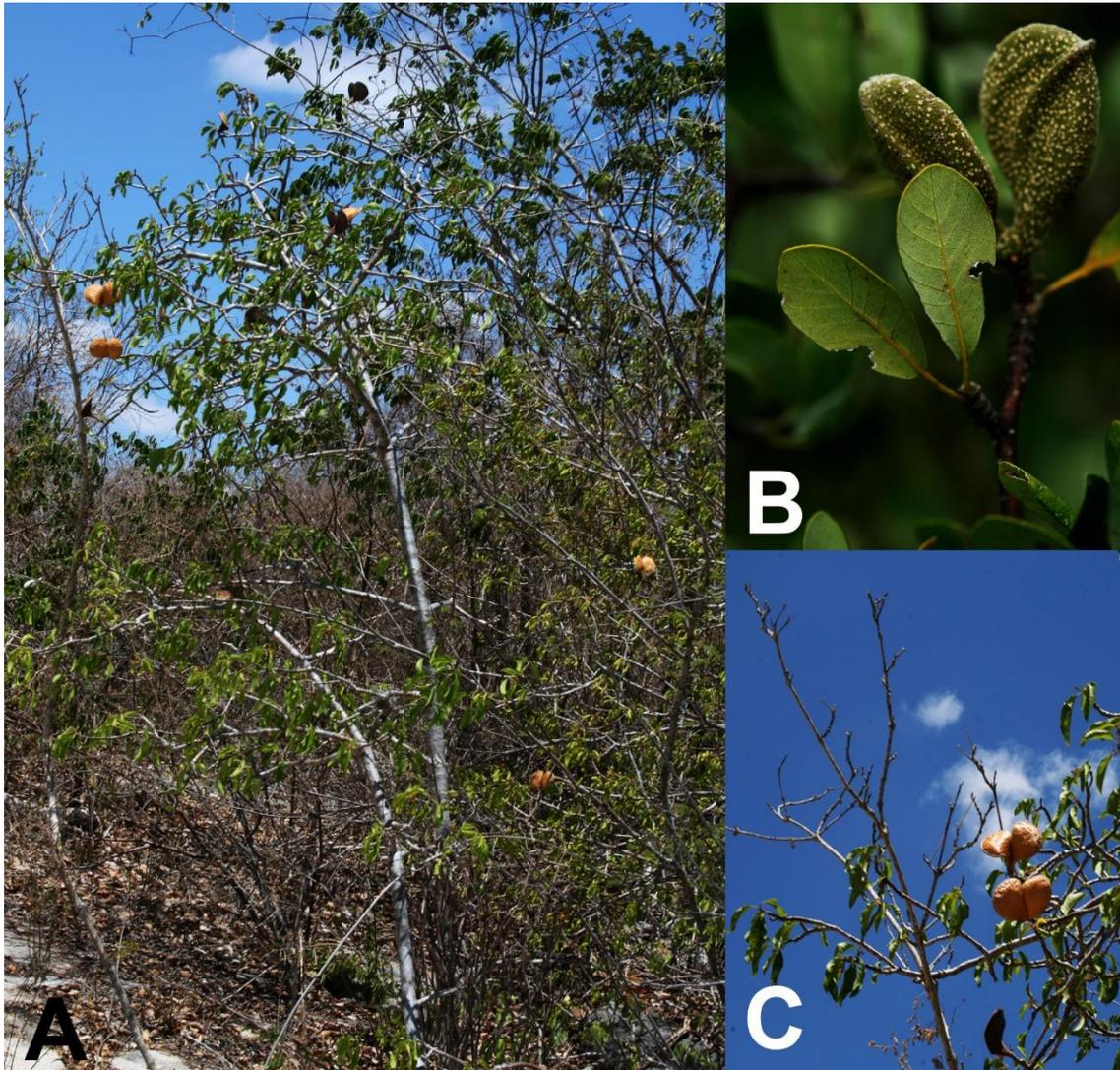


Figura 51. *Aspidosperma pyrifolium*. A. Planta em seu habitat; B. Fruto; C. Detalhes de ramo com frutos após a deiscência. Fotos L.P.Felix.

Calotropis procera (Aiton) W.T.Aiton. Espécie cosmopolita referida para a Austrália, Ásia, Oriente Médio, África, Madagascar e Continente Americano para o México, América Central, Caribe e América do Sul, para a Bolívia, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte (Amapá, Pará e Tocantins), Nordeste (exceto Alagoas), Sudeste (exceto Rio de Janeiro) e Centro-Oeste (Mato Grosso). Conhecida localmente como “algodão-de-seda” é considerada tóxica, embora possa ser fornecida ao gado após fenada. São plantas arbustivas com frutos inflados e sementes envolvidas por indumento sedoso que proporciona dispersão pelo vento.

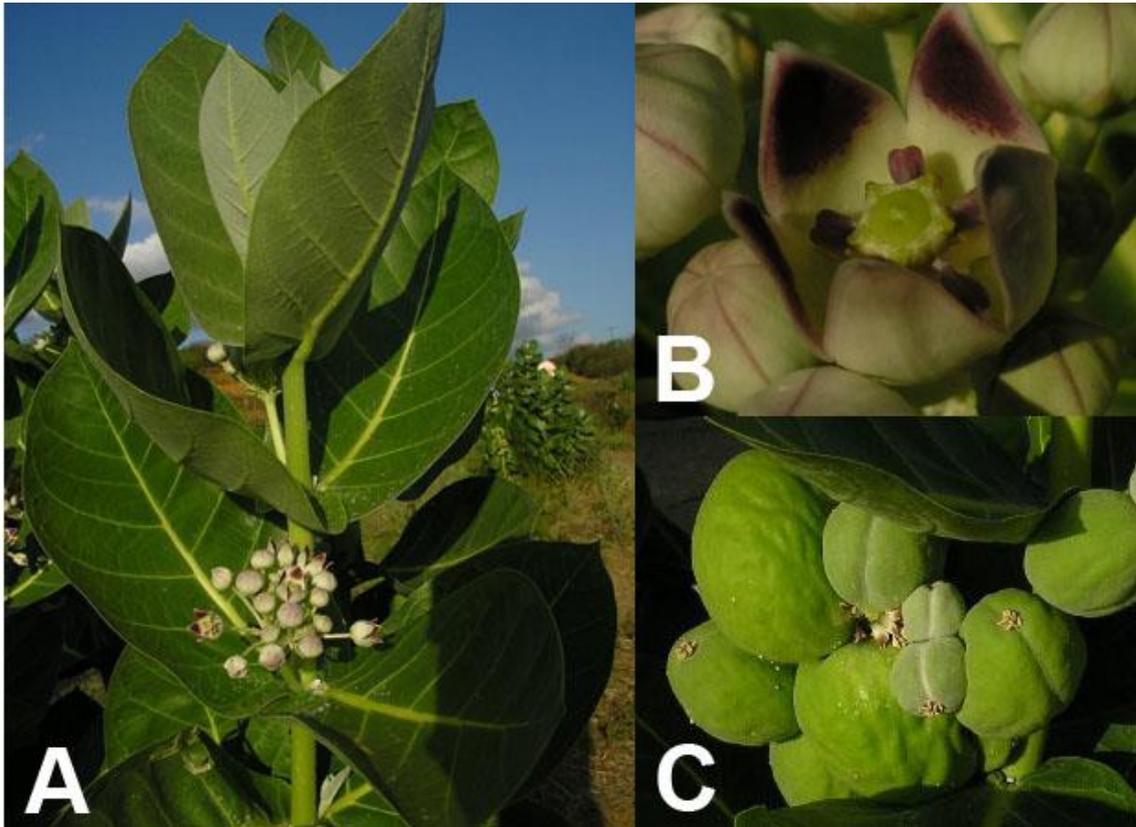


Figura 52. *Calotropis procera*. A. Ramo com flores. B. Detalhe de uma flor. C. Frutos imaturos. Fotos L.P.Felix.

Mandevilla dardanoi M.F.Sales, Kinoshita-Gouvêa & A.Simões. Endêmica da Região Nordeste com ocorrência até agora confirmada apenas para os estados da Paraíba e Pernambuco. Ocorre exclusivamente sobre afloramentos rochosos sobre húmus acumulado nas fendas da rocha. Trata-se de um arbusto lactescente de ramos escandentes, com raízes tuberosas e flores róseas bastante ornamentais (Figura 52).

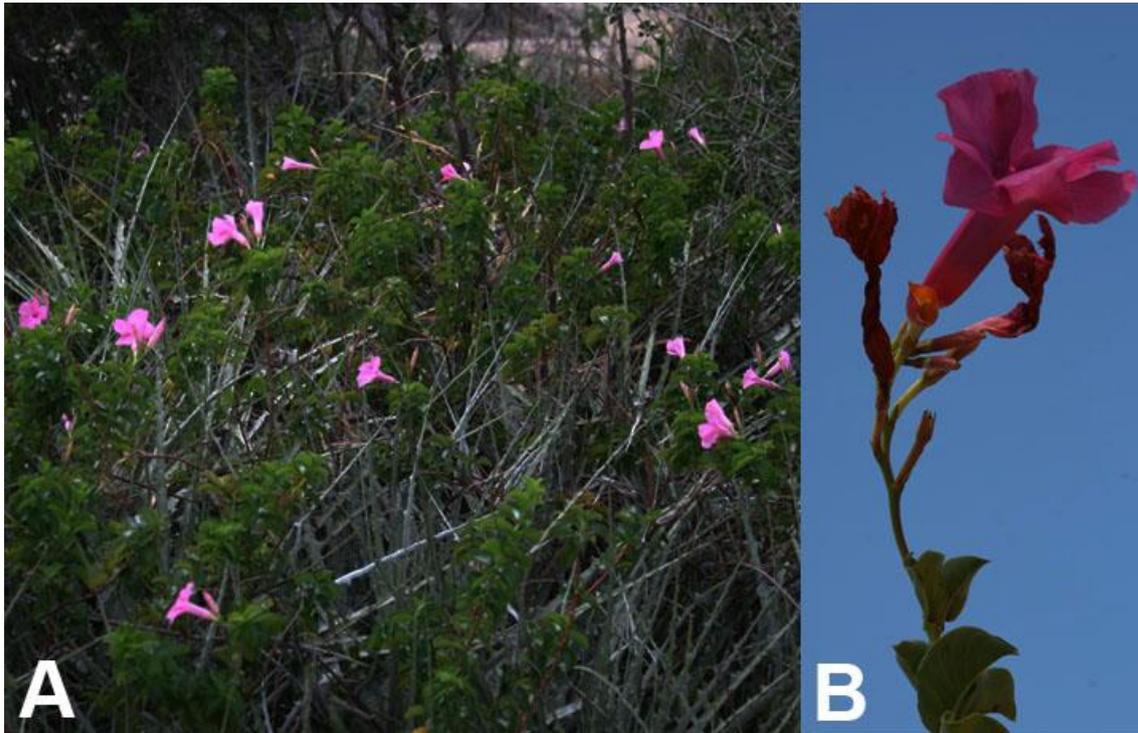


Figura 48. *Mandevilla dardanoi*. Planta em seu habitat (A). Detalhe de um ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

Mandevilla tenuifolia (J.C.Mikan) Woodson. Ocorre na América do Sul, na Bolívia, Suriname e Brasil, onde é referida para a região Norte, exceto Roraima, Acre e Rondônia, Nordeste, exceto Maranhão, todos os estados da região sudeste e Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás). São plantas volúveis com belas flores que variam do rosa-claro ao violáceo. Trata-se de uma espécie de ocorrência rara na Paraíba, exclusiva da superfície dos afloramentos, nas fendas rochosas e em solos arenosos (Figura 49).



Figura 49. *Mandevilla tenuifolia*. Planta florida em fenda rochosa. Fotos L.P.Felix.

Marsdenia megalantha Goyder & Morillo. Endêmica da região Nordeste do Brasil, é referida para os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Ocorre exclusivamente como rupícola dos afloramentos da Caatinga. Tem raízes crassas e flores verdes acobreadas. Na época da seca, a espécie adquire um aspecto de bonsai sem folhas, sugerindo uma possível utilização dessa espécie como planta ornamental. Além disso, a espécie, considerada tóxica, possui atividade anticoagulante, antioxidante e antitumoral (Figura 50).

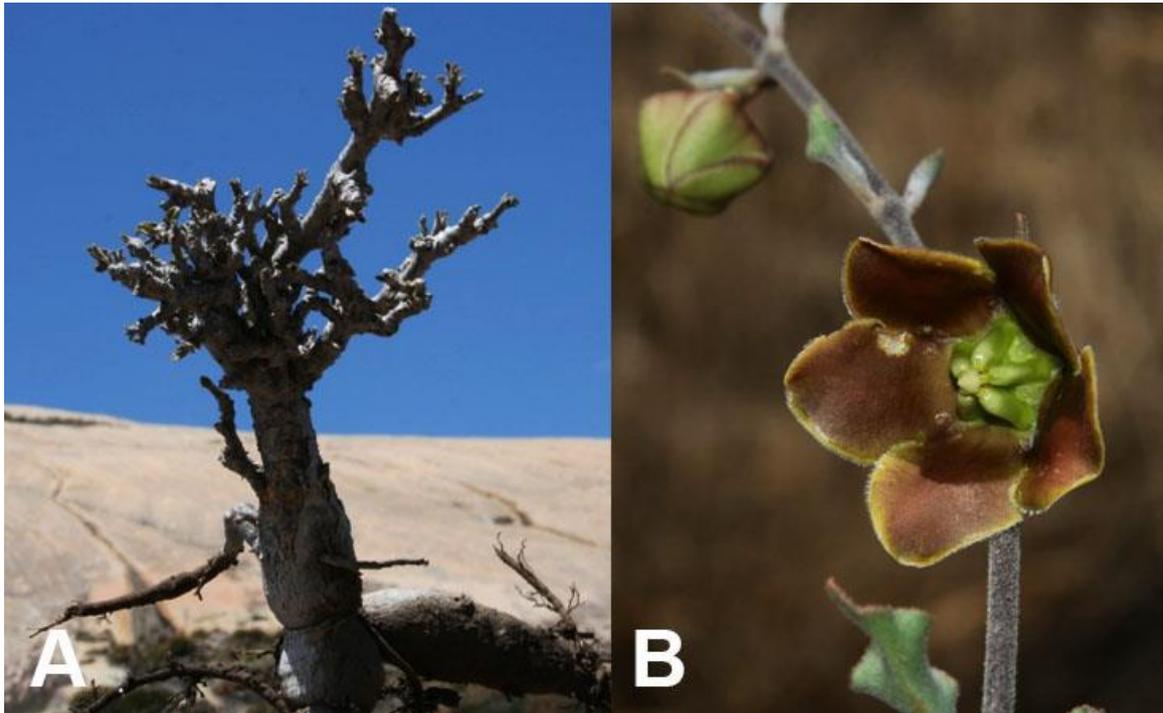


Figura 50. *Marsdenia megalantha*. Hábito de crescimento por ocasião da estação seca (A). Detalhe de um ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

ASTERACEAE

Acmella uliginosa (Sw.) Cass. (Figura 51). América do Sul, na Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Venezuela, América do Norte, Honduras. No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo). Teve efeito contraceptivo confirmado experimentalmente.

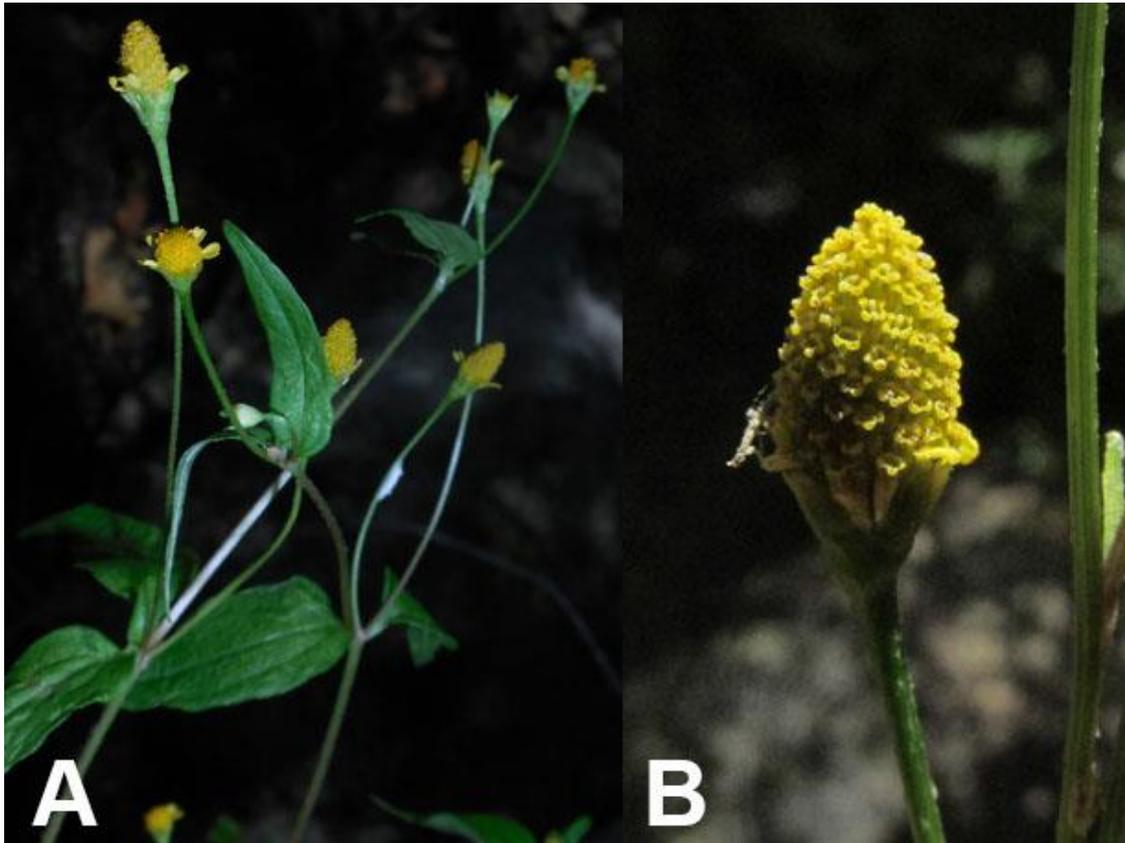


Figura 51. *Acmella uliginosa*. Ramo florido (A). Detalhe de um capítulo (B). Fotos L.P.Felix.

Ageratum conyzoides L. (Figura 52). América do Sul, na Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana. América do Norte, Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras. Conhecida popularmente como Aleluia, trata-se de uma erva ruderal comum, amplamente utilizada pelas comunidades rurais no combate a pneumonia, feridas e queimaduras. Teve sua atividade bactericida confirmada experimentalmente.



Figura 52. *Ageratum conyzoides*. Detalhe de um ramo florido. Foto L.P.Felix.

Bidens riparia Kunth. América do Sul, na Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Venezuela, América do Norte e Central, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá. No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Santa Catarina). Trata-se de uma erva daninha de ocorrência comum na região reputada como planta invasora.

Blainvillea acmella (L.) Philipson. No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina). É uma planta ruderal invasora de ocorrência comum em quase todo o país.

Centratherum punctatum Cass. (Figura 53). América do Sul, na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela, América do

Norte e Central, Costa Rica, El Salvador, Honduras, México, Panamá. No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). É uma espécie tradicionalmente utilizada como medicinal, no tratamento de inflamações, hipertensão, como antitumoral e antidepressiva. Experimentalmente foi demonstrada atividades antioxidantes e anti-inflamatórias.



Figura 53. *Centratherum punctatum*. Hábito (A). Detalhe de um capítulo (B). Fotos L.P.Felix.

Chresta pacourinoides (Mart. ex DC.) Siniscalchi & Loeuille. Endêmica da região Nordeste, onde não ocorre apenas no estado do Maranhão. São plantas rupícolas de hábito herbáceo com até dois metros de altura, capítulos com flores lilases de belo efeito ornamental (Figura 54). São plantas que ocorrem exclusivamente em afloramentos rochosos, não possuem atividades medicinais conhecidas, embora, suas belas inflorescências lilases sugiram sua utilização como planta ornamental.

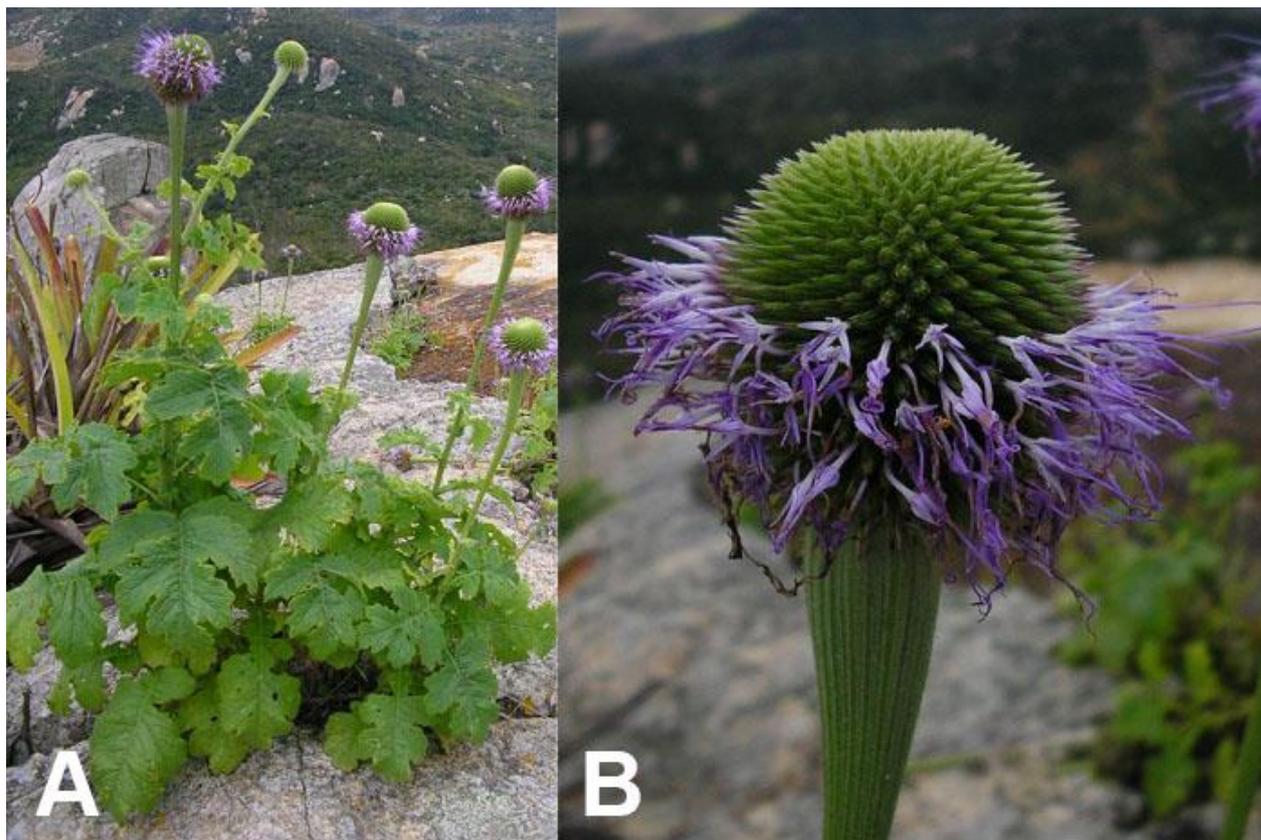


Figura 54. *Chresta pacourinoides*. Planta em seu habitat (A). Detalhe da inflorescência (B). Fotos L.P.Felix.

Conocliniopsis prasiifolia (DC.) R.M. King & H. Rob. (Figura 55). Tem ocorrência restrita a América do Sul, com registro para a Colômbia, Venezuela e Brasil, onde além da Paraíba, é referida para Pernambuco, Alagoas e Bahia. Conhecida popularmente como ‘Mentrasto Roxo’, é utilizada popularmente como anti-inflamatório e analgésico, o que foi demonstrado experimentalmente.

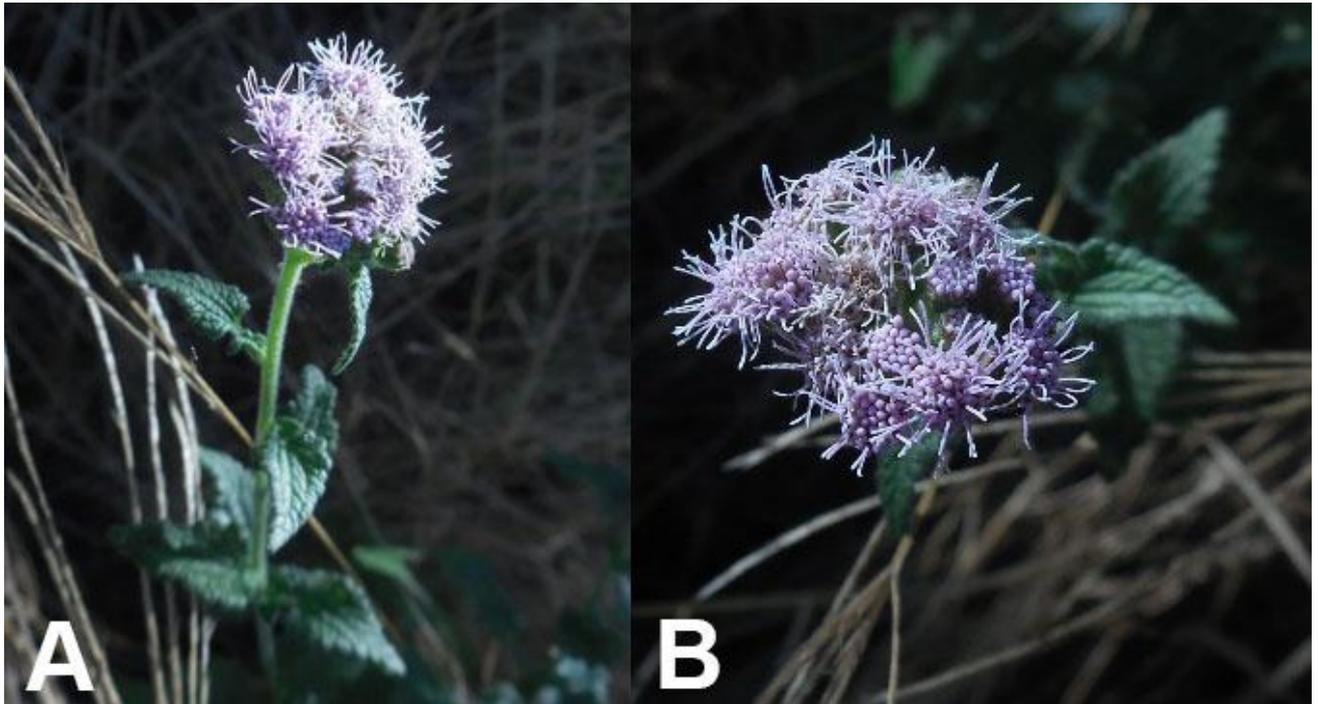


Figura 55. *Conocliniopsis prasiifolia*. Ramo florido (A). Detalhe mostrando alguns capítulos (B). Fotos L.P.Felix.

Delilia biflora (L.) Kuntze. Planta ruderal de distribuição ampla no Continente Americano incluindo Estados Unidos México, América Central e América do Sul. Para o Brasil é referida para todos os estados das Regiões Nordeste e Sudeste, além de Goiás e Mato Grosso na Região Centro-Oeste.

Gamochaeta americana (Mill.) Wedd. (Figura 56). Erva ruderal amplamente distribuída no Continente Americano incluindo Estados Unidos, México, América Central e América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Peru, Venezuela). Para o Brasil é referida para as regiões Nordeste (Paraíba e Bahia), Centro-Oeste (Distrito Federal), Sudeste, exceto Espírito Santo e todos os estados da região sul.



Figura 56. *Gamochaeta americana*. Ramo florido. Foto J.M.P.Cordeiro.

Lepidaploa chalybaea (Mart. ex DC.) H.Rob. Endêmica do nordeste do Brasil, referida para os estados do Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia. São plantas de ambientes conservados, especialmente em afloramentos rochosos. Forma densas touceiras com capítulos de flores violáceas (Figura 57).

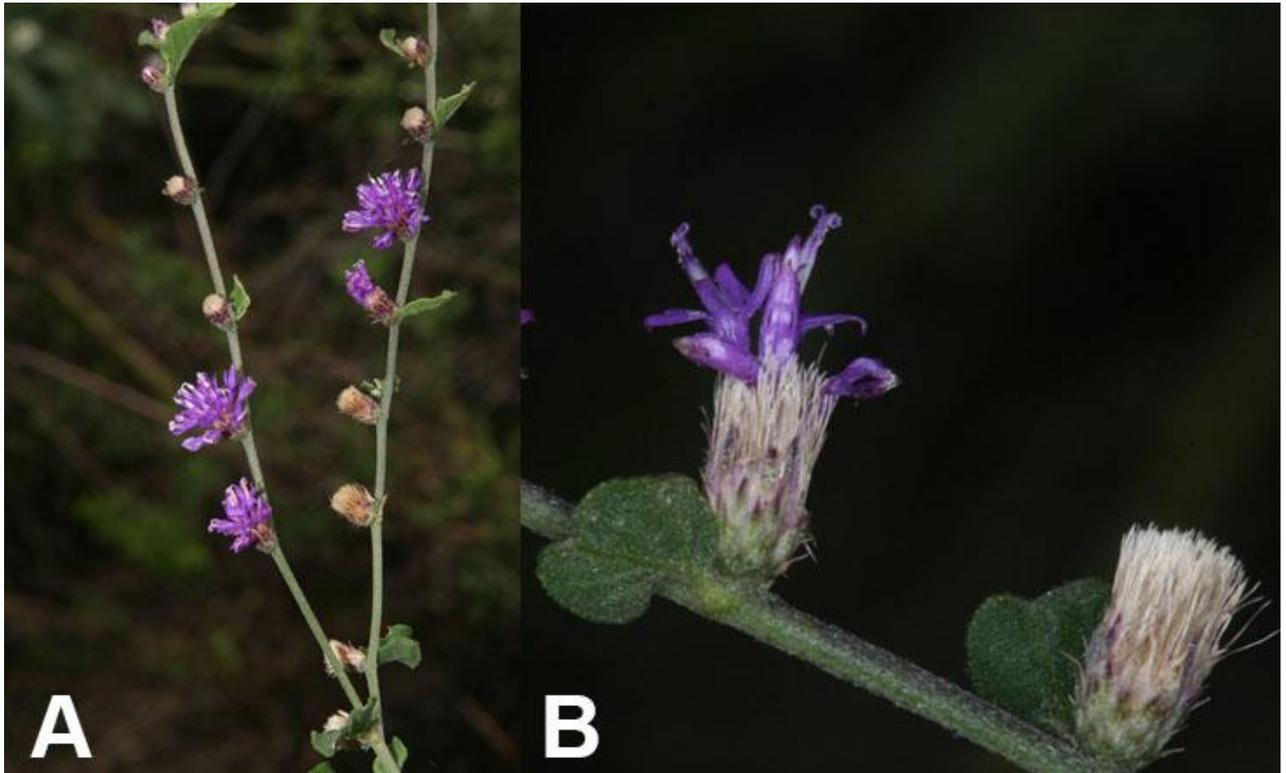


Figura 57 *Lepidaploa chalybaea*. Ramo florido (A). Detalhe de capítulos em diferentes estádios de maturação (B). Fotos L.P.Felix.

Melanthera latifolia (Gardner) Cabrera. Espécie da América do Sul, com ocorrência até agora confirmada apenas para a Bolívia e para o Brasil nas regiões Norte (Amazonas, Tocantins e Acre), todos os estados das regiões Nordeste e Sul, Centro-Oeste, exceto Distrito Federal, Sudeste (Minas Gerais e São Paulo). São plantas herbáceas anuais até 1,5m de altura e capítulos com flores do raio amarelas (Figura 58). Conhecida popularmente como “mal-me-quer”, tem sido uma espécie referida como tendo efeitos carrapaticidas.



Figura 58. *Melanthera latifolia*. Ramo com capítulo em fase de maturação dos aquênios.
Fotos L.P.Felix.

Porophyllum ruderale (Jacq.) Cass. A espécie tem ampla distribuição no Continente Americano, desde os Estados Unidos, México, América Centras, Antilhas e na América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas e Venezuela). Para o Brasil tem sua ocorrência confirmada para todos os estados das regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e sul e para todos os estados da região Nordeste, exceto Maranhão e Piauí. São ervas eretas de caule acinzentado, aromático, algumas vezes utilizados como condimento (Figura 59).



Figura 59. *Porophyllum ruderale*. Ramo com capítulos em diferentes estádios de maturação. Foto J.M.P.Cordeiro.

BIGNONIACEAE

Dolichandra unguis-cati (L.) L.G.Lohmann. Ocorre nas Regiões da América do Sul (Bolívia), América do Norte (México). Para o Brasil é referida para todos os estados de todas as regiões do país nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Conhecida popularmente como “cipó-unha-de-gato”, é uma espécie utilizada como medicinal que teve suas atividades anti-inflamatória, antitumoral e antimalárica confirmadas.

Fridericia dichotoma (Jacq.) L.G.Lohmann. Tem distribuição disjunta, ocorrendo no México e na América do sul na Bolívia e no Brasil, em todos os estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. São lianas robustas com flores róseas, com abundante floração e ocorrência nos Domínios Fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal.

Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos. (Figura 60). Conhecida como pau-d'arco-roxo”, possui distribuição disjunta, com ocorrência no México e América do sul na Bolívia e para o Brasil nas regiões Norte, exceto Amazonas, Roraima e Amapá, e para todos os estados das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, nos Domínios Fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal. São árvores com até 12 metros de altura produz madeira de boa qualidade utilizada na construção civil e tem amplo emprego na medicina popular como anticancerígena e anti-inflamatória.



Figura 60. *Handroanthus impetiginosus*. Planta em seu habitat. Foto J.M.P.Cordeiro.

Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore. América do Sul, na Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Suriname e no Brasil, para as regiões Norte, exceto Roraima, Amapá e Rondônia, todos os estados das regiões Norte e Centro-Oeste e para a região Sudeste, exceto Espírito Santo e Rio de Janeiro, e na região Sul, no Paraná. Espécie de amplo conhecimento pelas comunidades rurais da região, são árvores com até cerca de 20m de altura, flores amarelas, utilizadas na marcenaria de móveis finos e na arborização urbana (Figura 61).

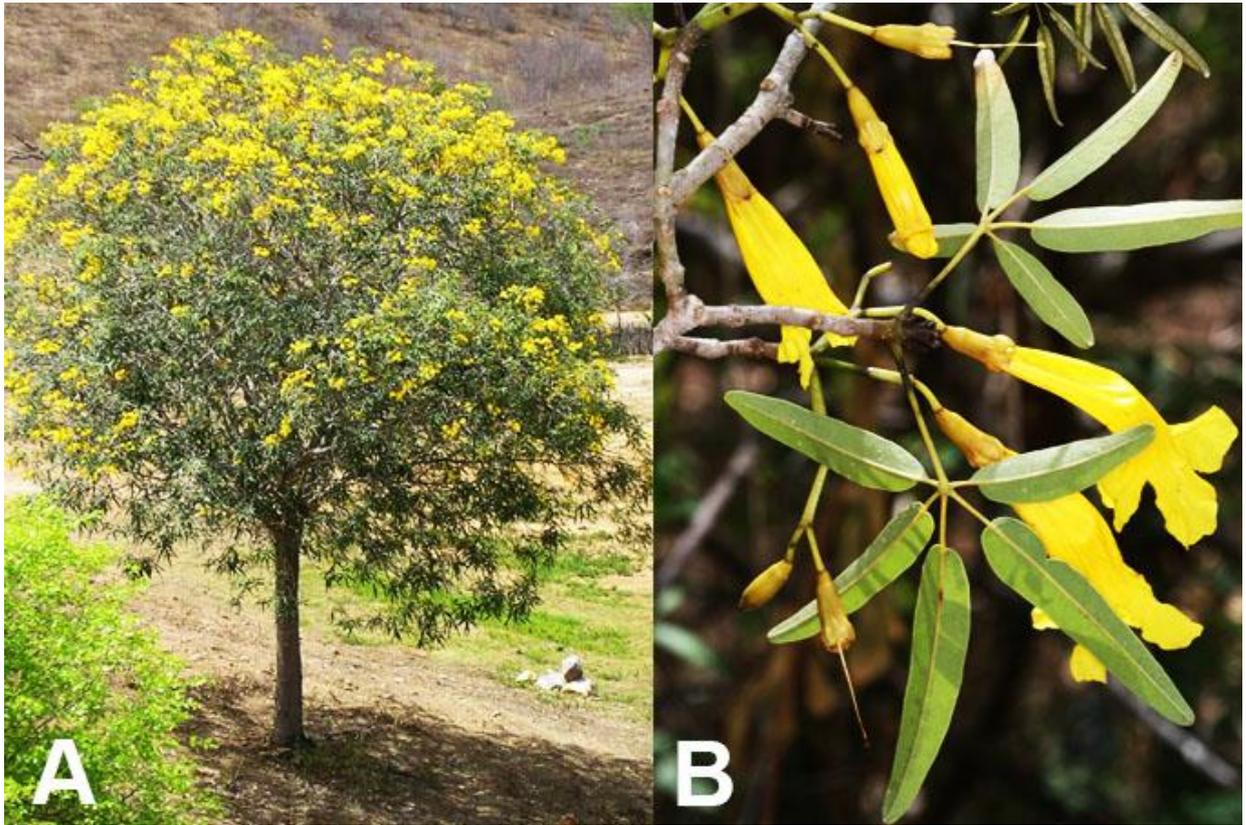


Figura 61. *Tabebuia aurea*. Planta em seu habitat (A). Ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

BIXACEAE

Cochlospermum vitifolium (Willd.) Spreng. Espécie neotropical com registro para o México, América Central, Caribe e América do Sul (Bolívia, Guianas, Equador, Peru e Venezuela). Para o Brasil a espécie é citada para toda a Região Norte, exceto Acre, todos os estados da região Nordeste e na região sudeste (Minas Gerais). São plantas arborescentes de flores amarelas bastante ornamentais, com frutos do tipo cápsula com sementes envolvidas por tecido lanoso similar ao algodão, o que justifica seu nome popular: Algodão do Mato. É utilizada como componente estrutural na fabricação de gaiolas.

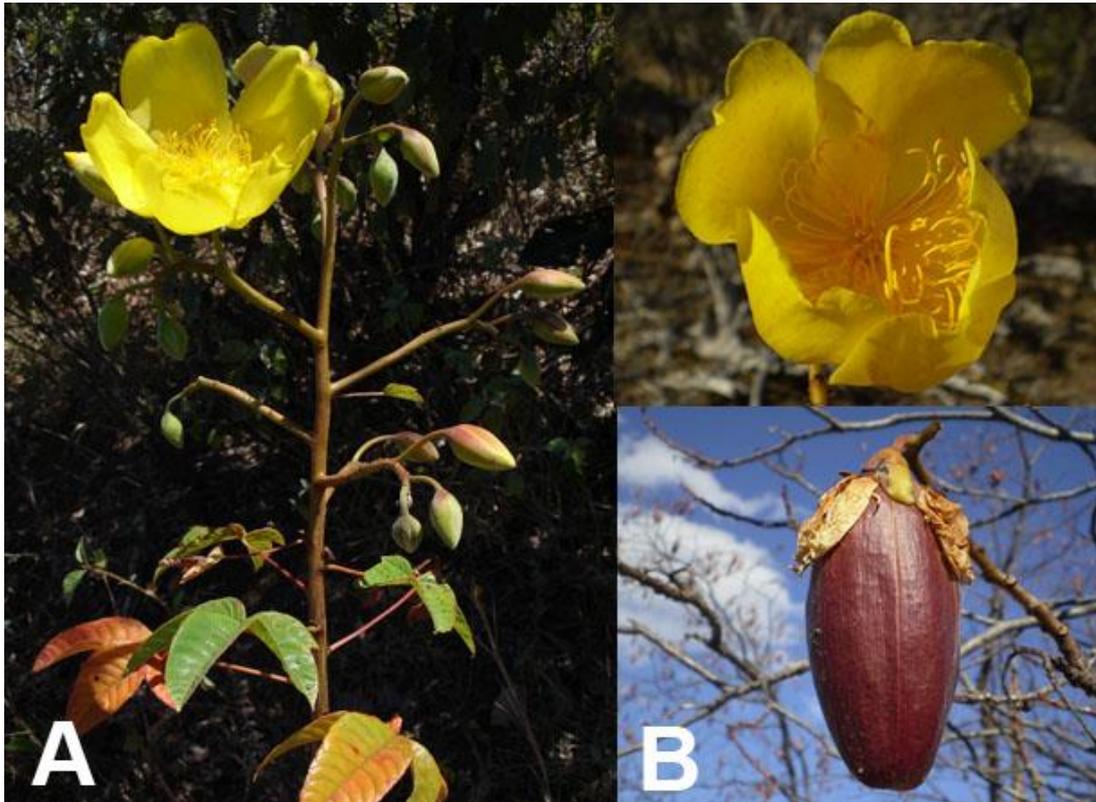


Figura 62. *Cochlospermum vitifolium*. Ramo fértil (A). Detalhes da flor e do fruto imaturo (B). Fotos L.P.Felix.

BORAGINACEAE

Cordia trichotoma (Vell.) Arráb. ex Steud. Ocorre exclusivamente na América do Sul, sendo referida para a Argentina, Bolívia e Paraguai. Para o Brasil ocorre em todos os estados das regiões Nordeste, exceto Alagoas, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Conhecida localmente com frejó ou frejoge, são plantas arbóreas de flores brancas. Produz madeira branca utilizada para armazenamento de cachaça. A espécie possui um longo relato de uso medicinal como vermífugo, antimalárica, anti-inflamatório, diurético e doenças do sistema urogenital.

Euploca humilis (L.) Feuillet. Planta neotropical, citada para o México, Antilhas e Guiana. Para o Brasil é referida para a região Norte (Pará), Nordeste (exceto Alagoas), Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Goiás). São plantas herbáceas ou subarbustivas, rupícola ou terrícola dos Domínios Fitogeográficos da Caatinga e Cerrado.

Varronia dardani (Taroda) J.S.Mill. Endêmica da região Nordeste do Brasil, referida para todos os estados, exceto Maranhão, Piauí e Sergipe. São plantas arbustivas de flores esbranquiçadas de habitat terrestre, típica do Domínio Fitogeográfico da Caatinga. Algumas espécies do gênero possuem relatos de atividades anti-inflamatórias, cicatrizantes e analgésica. *V. dardani* foi confirmada como tendo efeito antimicrobiano.

BURSERACEAE

Commiphora leptophloeos (Mart.) J.B.Gillett. Espécie sul-americana com ocorrência na Bolívia e Venezuela. Para o Brasil é referida para a região Norte, exceto Amapá, Acre e Rondônia, para todos os estados das regiões Nordeste e Centro-Oeste e para a região Sudeste, em Minas Gerais. Conhecida como “imburana-de-espinho”, ou “imburana-de-cambão”, são árvores de ramos retorcidos de madeira amarelada propícia para o entalhe de estátuas, sendo também utilizada como cerca viva. É amplamente citada como medicinal, tendo sido confirmada forte atividade antibacteriana contra diversas bactérias patogênicas.

CACTACEAE

Cereus jamacaru DC. Planta endêmica do Brasil e um dos símbolos do nordeste semiárido. Conhecido como “mandacaru” ou “cardeiro”, trata-se de um cacto candelabriforme que pode atingir até 10 m de altura (Figura 63). A espécie possui um extenso relato de usos pelas comunidades locais do Nordeste, como ração animal na época da seca (após a queima dos espinhos), medicinal (vermífugo, cólicas), como nematicida, alimento (frutos), bioindicador de chuva, místico religioso e sombra.



Figura 63. *Cereus jamacaru*. Hábito de crescimento (A). Detalhes de uma flor e de frutos (B). Fotos L.P.Felix.

Melocactus ernestii Vaupel. (Figura 64). Endêmica do Brasil das regiões Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e Sudeste (Minas Gerais), nos domínios fitogeográficos da Caatinga e Mata Atlântica. Trata-se de uma das espécies de *Melocactus* de ocorrência sempre associada aos afloramentos rochosos.

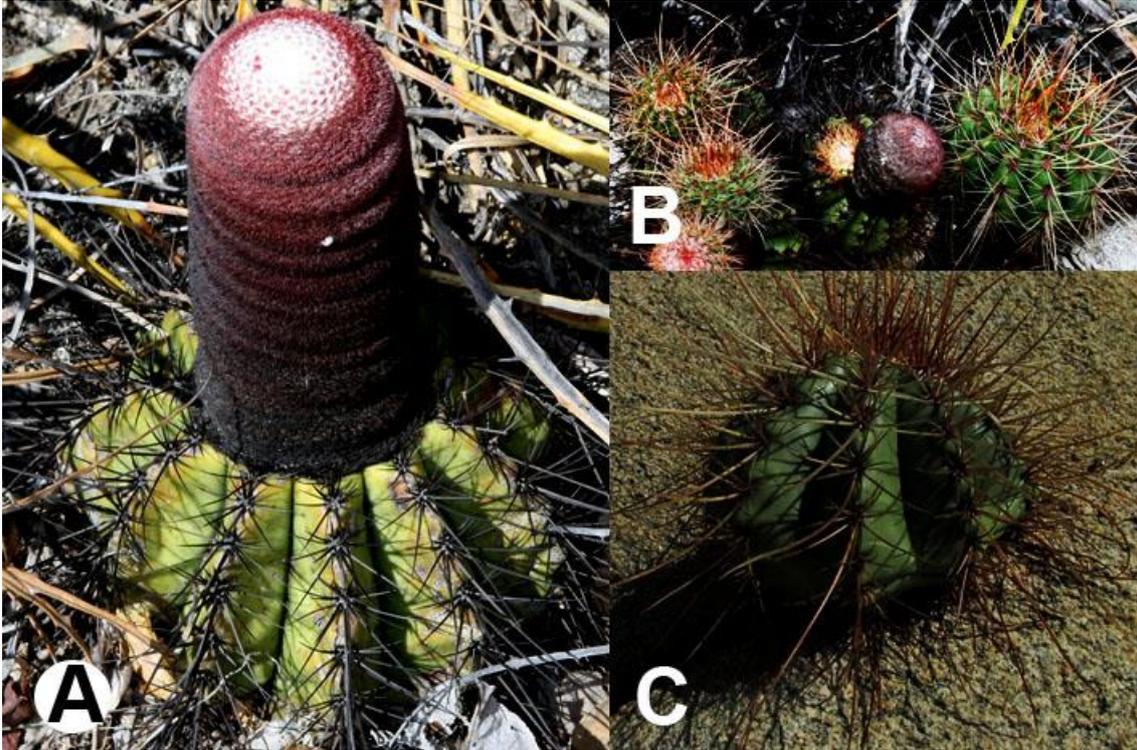


Figura 64. *Melocactus ernestii*. Plantas em seu habitat mostrando cefálio e indivíduos jovens em diferentes estádios de desenvolvimento. Fotos L.P.Felix.

Melocactus zehntneri (Britton & Rose) Luetzelb. (Figura 65). Ocorre no Brasil na Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe). São conhecidos uso como ornamental, medicinal, forrageiro e alimentício para esta espécie.



Figura 65. *Melocactus zehntneri*. Planta em seu habitat. Fotos L.P.Felix.

Pilosocereus chrysostele (Vaupel) Byles & G.D.Rowley. (Figura 66). Ocorre no Brasil na Região Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte). Os frutos são consumidos por algumas pessoas das comunidades rurais e a planta é utilizada como forragem para a época seca, alimento (frutos), além de ornamental.

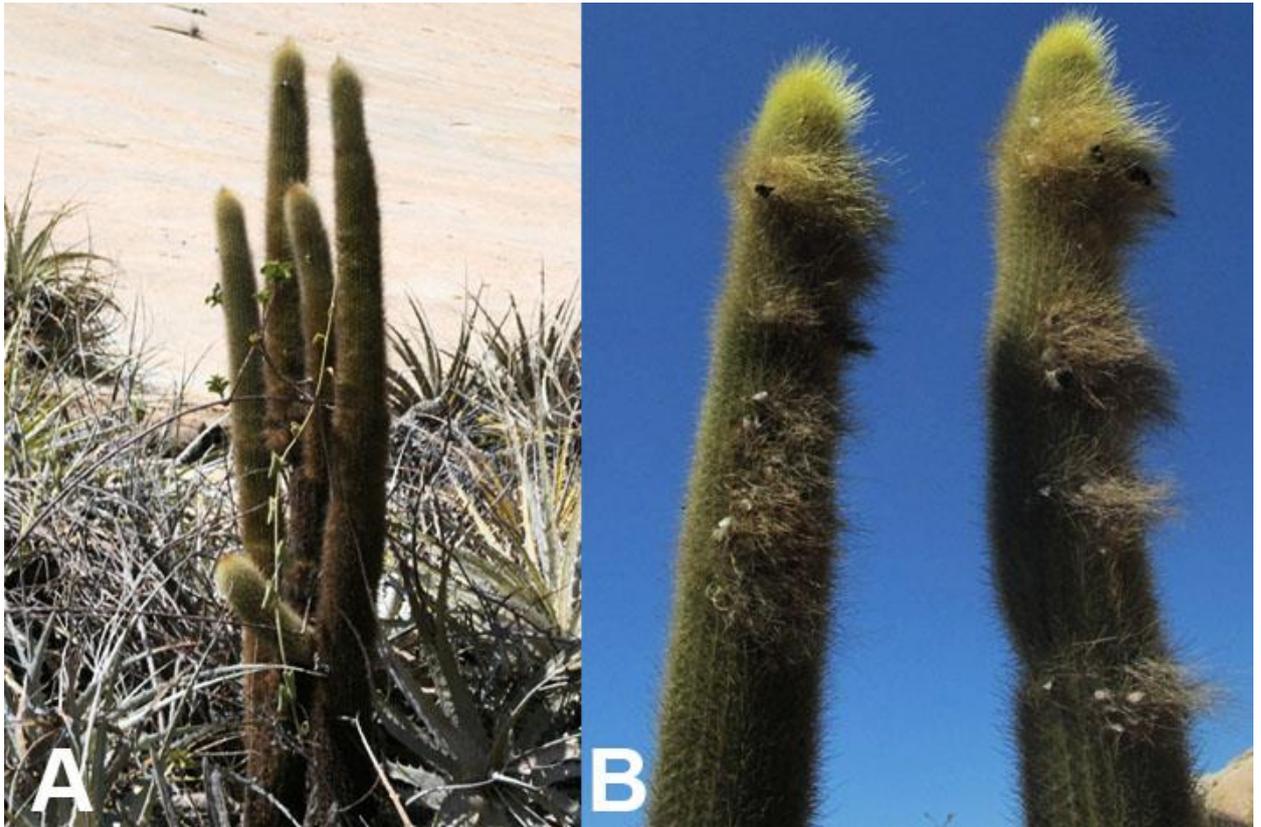


Figura 66. *Pilosocereus chrysostele*. Planta em seu habitat (A). Ramos maduros, com cefálios característicos da espécie (B). Fotos L.P.Felix.

Pilosocereus gounellei (F.A.C.Weber) Byles & Rowley. (Figura 67). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). Espécie com amplo conhecimento de uso pelas comunidades do sertão, como alimento, forragem, medicinal, ornamental e religioso.

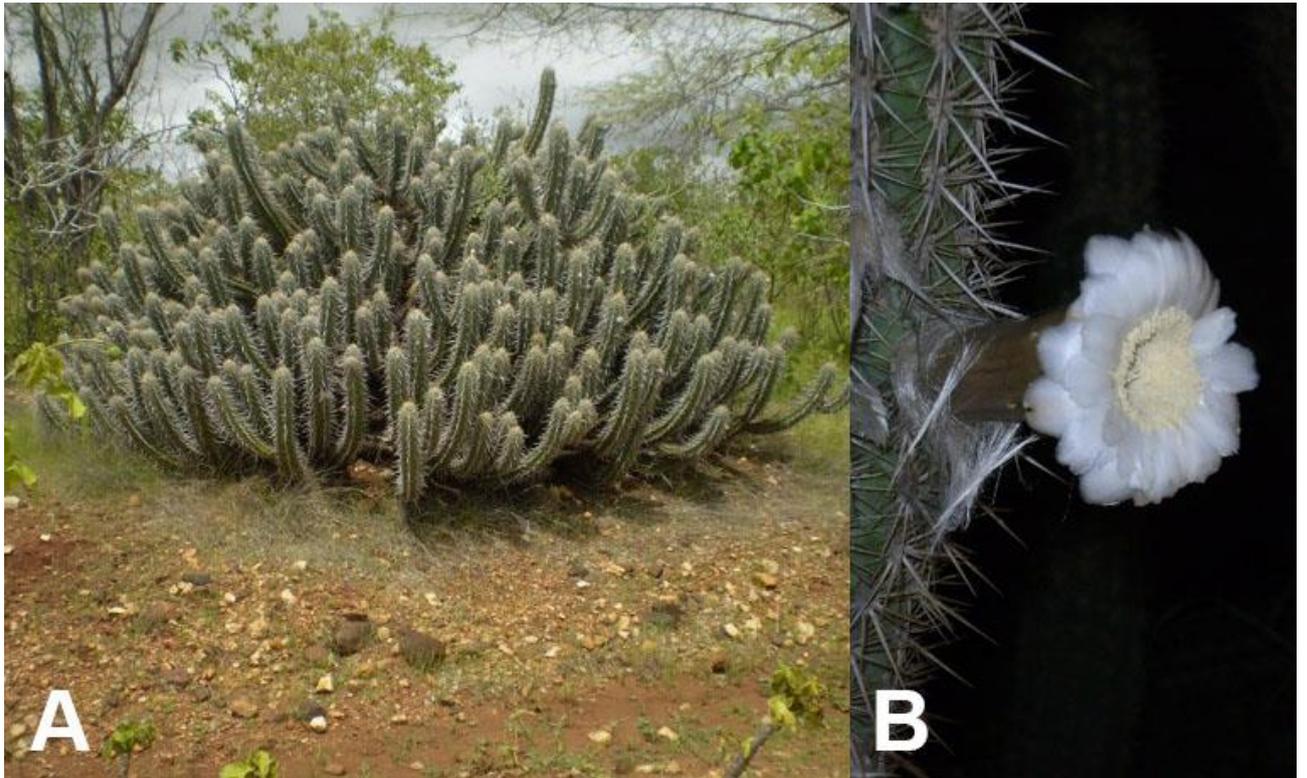


Figura 67. *Pilosocereus gounellei*. Planta em seu habitat (A) e flor em antese noturna (B). Fotos L.P.Felix.

Pilosocereus pachycladus F.Ritter. (Figura 68). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Sudeste (Minas Gerais). São relatados diversos usos como planta medicinal (anemia e gastrite), ornamental, forrageiro, alimentício, construção (produção de ripas, cerca viva) e tecnológico (machado, canoas).

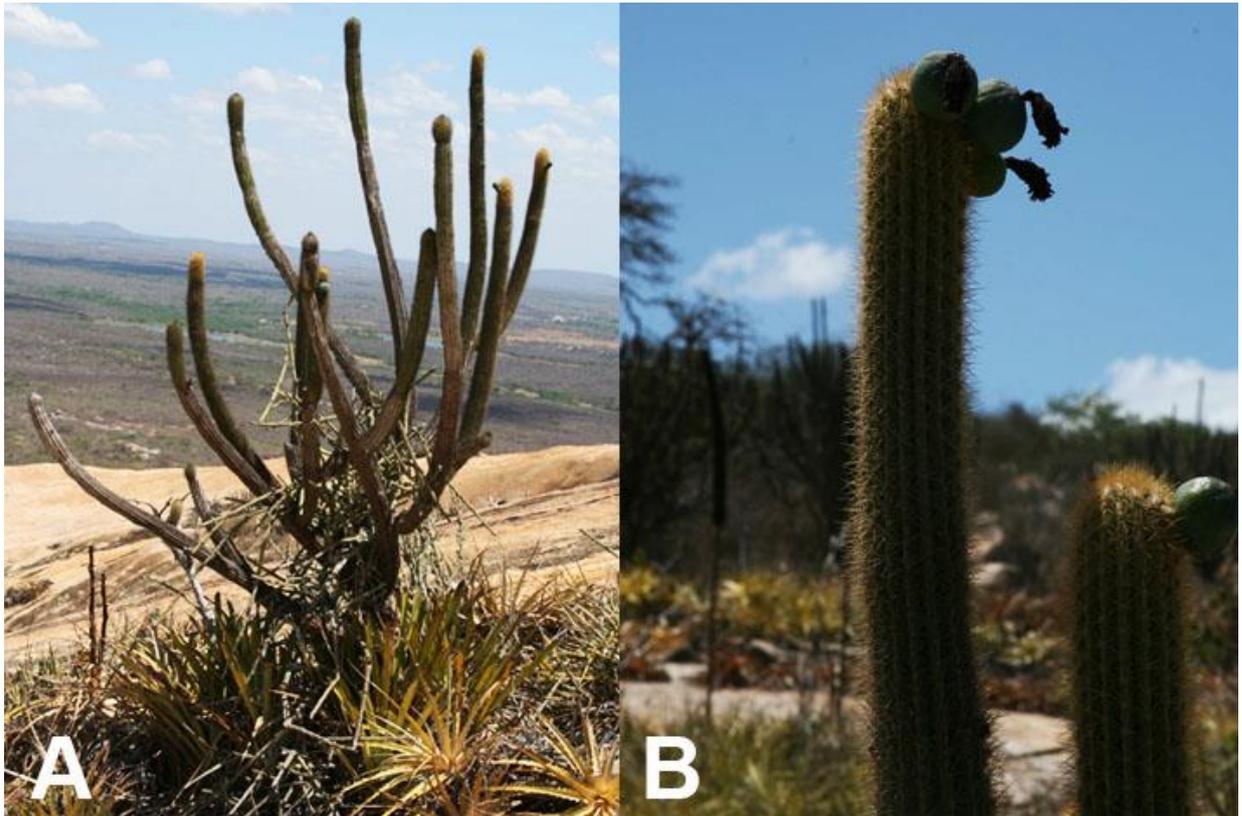


Figura 68. *Pilosocereus pachycladus*. Planta no seu habitat (A). Detalhe de ramos com frutos imaturos (B). Fotos L.P.Felix.

Tacinga inamoena (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy. Conhecida como “quipá” ou “alastrado”, ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). É utilizada como medicinal, forrageira e alimentícia (frutos).

CLEOMACEAE

Dactylaena micrantha Schrad. Ocorre exclusivamente no Brasil, Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco). São pequenas ervas que ocorrem apenas na época das chuvas em ambientes úmidos, nas bordas e no interior da vegetação lenhosa da Caatinga.

Physostemon guianense (Aubl.) Malme. Ocorre na América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Guatemala, México, Nicarágua), América do Sul (Colômbia, Guiana, Suriname, Venezuela, Guiana Francesa). No Brasil é referida para as Regiões Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato

Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais). Pequena erva de ambientes úmidos, flores brancas avistada apenas na época da chuva.

Physostemon lanceolatum Mart. & Zucc. América do Norte (México). No Brasil ocorre na Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte). Pode ser reconhecida por apresentar folhas lanceoladas.

COMBRETACEAE

Combretum leprosum Mart. América do Sul (Bolívia, Paraguai). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais). Espécie conhecida popularmente como “mofumbo”, é uma espécie bastante utilizada na medicina popular, com propriedades anti-ulcerogênica, anticeptiva, antinoceptiva (redução na capacidade de perceber a dor), analgésica e anti-inflamatória, entre outras.

CONVOLVULACEAE

Cuscuta americana L. (Figura 69). América do Sul (Argentina, Equador, Peru, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Honduras, México, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais). São parasitas obrigatórios que muitas vezes forma emaranhados densos de coloração alaranjada. Tem importância econômica conhecida apenas como parasita de algumas plantas frutíferas. Todavia, ensaio conduzido *in vitro* demonstrou atividade antilarvicida contra *Strongyloides stercoralis*, um verme do sistema digestivo.



Figura 69. *Cuscuta americana*. Hábito de crescimento sobre jirirna *Merremia aegyptia* (A). Detalhe da inflorescência e flores (B). Fotos L.P.Felix.

Evolvulus elegans Moric. (Figura 70). Ocorre na América do Sul (Bolívia, Paraguai, Venezuela). para o Brasil é referida para as Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo). São plantas típicas de afloramentos rochosos de crescimento ereto e flores azuis, geralmente associadas às bromélias do gênero *Encholirium* (macambira de lajedo).

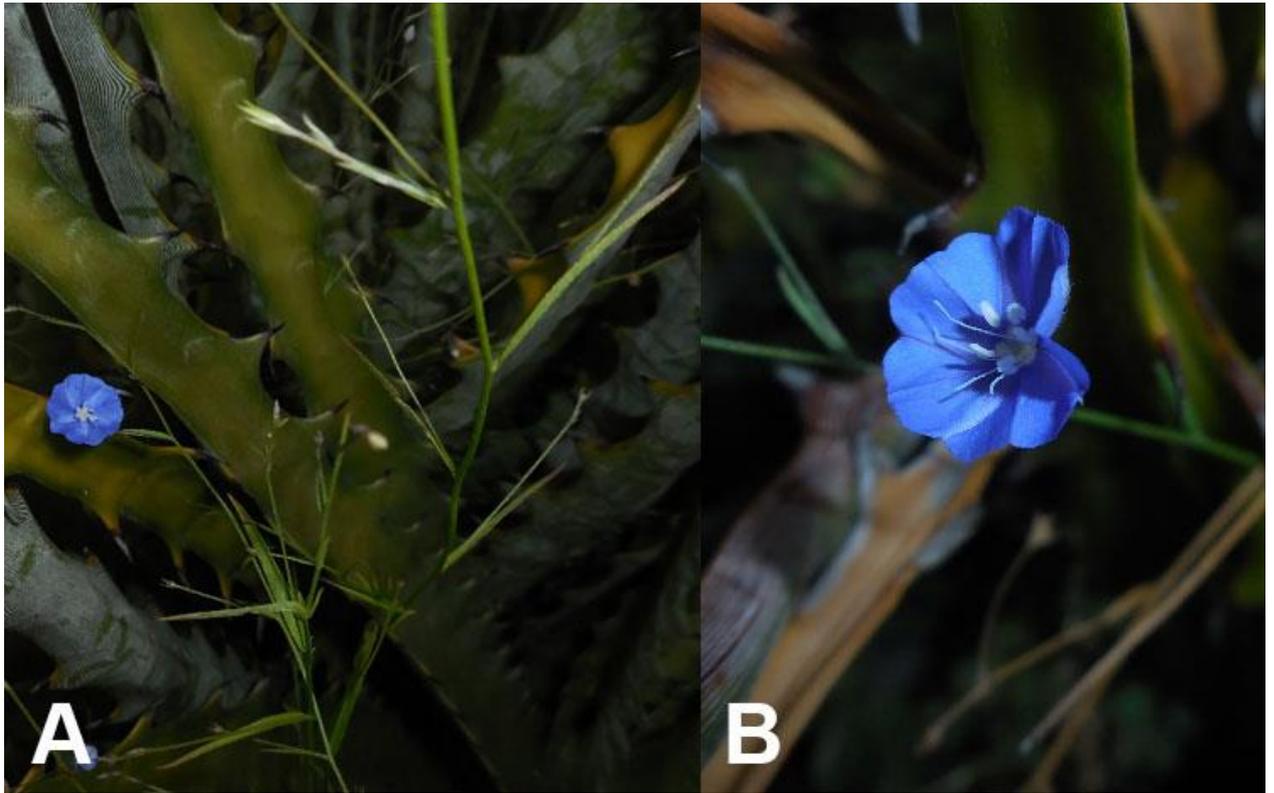


Figura 70. *Evolvulus elegans*. Ramo florido de planta associada a *Encholirium spectabile* (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

Evolvulus filipes Mart. América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá), América do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná). São plantas herbáceas pouco ramificadas folhas lanceoladas com faces abaxial e adaxial esparso pilosas.

Evolvulus cordatus Moric. (Figura 71) América do Sul (Colômbia, Venezuela), América do Norte e Central (Guatemala, Honduras, México, Panamá). Ocorre no Brasil nas Regiões Norte (Amazonas), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Minas Gerais). São ervas decumbentes, pilosas, flores com um a dois centímetros de diâmetro.



Figura 71. *Evolvulus cordatus*. Ramo fértil (A). Detalhe da flor (A). Fotos L.P.Felix.

Ipomoea bahiensis Willd. ex Roem. & Schult. (Figura 72). América do Sul (Bolívia). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro). Conhecida popularmente como “gitirana”, são trepadeiras robustas formando densos emaranhados com flores lilases. Espécie reconhecida como medicinal pelas comunidades rurais, teve efeitos antimicrobianos e antitumorais comprovados experimentalmente.



Figura 72. *Ipomoea bahiensis*. Planta em seu habitat (A). Detalhe de ramo com flor (B).
Fotos J.M.P.Cordeiro.

Ipomoea brasiliana (Choisy) Meisn. (Figura 73). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal), Sudeste (Minas Gerais). São lianas robustas de flores lilases, frequente no contato da Caatinga arbustivo arbórea com o afluoramento. Tem uso medicinal reconhecido contra dermatites, sarnas, sífilis e úlceras da pele.

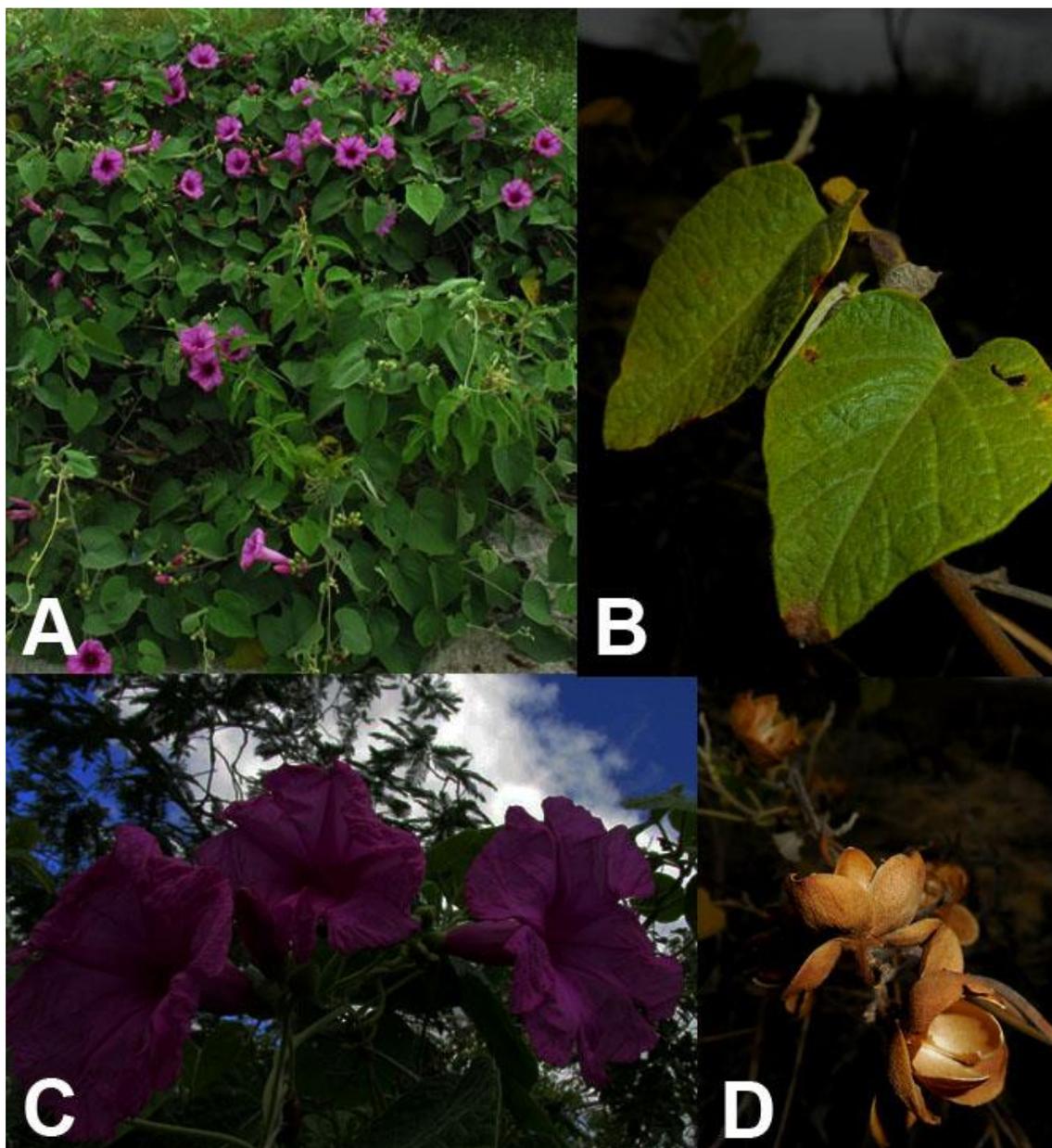


Figura 73. *Ipomoea brasiliana*. Planta em seu habitat (A). Ramo com folhas maduras (B). Detalhes de flores e frutos na deiscência (C). Fotos L.P.Felix.

Ipomoea carnea subsp. *fistulosa* (Mart. ex Choisy) D.F.Austin. América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa

Catarina). Espécie de hábito arbustivo, frequentemente cultivada como ornamental. A espécie é amplamente reconhecida como tóxica para o gado, embora também apresente propriedades medicinais, sendo especialmente reconhecidas suas propriedades antifúngicas.

Ipomoea longeramosa Choisy. (Figura 74). América do Sul (Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais). São plantas típicas dos afloramentos rochosos, especialmente frequente em locais com acúmulo de água.

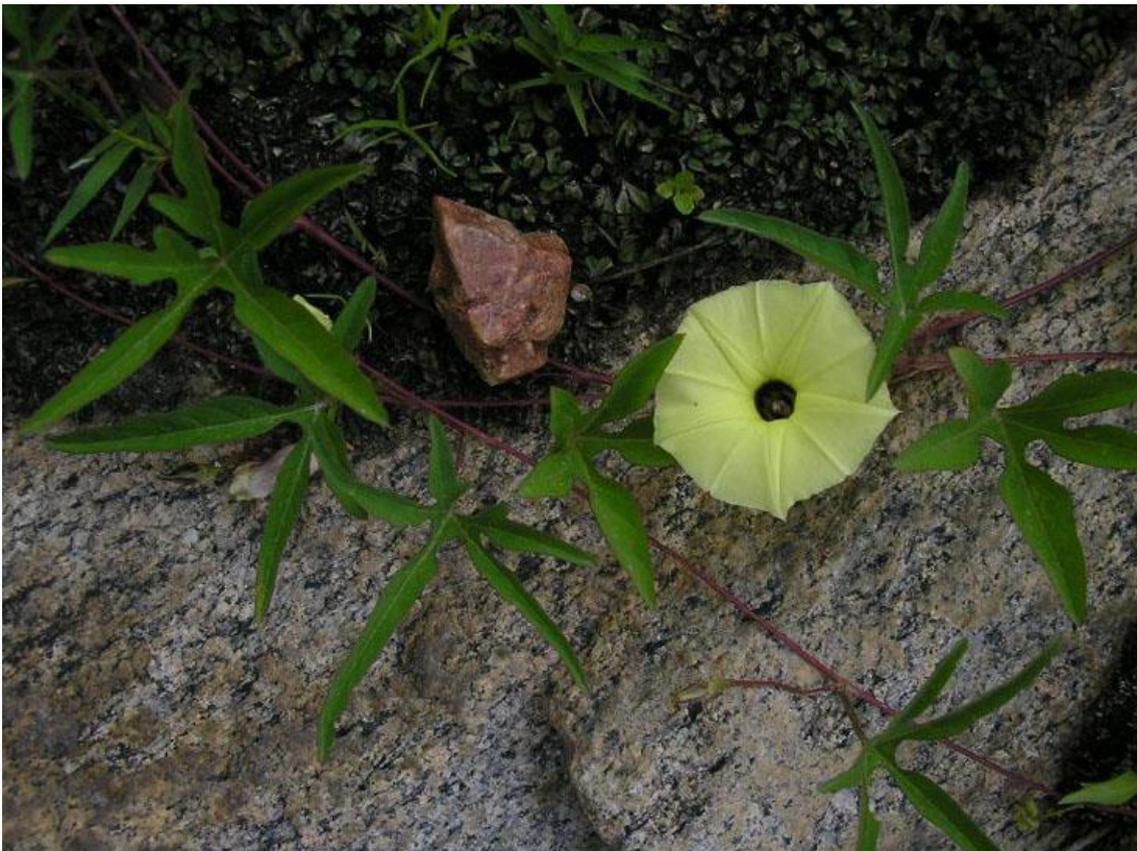


Figura 74. *Ipomoea longeramosa*. Planta em seu habitat mostrando detalhe da flor. Fotos L.P.Felix.

Ipomoea nil (L.) Roth. (Figura 75). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela), América do Norte e Central (Guatemala, Belize, Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos, El Salvador). No Brasil ocorre nas Regiões Norte

(Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Planta com belas flores azuis atualmente utilizada como plantas ornamentais em jardins públicos e privados.

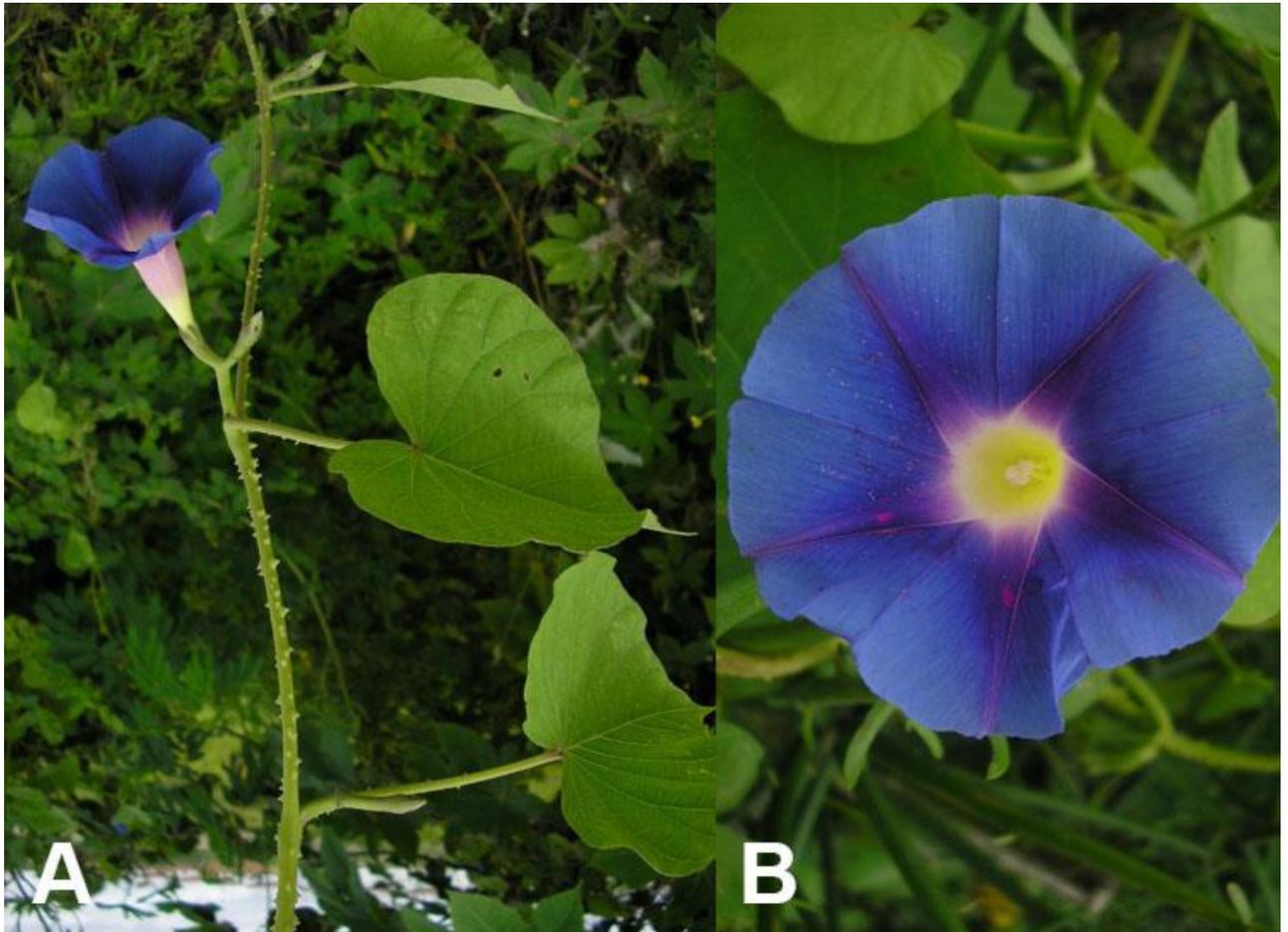


Figura 75. *Ipomoea nil*. Ramo fértil (A). Detalhe da flor (B). Fotos L.P.Felix.

Ipomoea parasitica (Kunth) G.Don. América do Sul (Colômbia, Peru, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás), Sudeste (Minas Gerais). Esta espécie possui alcaloides com efeito psicotrópico e psicomimético.

Jacquemontia heterantha (Nees & Mart.) Hallier f. América do Sul (Bolívia). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro). Planta lianescente de flores azuis, frequente na borda da vegetação Caatinga, especialmente frequente no contato com os afloramentos rochosos.

Merremia aegyptia (L.) Urb. (Figura 76). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá). Ocorre no Brasil nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo). Trata-se de uma espécie invasora, típica de ambientes alterados, com potencial para uso como planta forrageira.



Figura 76. *Merremia aegyptia*. Ramo florido. Fotos L.P.Felix.

Operculina macrocarpa (L.) Urb. (Figura 77). Ocorre no Brasil nas Regiões Norte (Amapá), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo). Espécie com forte apelo ornamental, conhecida como “batat-de-purga”, é amplamente reconhecida pelo uso medicinal como laxante, depurativo, além de possuir efeito larvicida e molucicida.

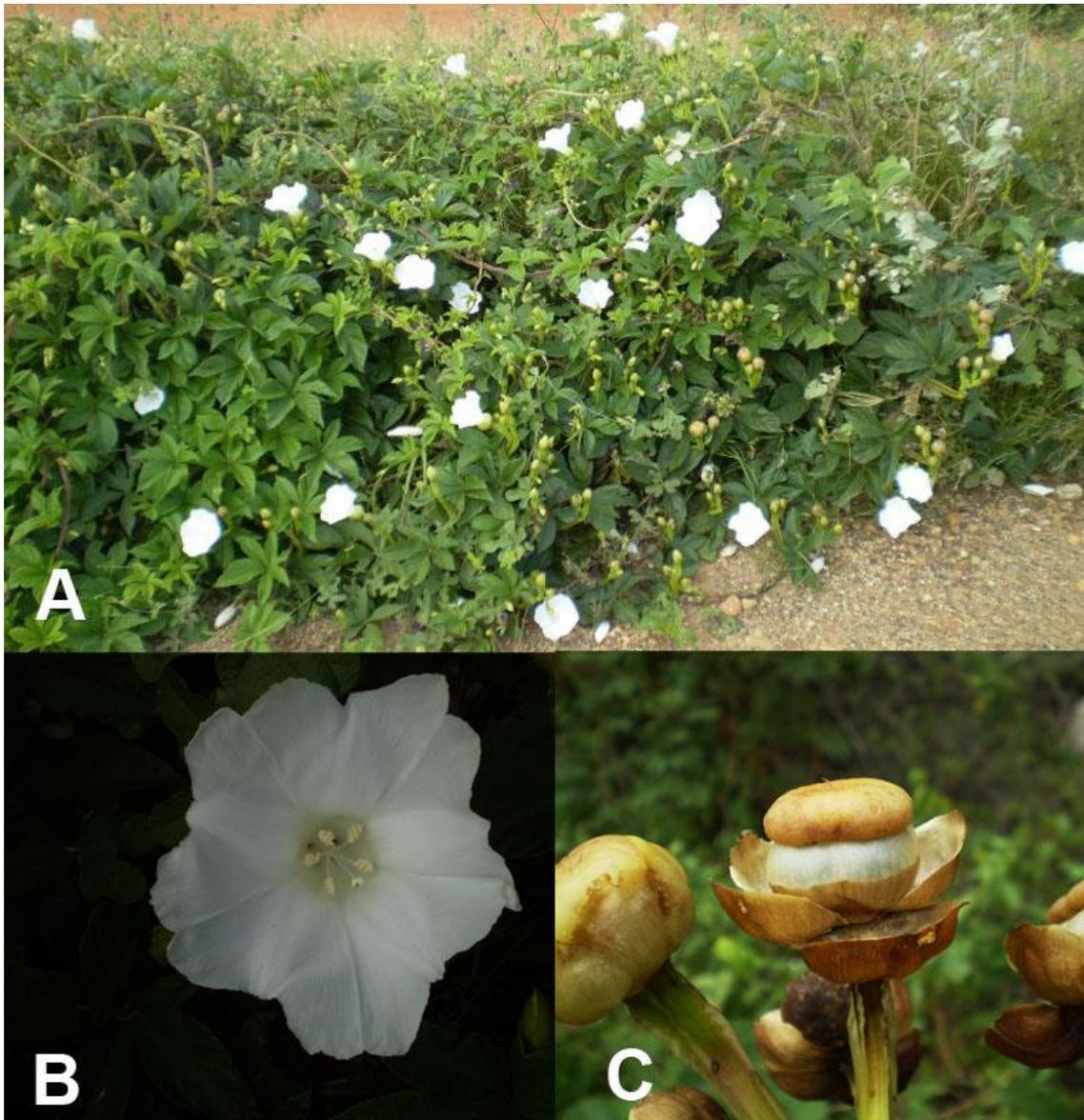


Figura 77. *Operculina macrocarpa*. Planta em seu habitat (A). Detalhes de flor (B) e frutos (B). Fotos L.P.Felix.

CUCURBITACEAE

Apodanthera congestiflora Cogn. (Figura 78). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). Espécie amplamente conhecida na região como “cabeça-de-negro”, é utilizada na medicina popular no combate a manchas de pele, sangue grosso e coceira.

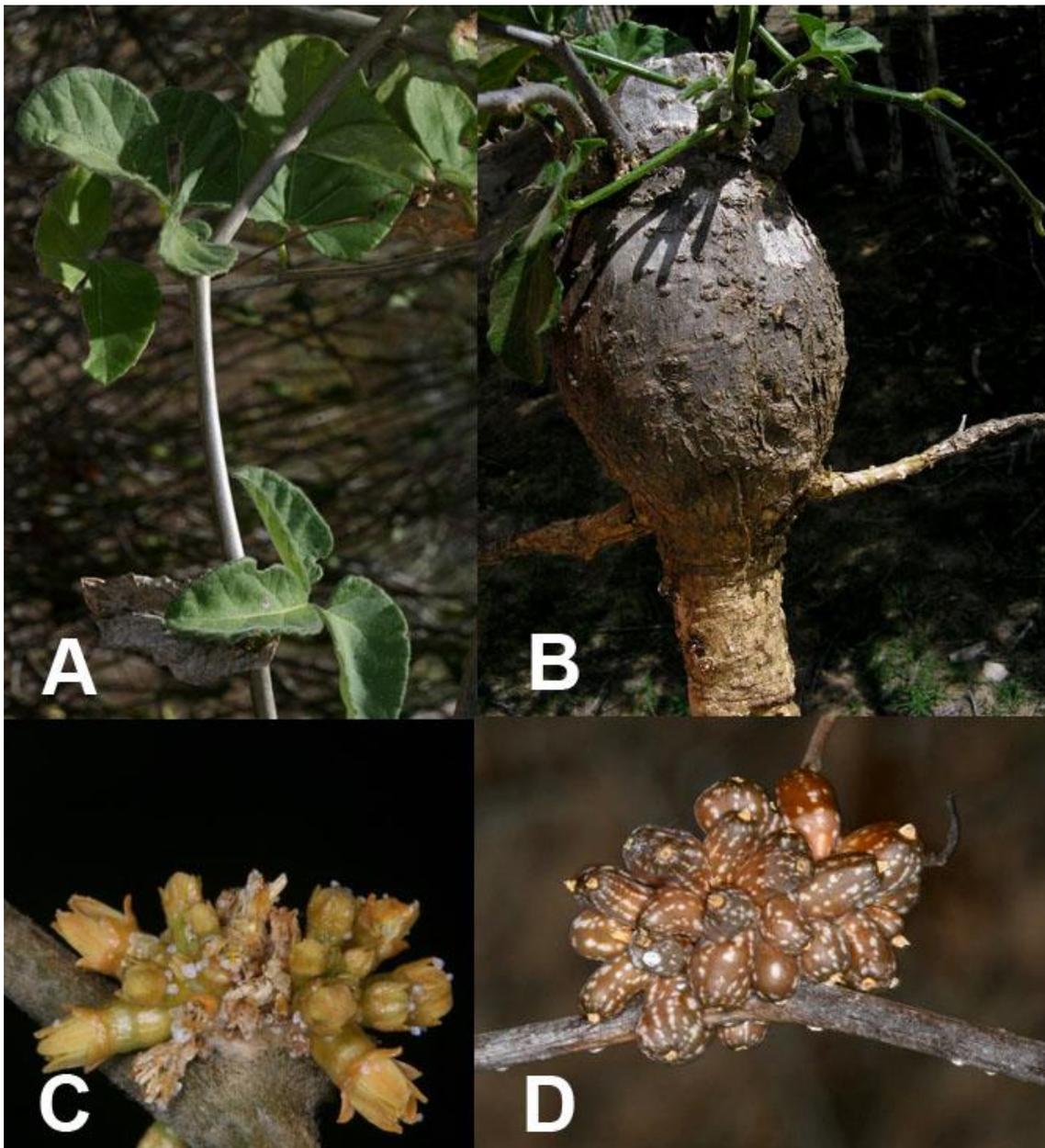


Figura 78. *Apodanthera congestiflora*. Ramo estéril (A). Detalhe do xilopódio (B). Flores masculinas (C) e frutos (D). Fotos L.P.Felix.

ERYTHROXYLACEAE

Erythroxylum pungens O.E.Schulz. Ocorre no Brasil na Região Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte). São arbusto de flores brancas e frutos vermelhos frequentes na base do afloramento em moitas de vegetação arbóreo arbustiva. Tem reconhecido efeito hipotensor e vaso relaxante.

EUPHORBIACEAE

Acalypha poiretii Spreng. (Figura 79). América do Sul (Bolívia, Guiana Francesa, Venezuela), América do Norte e Central (Guatemala, Honduras, México, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará), Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Santa Catarina). Subarbustos visualizados apenas na época das chuvas, principalmente no interior da Caatinga. Na Serra a espécie pode ser encontrada na base do afloramento no contato com a vegetação de Caatinga arbóreo arbustiva.

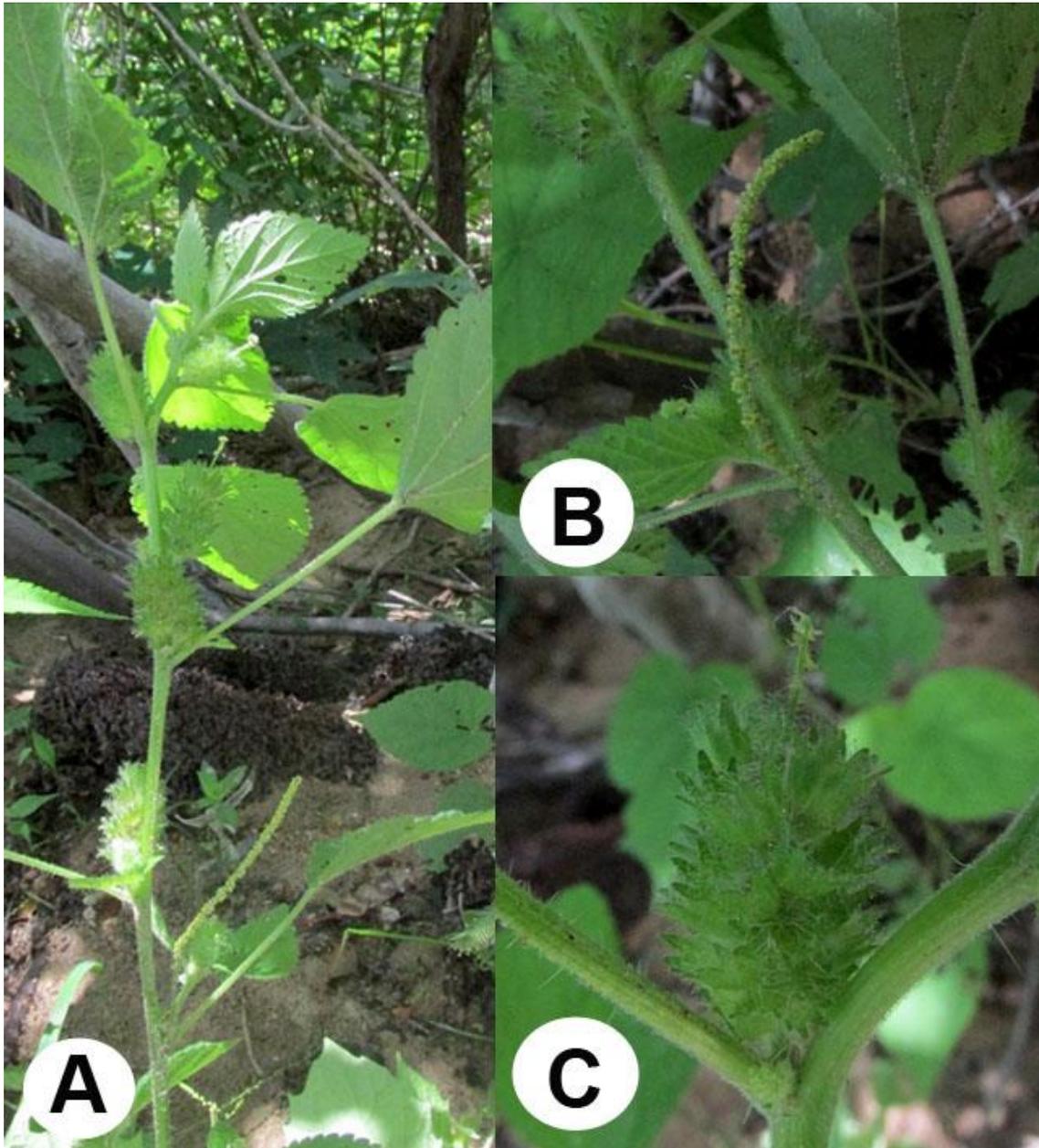


Figura 79. *Acalypha poiretii*. A. Planta em seu habitat. B-C. Detalhes de inflorescência com flores masculinas (B) e femininas (C). Fotos L.P.Felix.

Cnidocolus urens (L.) Arthur. (Figura 80). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Rondônia), Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná). Conhecida como “cansação” ou “urtiga branca”, trata-

se de uma espécie conhecida por apresentar pelos fortemente urentes. É utilizada na medicina popular no tratamento de doenças das vias urinárias e como bactericida.

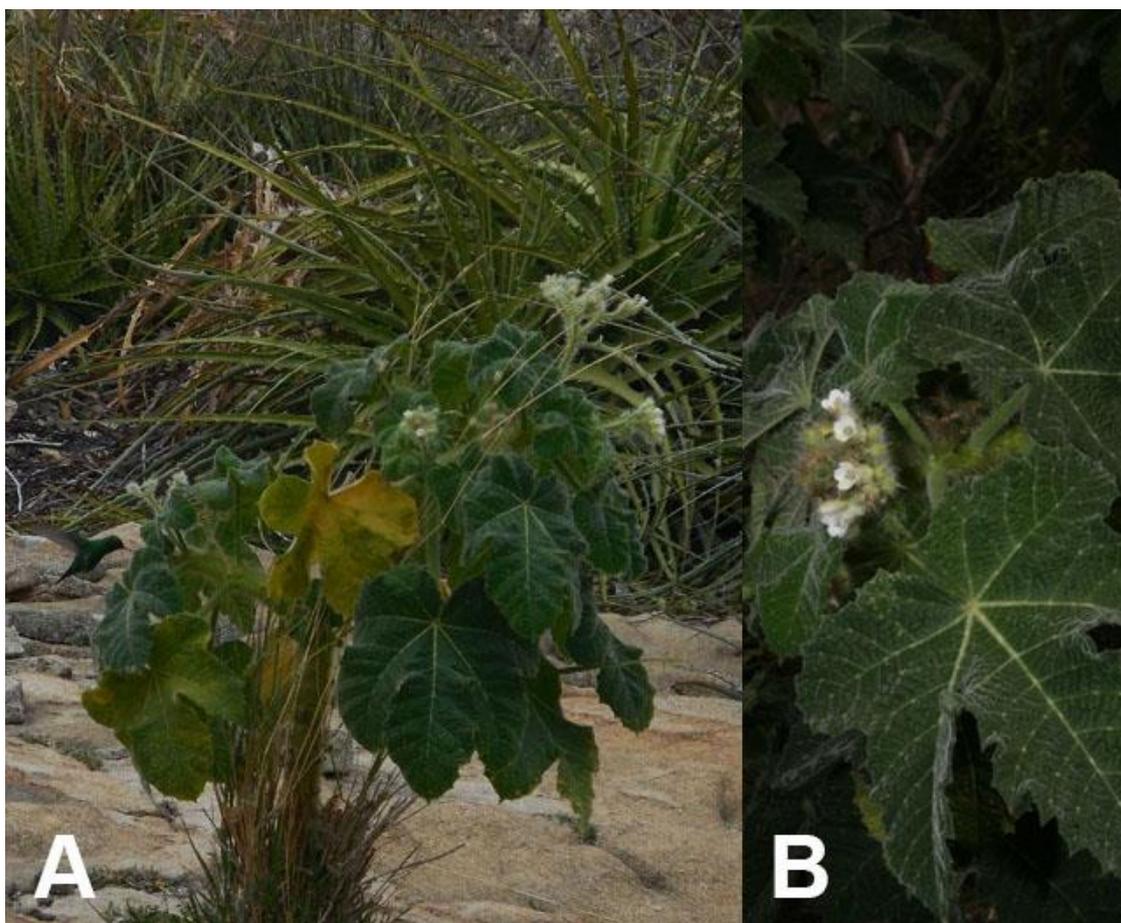


Figura 80. *Cnidoscolus urens*. Planta em seu habita (A). Ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

Croton adamantinus. Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). São plantas subarbustivas aromáticas, típicas no de ambientes sombreados na Caatinga arbórea, conhecida popularmente como “fumo de tapuia”. Tem sido utilizada no tratamento de inflamações, doenças de pele, como analgésico e como antimicrobiano.

Croton blanchetianus Baill. (Figura 81). Brasil nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). Conhecida popularmente como “marmeleiro”, é uma espécie altamente combustível e por isso amplamente utilizada para acendimento doméstico dos fogões à lenha, além de apresentar efeito bacteriostático.



Figura 81. *Croton blanchetianus*. Planta em seu habita. Foto L.P.Felix.

Croton glandulosus L. (Figura 82). América do Sul (Bolívia, Peru, Venezuela), América do Norte e Central (Guatemala, Costa Rica, México, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). São arbustos e subarbustos típicos de ambientes perturbados e invasora de culturas, com ocorrência em todos domínios fitogeográficos do país.



Figura 82. *Croton glandulosus*. Planta florida em seu habitat. Foto L.P.Felix.

Croton heliotropiifolius Kunth. (Figura 83). Ocorre na América do Sul (Peru). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás), Sudeste (Minas Gerais). Conhecida popularmente como “velame” ou “velame- preto”, trata-se de uma espécie amplamente utilizada na medicina popular como bactericida, antimicótico e amebicida. É uma planta facilmente inflamável, por isso, quando seco é usado para acendimento de fogões à lenha.

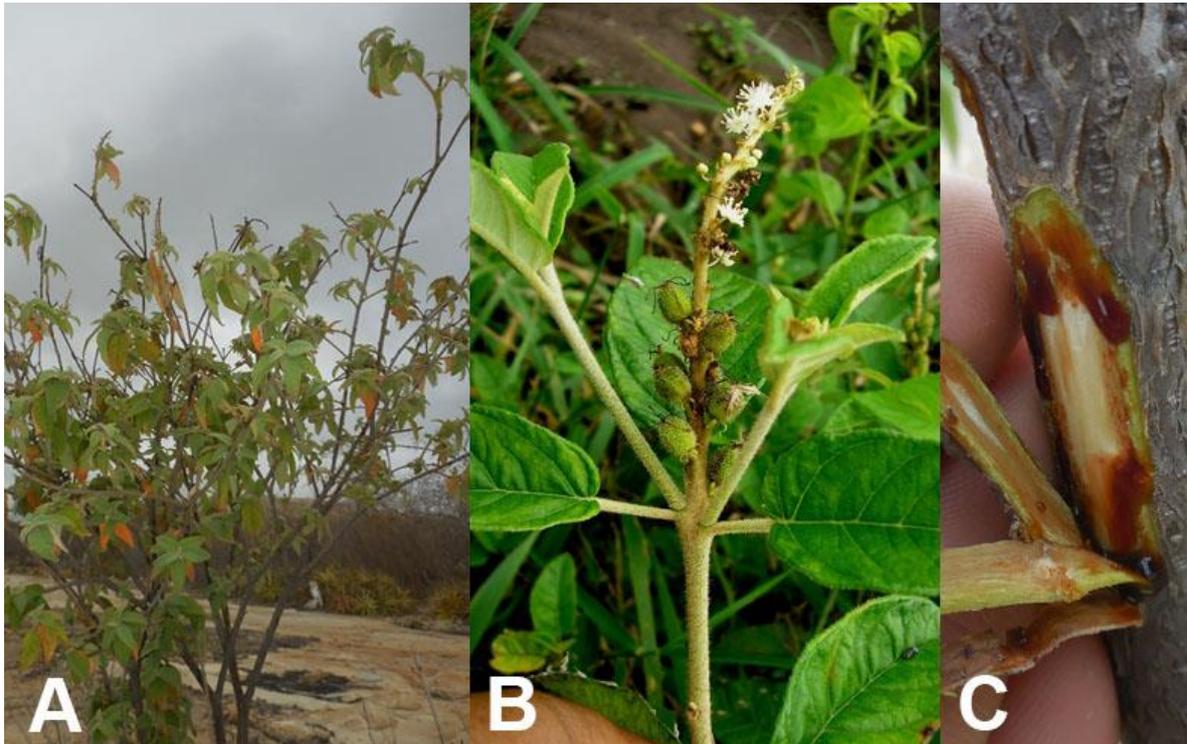


Figura 83. *Croton heliotropiifolius*. Planta em seu habitat (A). Ramo florido (B). Látex marrom característico da espécie (C). Fotos J.M.P.Cordeiro.

Dalechampia pernambucensis Baill. (Figura 84) Brasil nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco). São plantas trepadeiras volúveis, providas de pelos urticantes, conhecidas popularmente como “tamiarana”.



Figura 84. *Dalechampia pernambucensis*. Ramo fértil. Fotos L.P.Felix.

Euphorbia comosa Vell. América do Sul (Bolívia, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Santa Catarina). São plantas herbáceas lactescentes (látex branco), típicas de ambientes alterados. Na Serra do Jatobá ocorre na borda da vegetação da caatinga arbóreo arbustiva.

Euphorbia heterodoxa Müll. Arg. (Figura 85). Endêmica do Brasil, exclusiva da na Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe). Plantas herbáceas lactescentes, típicas de afloramentos rochosos, geralmente associada com bromélias, especialmente *Encholirium spectabile* (macambira de lajedo).

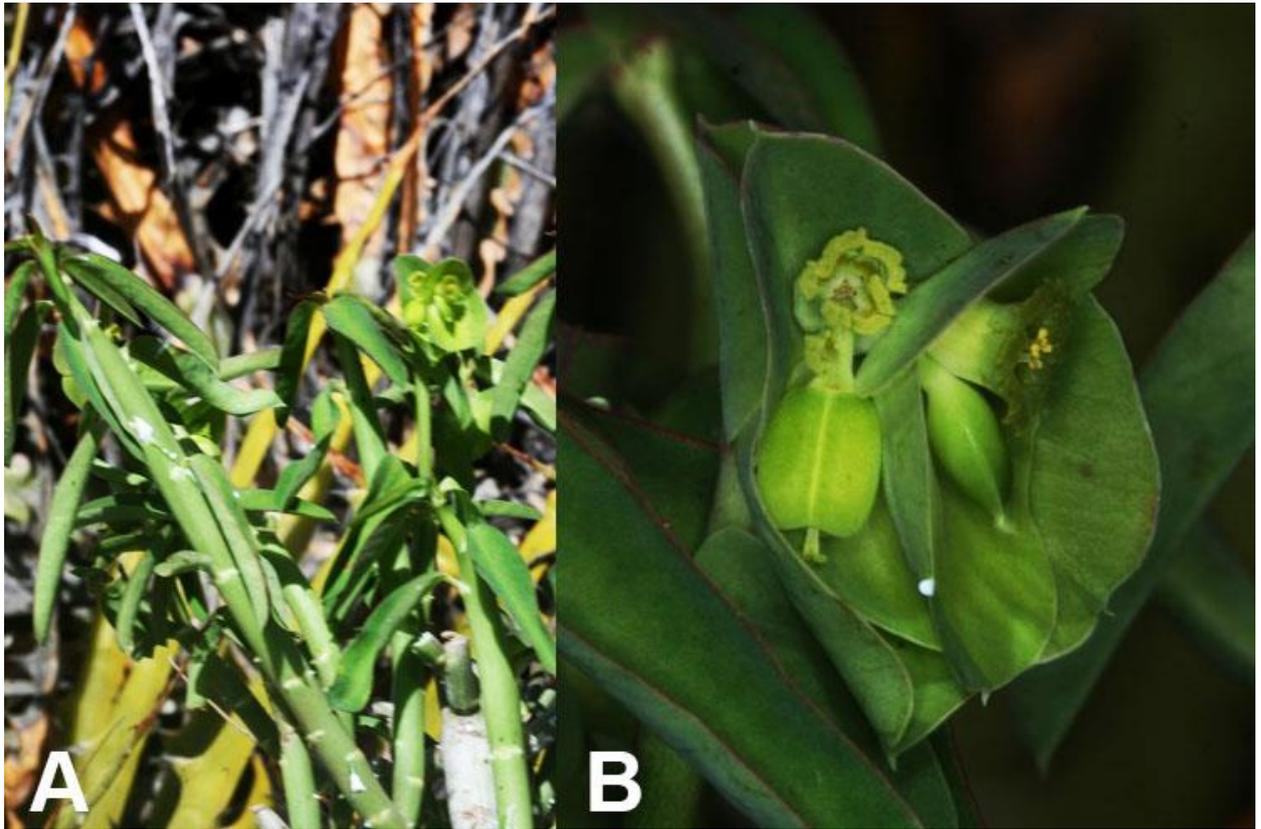


Figura 85. *Euphorbia heterodoxa*. Planta associada a *Encholirium spectabile* (A). Detalhe da inflorescência (B). Fotos L.P.Felix.

Euphorbia hyssopifolia L. (Figura 86). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos). Ocorre no Brasil nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Planta lactescente invasora de culturas. Conhecida popularmente como “leiteira”, são plantas herbáceas lactescentes, de caule avermelhado de caule avermelhado, típica de ambientes perturbados.

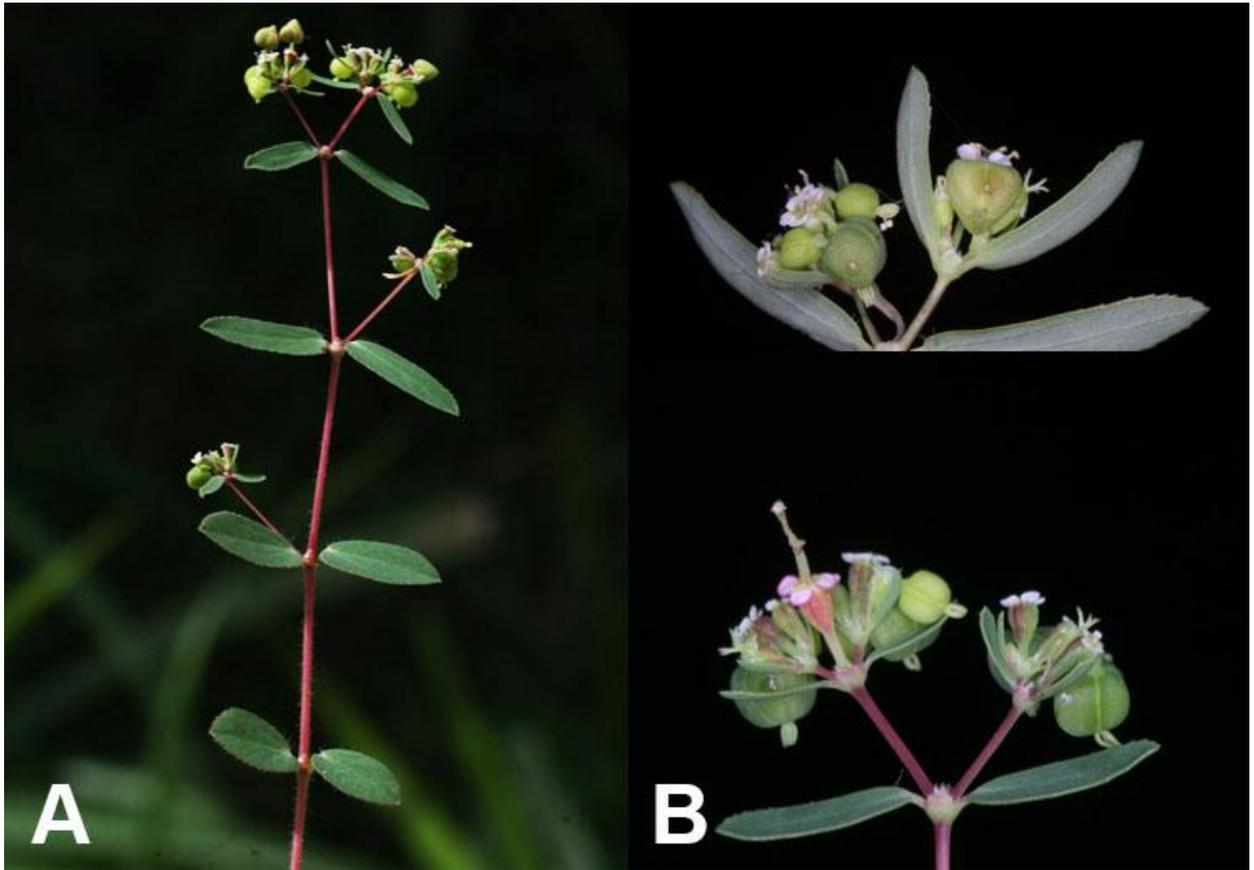


Figura 86. *Euphorbia hyssopifolia*. Ramo com flores e frutos (A). Detalhe de inflorescências com ciátios em vários estágios de desenvolvimento (B). Fotos L.P.Felix.

Euphorbia phosphorea Mart. (Figura 87). Ocorre apenas no Brasil na Região Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais). É uma espécie com ocorrência exclusiva em afloramentos rochosos atualmente utilizada como planta ornamental, especialmente cultivadas em varandas de apartamentos ou como componente de jardins xerófilos.



Figura 87. *Euphorbia phosphorea*. Planta Fotos em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo com várias inflorescências (B). Detalhe do ciátio com flor feminina (C). Fotos: L.P.Felix.

Euphorbia prostrata Aiton. América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Estados Unidos, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco) Centro-Oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Planta invasora típica de ambientes perturbados (rural e urbano), é utilizada como carrapaticida praticamente atóxica para o gado e como agente anti-inflamatório.

Jatropha ribifolia (Pohl) Baill. (Figura 88). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul), Sudeste (Minas Gerais). Conhecida popularmente com “pinhão branco”,

é uma espécie muito frequente nas caatingas do nordeste, tem vários empregos como planta medicinal, embora seu uso deva ser feito com cautela devido sua toxidez já demonstrada em cabras.



Figura 88. *Jatropa ribifolia*. Ramo de uma planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe da flor (B). Fotos L.P.Felix.

Jatropa mollissima (Pohl) Baill. (Figura 89). América do Sul (Bolívia, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Rondônia), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais). O popular “pinhão-bravo”, trata-se de uma espécie conhecida por seus efeitos contra o envenenamento por picada de cobra. Teve, experimentalmente, um efeito inibitório local positivo comprovado contra picadas de “cobra-jararaca”.

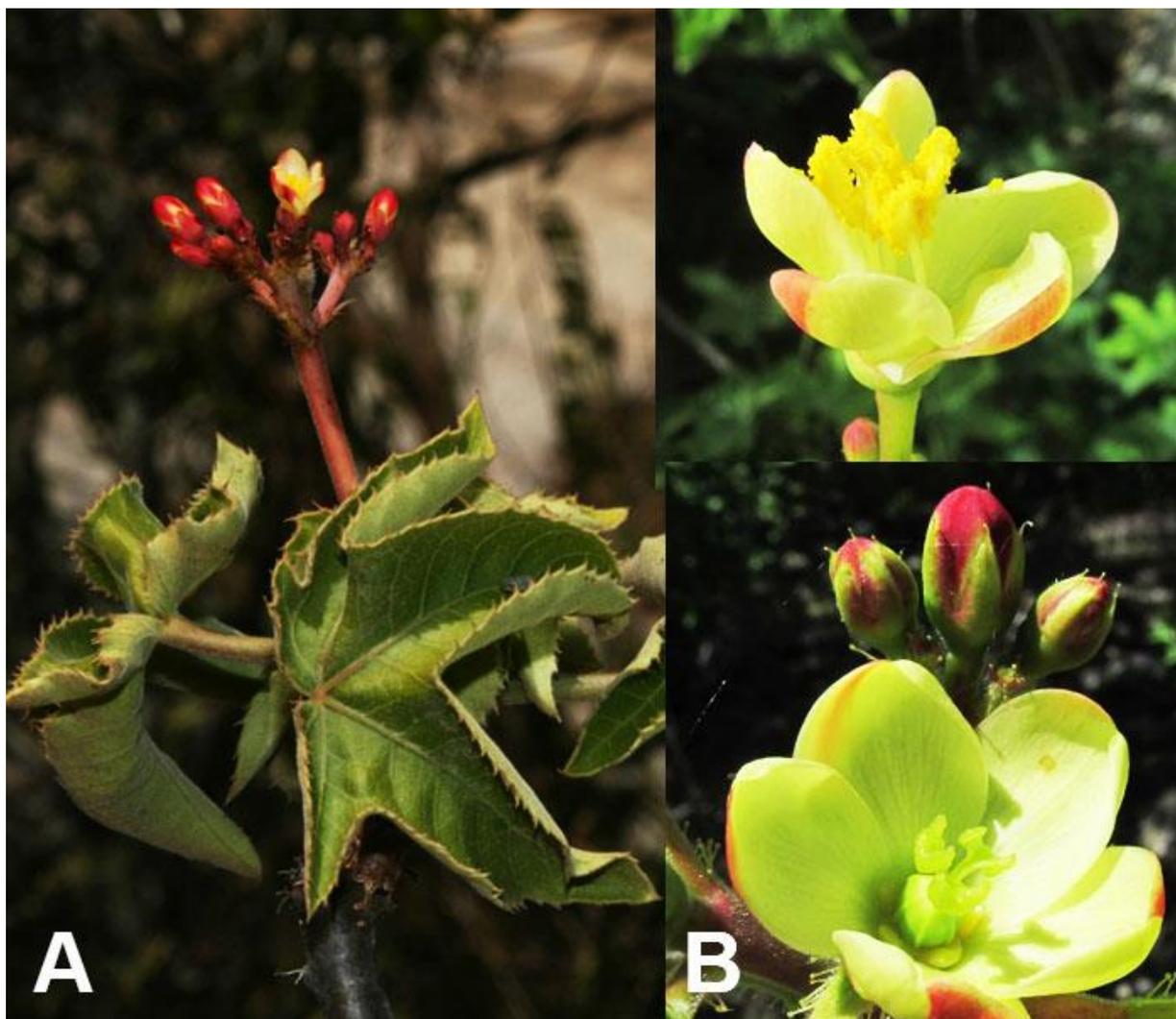


Figura 89. *Jatropha mollissima*. Ramo florido na estação seca (A). Detalhe das flores masculina e feminina (B). Fotos L.P.Felix.

Manihot glaziovii Müll. Arg. (Figura 90). América do Sul (Bolívia, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Estados Unidos). No Brasil ocorre na Regiões Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Distrito Federal), Sudeste (Espírito Santo). Conhecida popularmente como “maniçoba”, já foi utilizada para a produção de látex durante a Segunda Guerra Mundial. Atualmente tem sido utilizada como alternativa de forragem fenada para o gado.



Figura 90. *Manihot glaziovii*. Ramo florido (A). Detalhe de uma flor masculina e botões florais (B). Fotos L.P.Felix.

Microstachys corniculata (Vahl) Griseb. (Figura 91). América do Sul (Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, México, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Roraima, Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Planta herbácea típica de ambientes sombreados.



Figura 91. *Microstachys corniculata*. Ramo com inflorescência, exibindo flores femininas na porção basal da inflorescência (de coloração verde) e masculinas (flores menores acima de cor avermelhada). Foto L.P.Felix.

Sapium glandulosum (L.) Morong. (Figura 92). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Conhecida como “burra-leiteira”, são árvores com até cerca de sete metros de altura com abundante látex branco cáustico e tóxico.



Figura 92. *Sapium glandulosum*. Ramo florido. Foto L.P.Felix.

Stillingia trapezoidea Ule. (Figura 93). Ocorre no Brasil na Região Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe). Planta com ocorrência restrita aos inselbergues da região nordeste. Arbustos ramosíssimos, ramos crassos com abundante látex branco, não tem importância econômica ou uso conhecidos.



Figura 93. *Stillingia trapezoidea*. Planta em seu hábito (A). Ramo fértil com flores masculinas (abaixo) e masculinas (acima) (B). Fotos L.P.Felix.

Tragia volubilis L. (Figura 94). Ocorre América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela, Equador), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Rondônia), Nordeste (Bahia), Sudeste (São Paulo). Planta volúvel, urticante.

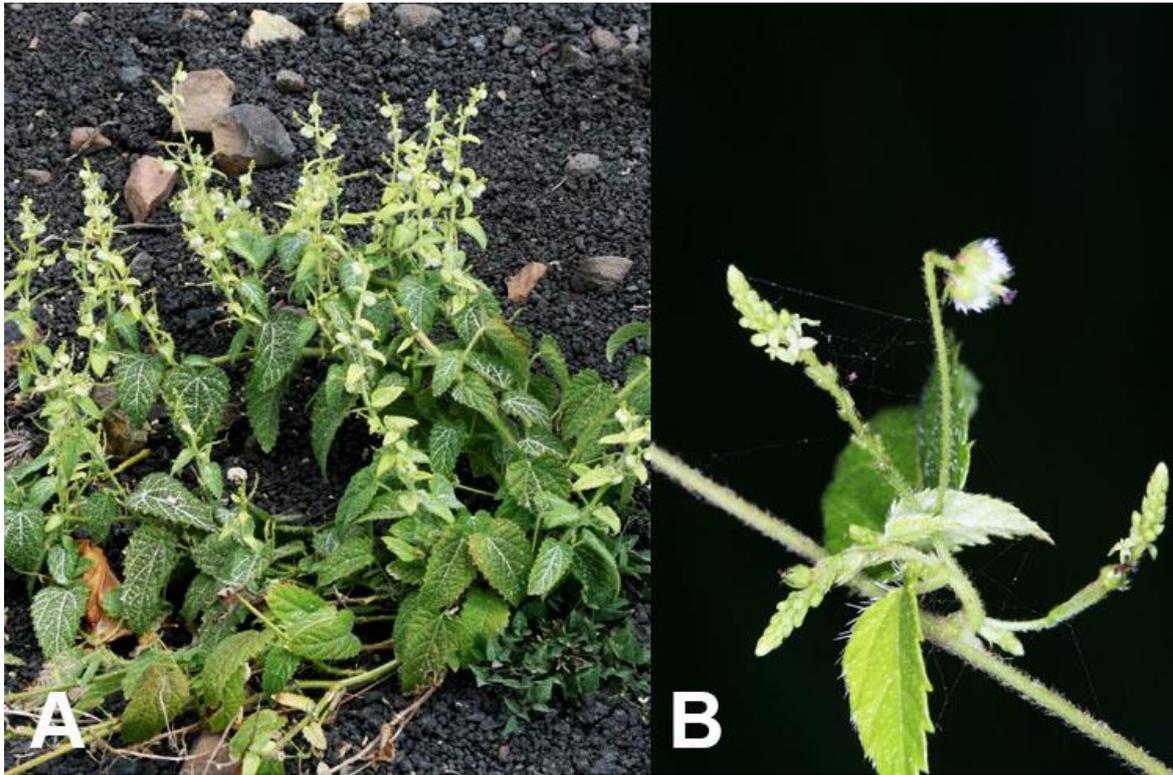


Figura 94. *Tragia volubilis*. Planta em seu habitat (A). Ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

FABACEAE

Aeschynomene scabra G.Don. (Figura 95). América do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México). No Brasil ocorre na Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte). Arbustos com cerca de 1,5m de altura, de ambientes úmidos em tanques e locais úmidos na base do afloramento.



Figura 95. *Aeschynomene scabra*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo fértil (B). Fotos L.P.Felix.

Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm. (Figura 96). América do Sul (Bolívia, Paraguai, Peru). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo). Conhecida popularmente com “cumarú” ou “umburana-de-cheiro”, são plantas arbóreas aromáticas, muito utilizada para o envelhecimento e estocagem de cachaça. São conhecidos diversos usos como planta medicinal, especialmente por suas reconhecidas atividades analgésicas e anti-inflamatórias.

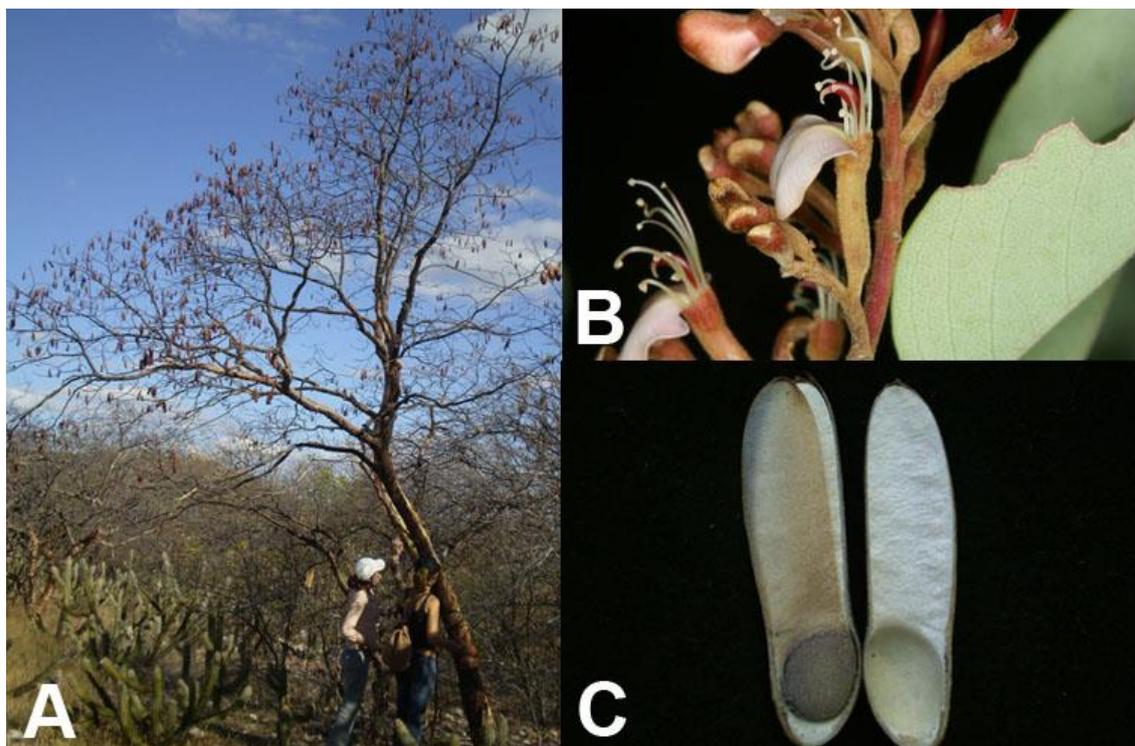


Figura 96. *Amburana cearensis*. Planta em seu habitat (A). Detalhe das flores (B) e frutos com semente (C). Fotos L.P.Felix.

Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan. América do Sul (Argentina, Bolívia, Equador, Paraguai, Peru). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná). Planta arbórea conhecida como “angico” ou “angico-vermelho” sua casca é tradicionalmente utilizada em curtumes. É amplamente citado seu uso como medicinal especialmente como anti-inflamatório e antibiótico para o tratamento de diversas doenças.

Bauhinia cheilantha (Bong.) Steud. (Figura 97). América do Sul (Bolívia). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo). Conhecida popularmente como “mororó” é muito utilizada como tônico, depurativo e contra diabetes. Bastante utilizada pelas comunidades locais como estaca para cercas de varas e faxinas.



Figura 97. *Bauhinia cheilantha*. Hábito da planta (A). Ramo florido (B). Fotos L.P.Felix.

Canavalia brasiliensis Mart. ex Benth. (Figura 98). América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul). Planta escandente conhecida como “feijão-bravo” ou “feijão-de-porco”, trata-se de uma espécie utilizada como forrageira e adubo verde, tendo sido confirmada atividade antitumoral a partir de lectinas obtidas a partir de sementes dessa espécie.



Figura 98. *Canavalia brasiliensis*. Detalhe de ramo florífero (A). Fruto (B). Fotos J.M.P.Cordeiro.

Centrosema brasilianum (L.) Benth. (Figura 99). Ocorre na América do Sul (Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela) e América do Norte (Panamá). No Brasil é citada para as Regiões Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Santa Catarina). São plantas trepadeiras delicadas utilizadas como vermífugo e que possui um potencial importante para uso como forrageira.



Figura 99. *Centrosema brasilianum*. Ramo com flor. Foto J.M.P.Cordeiro.

Centrosema pascuorum Mart. ex Benth. (Figura 100). Ocorre na América do Sul (Argentina, Bolívia, Equador, Guiana, Paraguai, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, Honduras, México, Panamá, Venezuela). No Brasil é referida para o Pará e Tocantins, na Região Norte, para Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe no Nordeste, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso no Centro-Oeste, Minas Gerais e São Paulo no Sudeste e Rio Grande do Sul na Região Sul. A espécie é utilizada na Austrália como forrageira, sendo especialmente apreciada por equinos.



Figura 100. *Centrosema pascuorum*. Ramo com flor e frutos. Foto J.M.P.Cordeiro.

Chamaecrista hispidula (Vahl) H.S.Irwin & Barneby. (Figura 101). Ocorre na América do Norte (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Panamá), América do Sul (Bolivia, Colombia, Guiana Francesa, Guatemala, Guiana, Suriname, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Amazonas, Pará, Roraima) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Minas Gerais). Subarbusto decumbente de ramos pegajosos, frequente na base da Serra, geralmente associada com *Encholirium spectabile* (macambira de lajedo). No México é utilizada para o tratamento de diabetes. Subarbusto de flores amarelas frequente em ambientes perturbados.



Figura 101. *Chamaecrista hispidula*. Planta florida associada a *Encholirium spectabile*.
Foto J.M.P.Cordeiro.

Chamaecrista nictitans subsp. *disadena* (Steud.) H.S.Irwin & Barneby. Ocorre na América do Sul (Bolivia, Colombia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Panamá). No Brasil todos os estados das Região Norte, exceto Pará e Amapá, para a Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe) e para todos os estados do Sudeste. São arbustos de pequenas flores amarelas, ocorrendo na borda da vegetação de Caatinga. O extrato das folhas dessa espécie teve atividade antiviral confirmada contra o vírus do herpes simplex.

Chloroleucon foliolosum (Benth.) G.P.Lewis. Além do Brasil, é citada, na América do Sul, para a Bolívia. É referida para as Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro,

São Paulo) Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina). Árvore pequena de frutos recurvados conhecida popularmente como “jurema-branca”, trata-se de uma espécie avidamente procurada por caprinos em criação extensiva.

Crotalaria holosericea Nees & Mart. No Brasil ocorre exclusivamente na Região Nordeste, estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe. São arbustos com cerca de 1,5 metros de altura, flores amarelas, com ocorrência geralmente associada a afloramentos rochosos. Na Serra pode ser encontrada principalmente na base e na porção mediana do afloramento.

Desmodium glabrum (Mill.) DC. (Figura 102). Ocorre na América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Venezuela), América do Norte (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Panamá). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul) Sudeste (Minas Gerais). São plantas arbustivas com até cerca de dois metros de altura, flores inconspícuas, geralmente associadas a ambientes ecologicamente alterados.



Figura 102. *Desmodium glabrum*. Ramo com flores e frutos. Foto J.M.P.Cordeiro.

Desmodium procumbens (Mill.) Hitchc. (Figura 103). Ocorre nas Américas do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Suriname, Venezuela), do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste, todos os estados Centro-Oeste, exceto Distrito Federal, todos os estados da Região Sudeste e na Região Sul (Paraná). São plantas arbustivas com cerca de dois metros de altura, flores brancas.

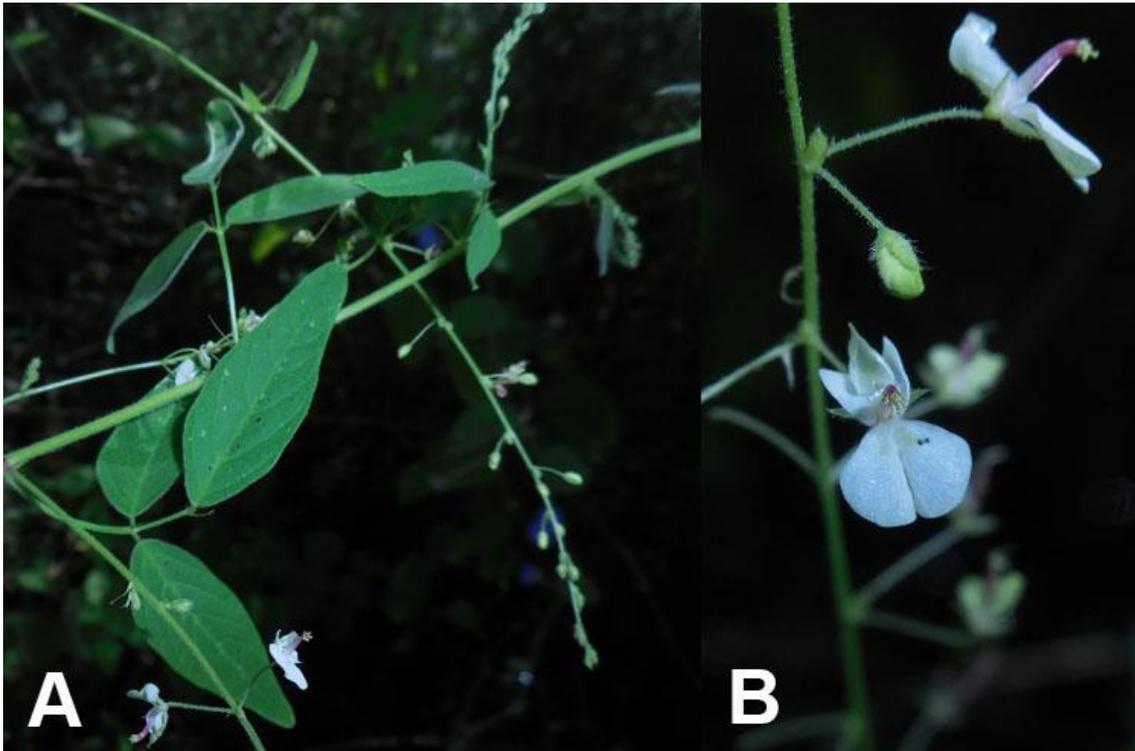


Figura 103. *Desmodium procumbens*. Ramo florido (A). Detalhe das flores (B). Foto J.M.P.Cordeiro.

Dioclea grandiflora Mart. ex Benth. (Figura 104) América do Sul (Bolívia). No Brasil ocorre na Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe). Conhecida como “mucunã” ou “olho-de-boi”, trata-se de uma liana vigorosa de flores violáceas bastante vistosas, e grandes legumes com uma até seis sementes grandes de coloração castanho-avermelhadas. As sementes são reputadas como comestíveis após lavagem em oito águas. Possui atividades analgésicas, antibiótica e anti-inflamatória para prostatite.

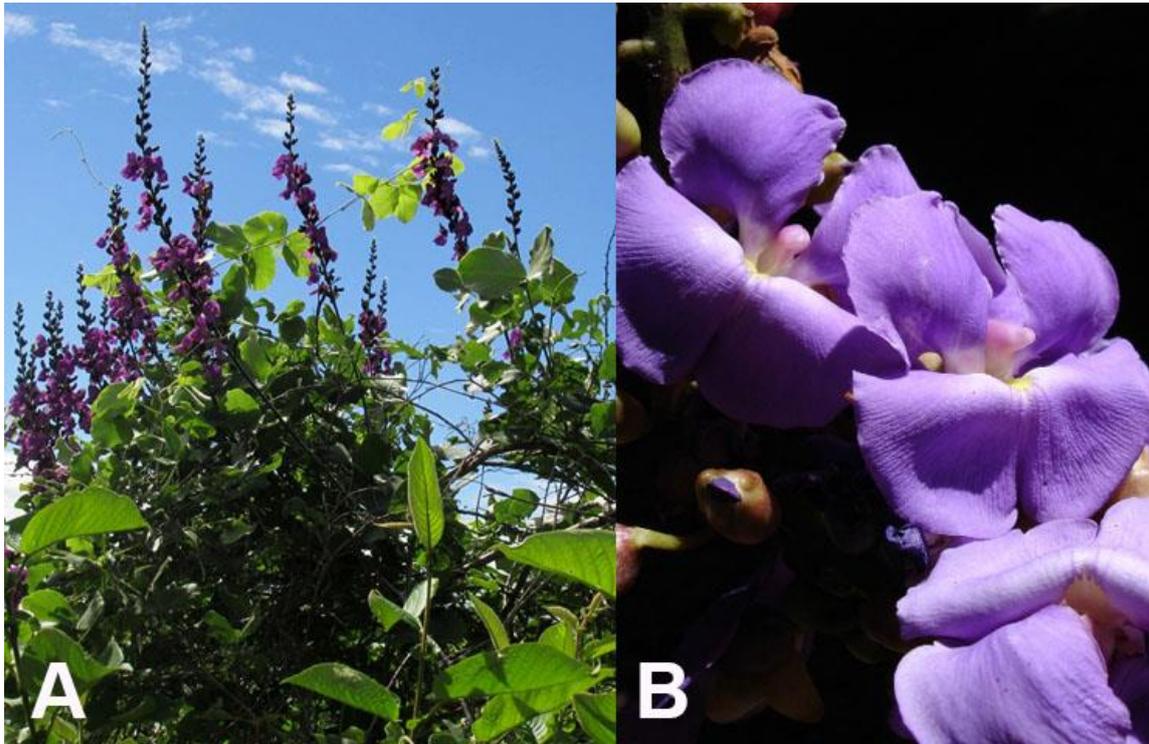


Figura 104. *Dioclea grandiflora*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe das flores (B). Fotos L.P.Felix.

Erythrina velutina Willd. (Figura 105). América do Sul (Colômbia, Equador). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste, em todos os estados, exceto Maranhão e Sudeste, em Minas Gerais. Trata-se do conhecido “mulungu”, espécie arbórea com belas flores vermelho alaranjadas polinizadas por beija flores. É utilizada na medicina popular no tratamento de insônia e contra dores de dente e como vermífugo. Sua madeira ainda é usada para a confecção de gamelas de utilização variada.



Figura 105. *Erythrina velutina*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramos com frutos (B). Fotos L.P.Felix.

Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong. (Figura 106). América do Sul (Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste, exceto Maranhão, Alagoas e Sergipe, Centro-Oeste, no Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso; sudeste, exceto Espírito Santo e em todos os estados da Região Sul. Conhecida como “tambor”, “tamboril”, “orelha-de-negro” ou “timbaúba”, possui madeira utilizada na confecção de tábuas para marcenaria grosseira. São árvores grandes com tronco grosso e retilíneo cujos frutos são considerados fotossintetizantes ou abortivos para o gado bovino.

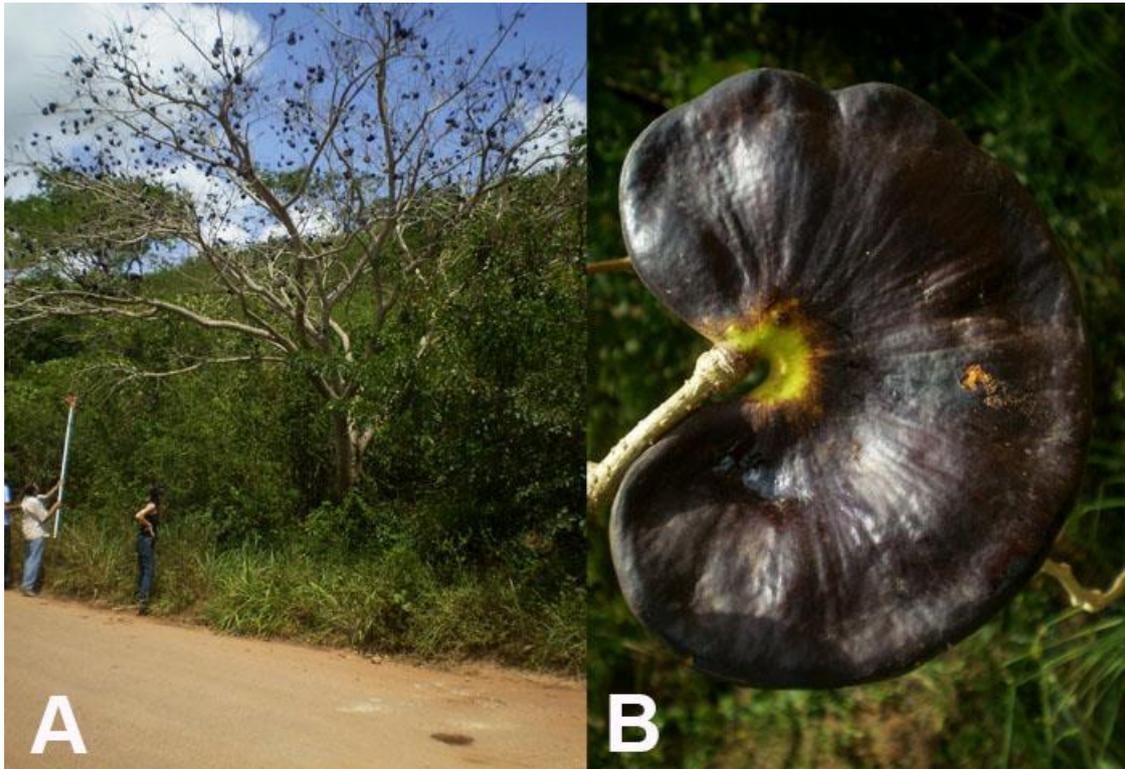


Figura 106. *Enterolobium contortisiliquum*. Planta em seu habitat (A). Detalhe do fruto (B). Fotos L.P.Felix.

Galactia striata (Jacq.) Urb. (Figura 107). Ocorre na América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos). No Brasil é referida para as Regiões Norte (Amazonas, Pará) Nordeste, exceto Maranhão, Centro-Oeste, no Mato Grosso do Sul e todos os estados das regiões Sudeste e Sul. São plantas volúveis de flores lilases, com grande potencial de uso como forragem nativa.

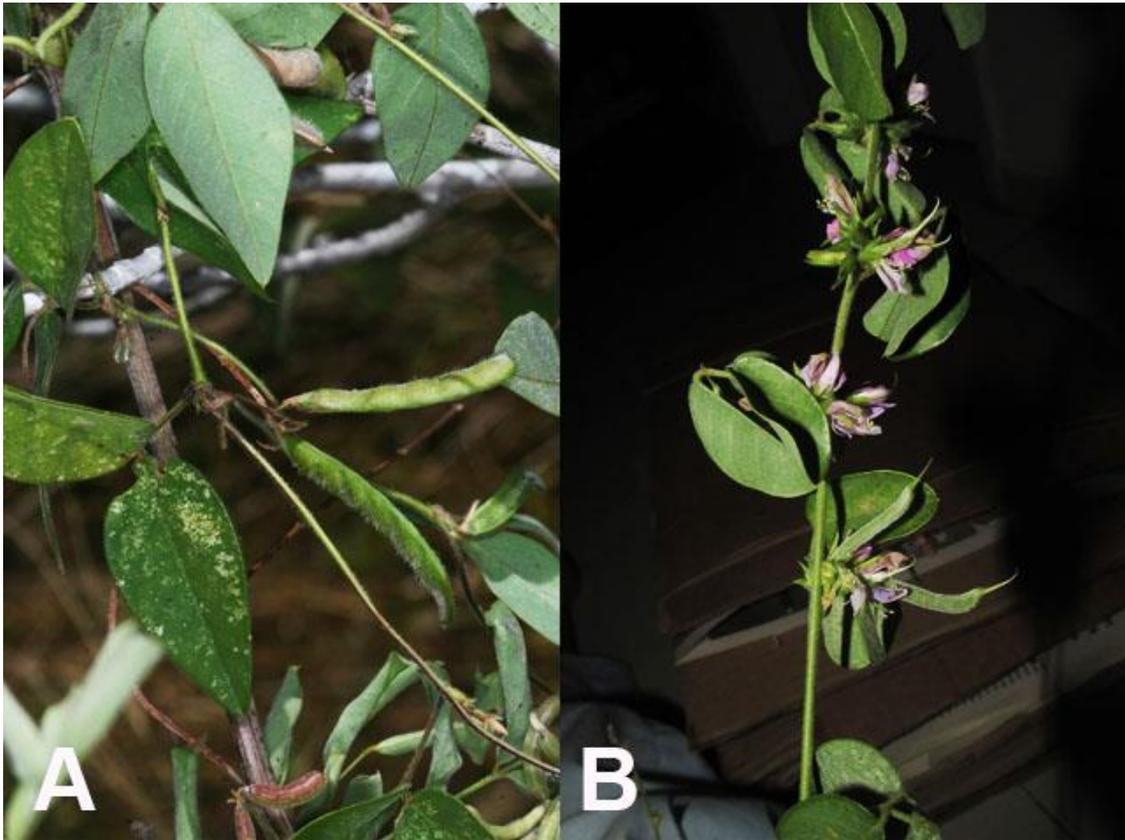


Figura 107. *Galactia striata*. Ramo em seu habitat (A). Ramos com flores em frutos (B).
Fotos L.P.Felix.

Hymenaea courbaril L. (Figura 108). Ocorre nas Regiões da América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá), América do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná). De nome vulgar “jatobá”, são árvores produtoras de boa madeira para a carpintaria e produz frutos com uma polpa farinácea comestível. Possui atividade antimicrobiana e antibiótica.

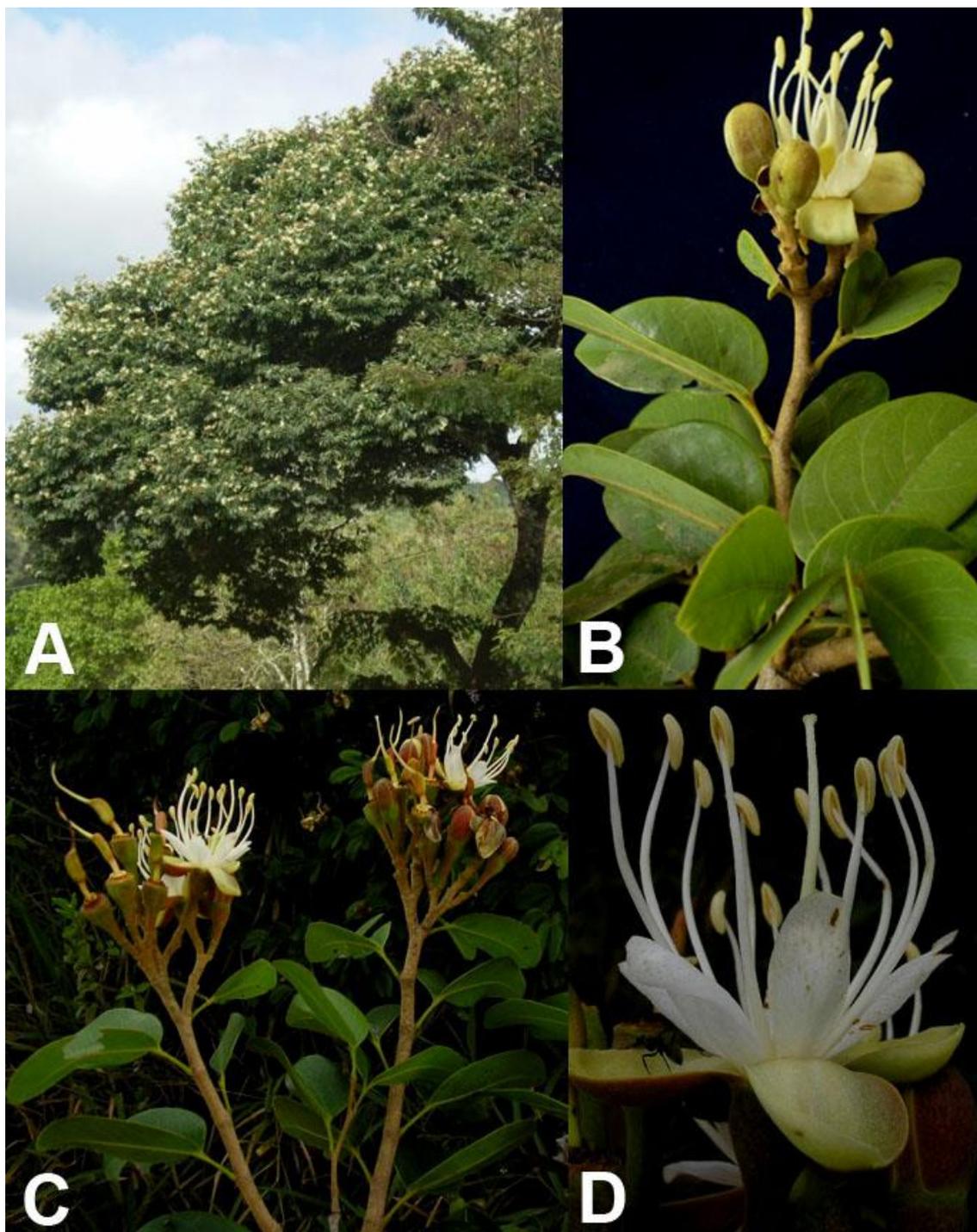


Figura 108. *Hymenaea courbaril*. Planta em seu habita (A); Ramos com flores (B, C); Detalhe de uma flor (D). Fotos L.P.Felix.

Indigofera suffruticosa Mill. (Figura 109). Ocorre nas Américas do Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela), do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos). No Brasil ocorre em todos os

estados do país. Conhecida como “anil”, trata-se de um arbusto com até dois metros de altura, há muito tempo utilizado na produção de um corante azul conhecido como indigo utilizado para tingir tecidos. Com a disseminação do uso de corantes artificiais seu uso para a produção de corante foi quase totalmente esquecido. Tem reconhecida atividade antitumoral e bactericida.



Figura 109. *Indigofera suffruticosa*. Ramo com flores e frutos. Foto J.M.P.Cordeiro.

Luetzelburgia auriculata (Allemão) Ducke (Figura 110). Ocorre exclusivamente no Brasil, nas Regiões Norte, nos estados do Pará e Tocantins, Nordeste, na Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, em todos os estados da

região Centro-Oeste e na Região Sudeste em Minas Gerais. Possui comprovada ação bactericida, antimicótica e anti-inflamatória.

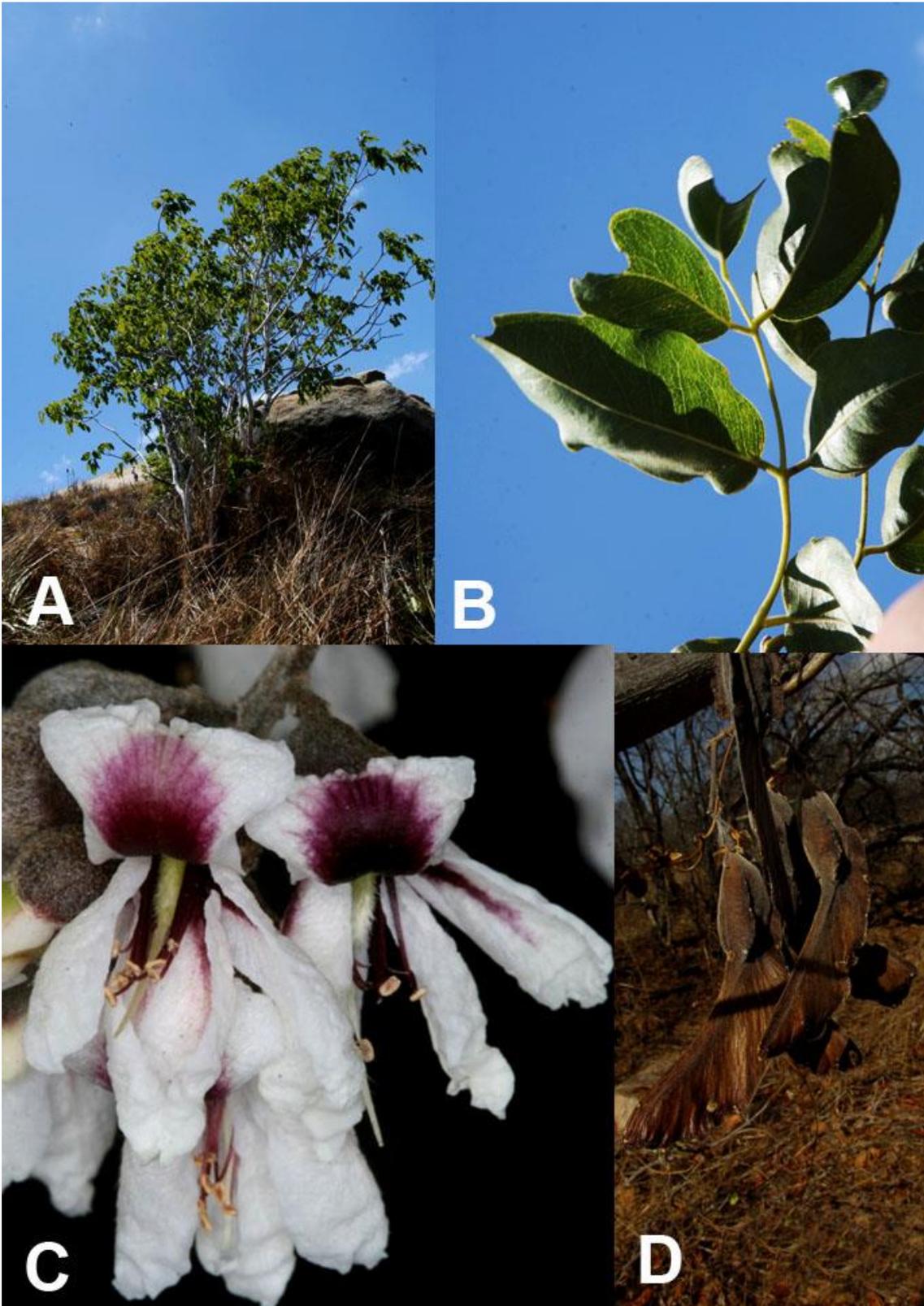


Figura 110. *Luetzelburgia auriculata*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A); detalhe da folha (B), flores (C) e frutos (D). Fotos L.P.Felix.

Macroptilium atropurpureum (Sessé & Moc. ex DC.) Urb. (Figura 111). Ocorre na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru, Venezuela), América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, México, Panamá, Estados Unidos e em todas as regiões do Brasil. São plantas volúveis densamente pubescentes, de flores avermelhadas, frequente nas bordas da Caatinga arbustivo-arbórea. Trata-se de uma leguminosa rica em proteínas, bastante apreciada pelo gado bovino, caprino e ovino.

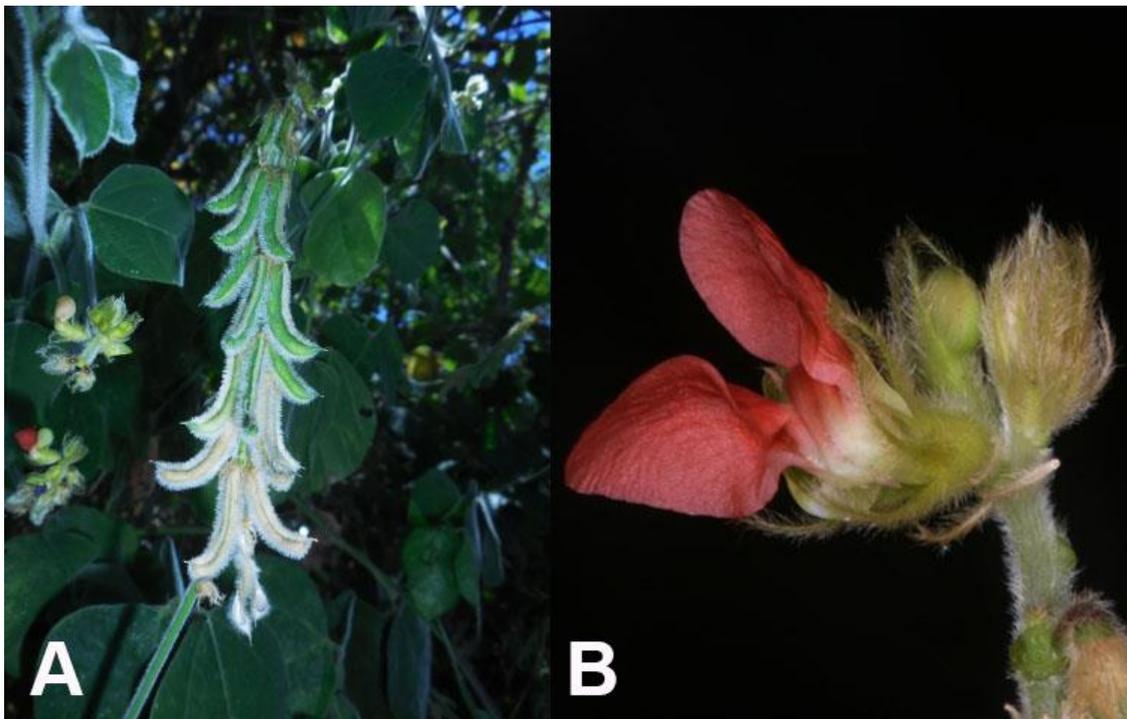


Figura 111. *Macroptilium atropurpureum*. Ramos com flores e frutos (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos J.M.P.Cordeiro.

Macroptilium martii (Benth.) Maréchal & Baudet. (Figura 112). Na América do Sul na Bolívia, Paraguai e Brasil os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Conhecida como “feijão-de-rola”, são plantas volúveis de flores roxas com potencial para uso como forragem nativa.



Figura 112. *Macroptilium martii*. Detalhe de uma folha (A) e flores (B). Fotos L.P.Felix.

Mimosa borboremae Harms. (Figura 113). Endêmica da Região Nordeste, citada para os estados da Bahia, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. São plantas herbáceas decumbentes ou prostradas típica de afloramentos rochosos. Possui ramos avermelhados e flores róseas, em inflorescências capituliformes.

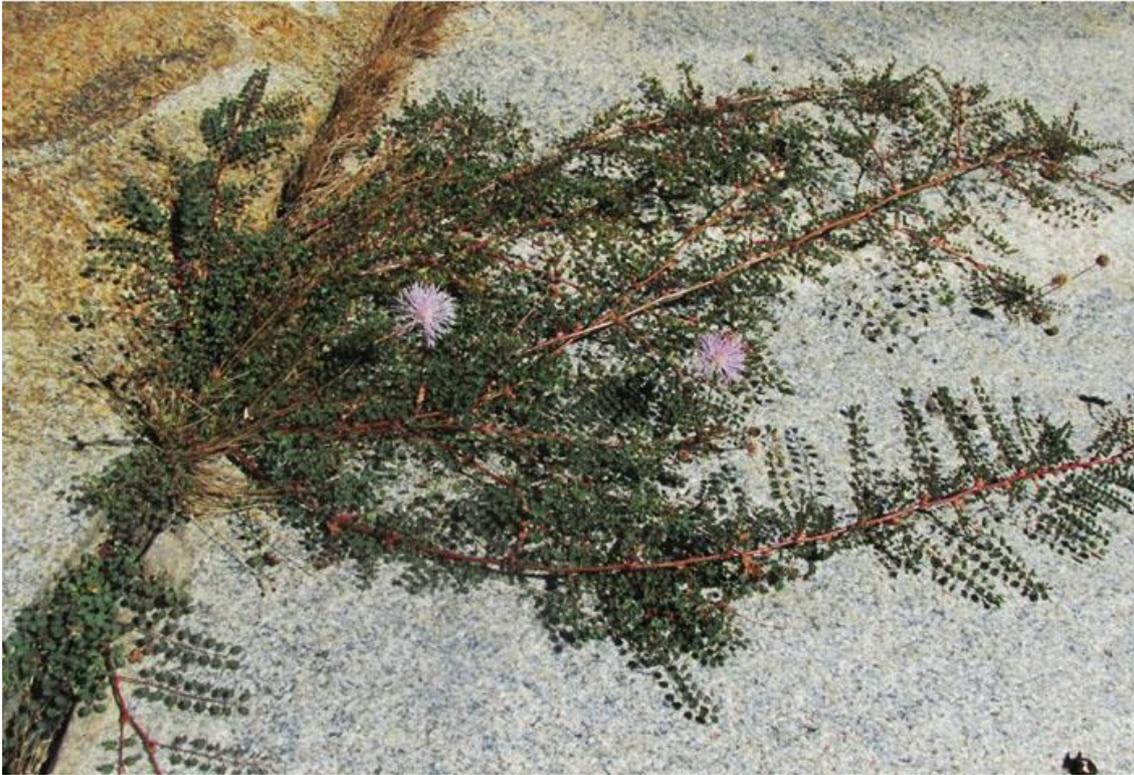


Figura 113. *Mimosa borboremae*. Planta de hábito prostrado vegetando sobre fenda na rocha na Serra do Jatoba. Foto L.P.Felix.

Mimosa ophthalmocentra Mart. ex Benth. (Figura 114). Endêmica do Brasil, ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Distrito Federal) e Sudeste, em Minas Gerais. Conhecida como “jurema-de-embira”, são arbustos ou arvoretas de flores em espigas brancas, observadas apenas na estação das chuvas de ocorrência frequente na Caatinga. As raízes têm uso tradicional para a produção de drogas alucinógenas utilizadas em cerimônias religiosas.

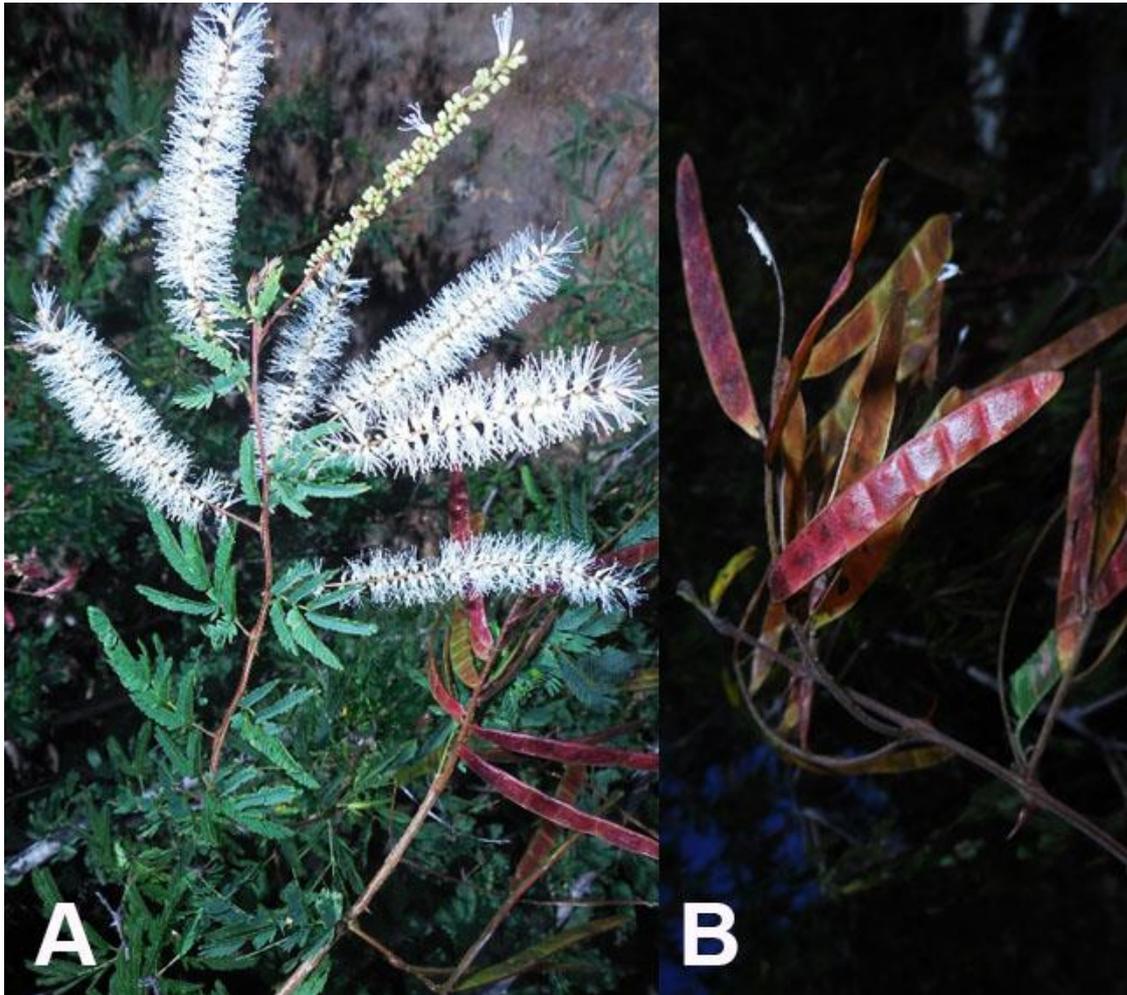


Figura 114. *Mimosa ophthalmocentra*. Ramo com flores e frutos (A). Frutos próximo da maturação (B). Fotos L.P.Felix.

Mimosa paraibana Barneby. (Figura 115). Endêmica da Região Nordeste do Brasil, citada para os estados do Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. São arbustos ramosos de flores em inflorescência capituliformes de coloração branca ou rosa. Análises preliminares indicaram atividade antioxidante, embora apenas um dos isolados tenha mostrado baixa toxicidade.



Figura 115. *Mimosa paraibana*. Ramo com frutos (A) e flores (B). Fotos L.P.Felix.

Mimosa tenuiflora (Willd.) Poir. (Figura 115). Na América do Sul é referida para a Colômbia e Venezuela, na América do Norte e Central para El Salvador, Honduras, México e Panamá e para o Brasil para as Regiões Nordeste (todos os estados) e Sudeste, para Minas Gerais. São arbustos ou arvoretas de ramos escuros (daí seu nome popular “jurema-preta”), com amplo emprego como planta medicinal, com atividade antibacteriana, anti-inflamatória e alucinógenas comprovadas experimentalmente. Seu uso como alucinógeno em cerimônias religiosas provoca efeitos similares ao ácido ligérsico (LSD), porém de menor duração.



Figura 116. *Mimosa tenuiflora*. Ramos com flores e frutos. Fotos L.P.Felix.

Peltogyne pauciflora Benth. (Figura 117). Endêmica do Brasil, é referida para as Regiões Nordeste (todos os estados, exceto Bahia e Maranhão) e Sudeste, para Minas Gerais. São arbustos ou arvoretas de flores brancas que ocorrem principalmente nas porções basal e mediana do afloramento.



Figura 117. *Peltogyne pauciflora*. Ramo com frutos. Foto J.M.P.Cordeiro.

Piptadenia stipulacea (Benth.) Ducke. (Figura 118). Arbusto conhecido popularmente como “amorosa”, é uma espécie considerada endêmica da Região Nordeste do Brasil. No Brasil, onde é referida para todos os estados, exceto Maranhão. Tve suas propriedades como hipotensoras, anti-inflamatórias e antibacterianas confirmadas experimentalmente.



Figura 118. *Piptadenia stipulacea*. Ramo com fruto. Foto J.M.P.Cordeiro.

Poincianella pyramidalis (Tul.) L.P.Queiroz. (Figura 119). Endêmica do Brasil, com ocorrência confirmadas para as Regiões Norte (Amazonas) e para todos os estados da Região Nordeste, exceto Piauí. Conhecida popularmente como “catingueira”, é uma das espécies mais comuns da Caatinga, constitui um dos recursos de pastejo natural mais utilizados por bovinos, caprinos e ovinos que consomem as folhas fenadas naturalmente. Todavia, o uso excessivo desse recurso pode ocasionar abortos ou mal formações no feto de caprinos.

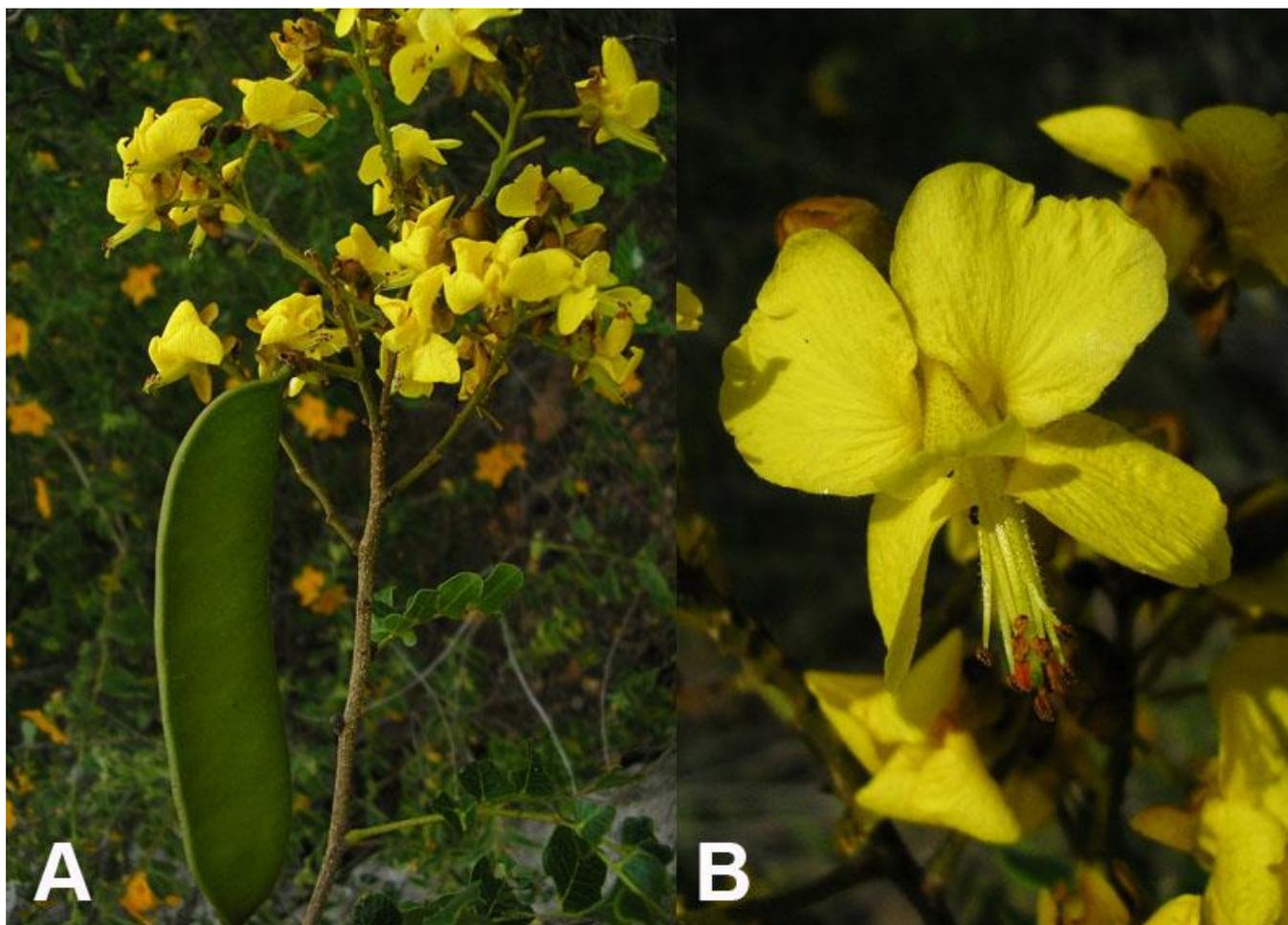


Figura 119. *Poincianella pyramidalys*. Ramo com flores e fruto (A). Detalhe da flor (B). Fotos L.P.Felix.

Senna macranthera (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby. Na América do Sul ocorre na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Brasil, onde é referida para as Regiões Norte, Tocantins, Nordeste, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Centro-Oeste, todos os estados, exceto Mato Grosso do Sul, todos os estados do Sudeste e para o Paraná na Região Sul. São arbustos e pequenas árvores de vistosas flores amarelas. Ocorre principalmente na base do afloramento.

Senna martiana (Benth.) H.S.Irwin & Barneby. (Figura 120). É uma espécie endêmica da Região Nordeste do Brasil, referida para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. Espécie arbustiva encontrada na base do afloramento.

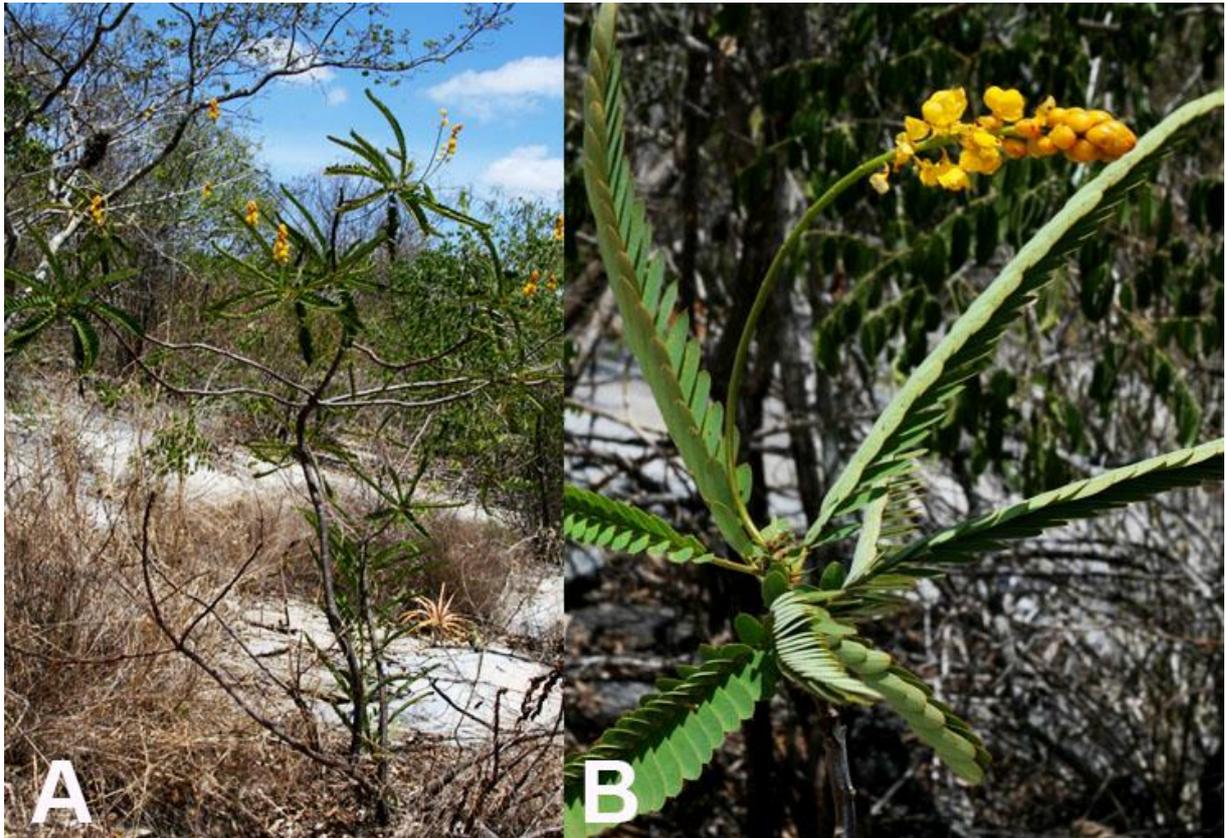


Figura 120. *Senna martiana*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá(A). Ramo com flores (B). Fotos L.P.Felix.

Senna obtusifolia (L.) H.S.Irwin & Barneby. Conhecida como “mata-pasto” tem ampla distribuição para o Continente Americano e no Brasil, onde é referida para todas as regiões do país. São arbustos característicos de solos férteis que formam densas moitas, o que proporciona uma fonte alternativa para ração animal após a fenação ou ensilagem.

Senna uniflora (Mill.) H.S.Irwin & Barneby. (Figura 121). Também conhecida como “mata pasto” (cabeludo), ocorre nas Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua) e América do Sul, na Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil nas Regiões Norte, em Roraima, Nordeste, exceto Maranhão, Centro-Oeste (Goiás), e Sudeste em Minas Gerais e São Paulo. É considerada planta invasora em outros continentes, especialmente na Ásia. Assim como *S. obtusifolia* forma densas moitas e possui grande potencial de uso como pasto fenado.

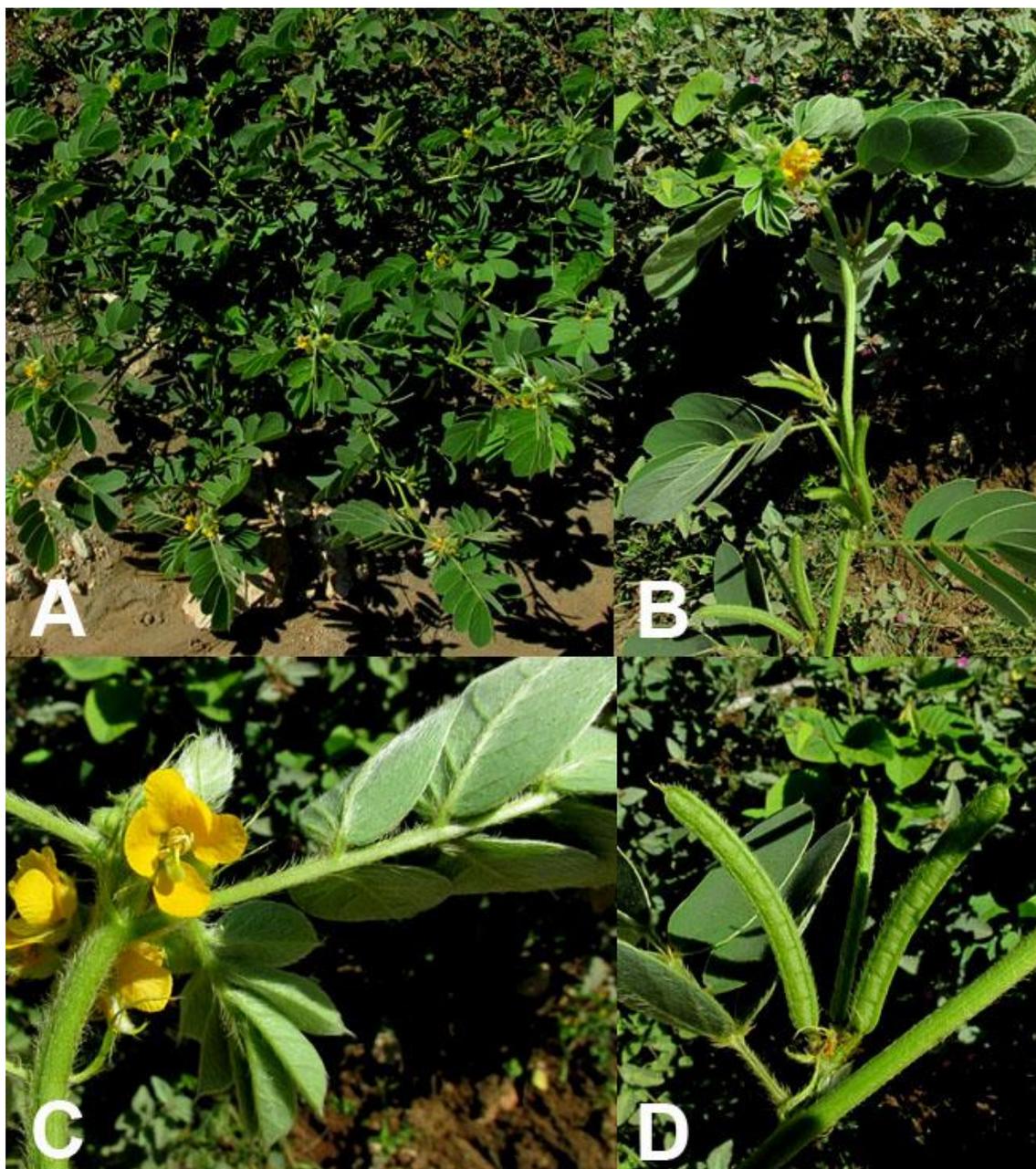


Figura 121. *Senna uniflora*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo com flores e frutos (B). Detalhe de flores (C) e frutos (D). Fotos L.P.Felix.

Stylosanthes humilis Kunth. (Figura 122). A espécie é referida para as Américas do Norte e Central, com registro para Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México e Panamá, América do Sul, para a Bolívia, Colômbia, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte, Amazonas e Pará, Nordeste, para Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí e Sergip), Centro-Oeste, todos os estados e Sudeste para Minas Gerais e São Paulo. É um pasto nativo ainda pouco explorado, com boa resistência a seca, sendo

por isso cultivado com essa finalidade na Austrália onde chega a triplicar a capacidade de suporte dos pastos naturais daquele país.



Figura 122. *Stylosanthes humilis*. Ramo fértil com fruto jovem e flores.

Stylosanthes viscosa (L.) Sw. (Figura 122.1). América do Norte e Central para Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos, América do Sul, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil onde ocorre em todos os estados das Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Na Serra do Jatobá a espécie está sempre associada a *Encholirium spectabile* (macambira de lajedo). Trata-se de uma leguminosa bastante apreciada como pastagem nativa especialmente por caprinos.



Figura 122.1. *Stylosanthes viscosa*. Planta em seu habitat associada a *Encholirium spectabile* (A). Detalhe da inflorescência com flor em antese (B). Fotos L.P.Felix.

Vigna halophila (Piper) Maréchal et al. (Figura 123). Endêmica da Região Nordeste, referida para os estados de Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba. Planta trepadeira volúvel de flores lilases, frequente em afloramentos rochosos. Na Serra a espécie foi observada apenas na base do afloramento na transição da Caatinga arbustivo arbórea para o afloramento.

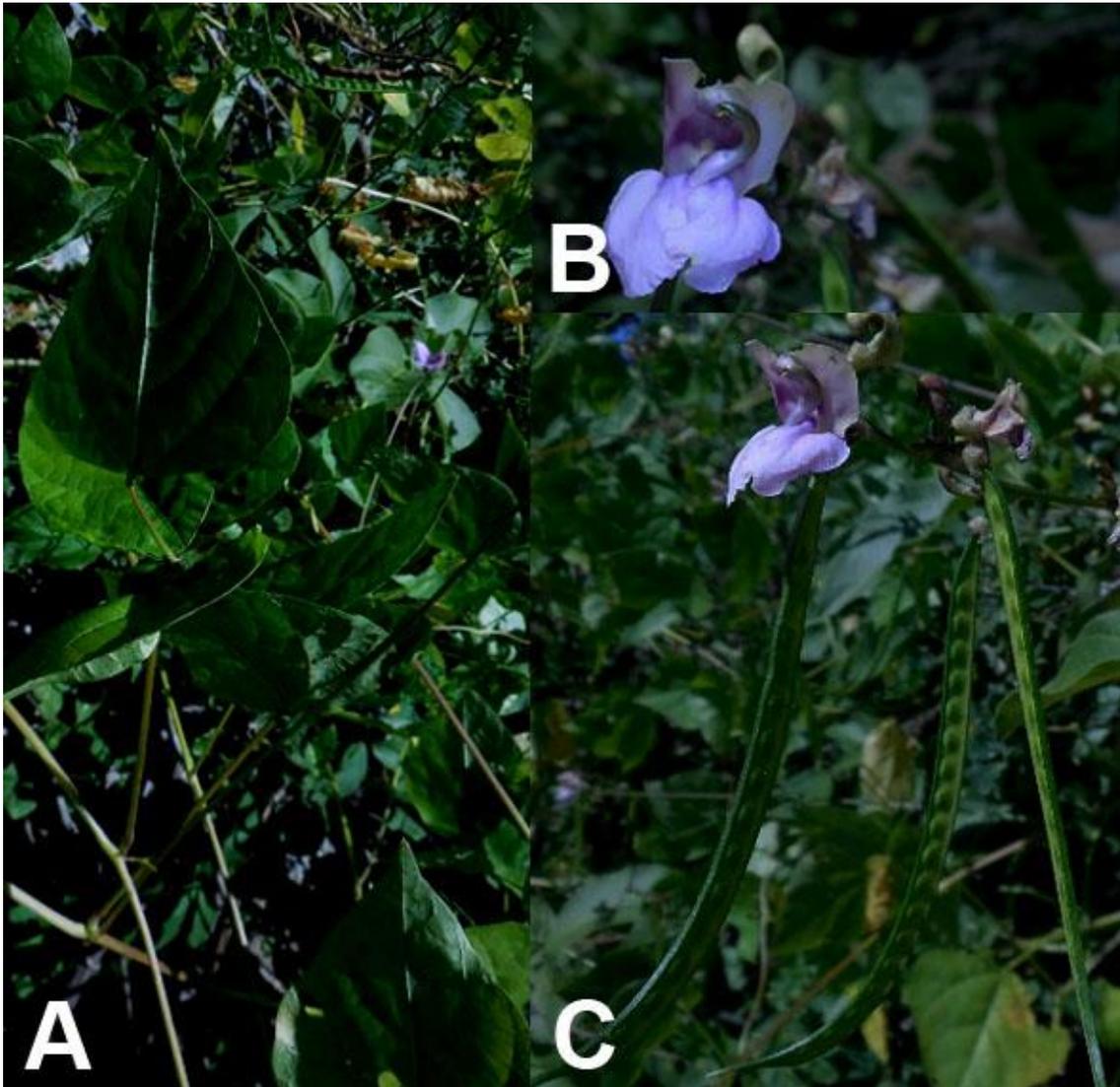


Figura 123. *Vigna halophila*. Planta no habitat (A). Detalhe de uma flor (B). Ramo fértil com flores e frutos (C). Fotos L.P.Felix.

Zornia brasiliensis Vogel. (Figura 124). Endêmica da América do Sul, onde é referida para a Venezuela e Brasil, onde ocorre em todos os estados da Região Nordeste, exceto para o Maranhão. Subarbustos eretos de flores amarelas, característicos de solos pedregosos e arenosos na base do afloramento. Possui propriedades antitumorais e analgésicas reconhecidas experimentalmente.



Figura 124. *Zornia brasiliensis*. (A) Ramos com flores. (B) Detalhe de uma inflorescência com flor em antese. Fotos L.P.Felix.

Zornia grandiflora Fort.-Perez & A.M.G.Azevedo. Endêmica da Região Nordeste do Brasil, referida para os estados da Bahia, Pernambuco. Na Serra do Jatobá pode ser observada apenas na época das chuvas em solos arenosos nos arredores do afloramento.

Zornia leptophylla (Benth.) Pittier. É referida para a América do Sul, para a Colômbia e Brasil, onde ocorre nas Regiões Nordeste nos estados de (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais).

GENTIANACEAE

Schultesia guianensis (Aubl.) Malme. Tem distribuição neotropical ampla, com ocorrência confirmada para as Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá) e América do Sul para a Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname, Venezuela e Brasil ocorre nas Regiões Norte (Acre, Amazonas, Pará, Roraima), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) e todos os estados das regiões Centro-Oeste e Sudeste.

LAMIACEAE

Leucas martinicensis (Jacq.) R.Br. Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. São ervas aromáticas de flores lilases que ocorre principalmente em ambientes perturbados. É utilizada contra distúrbios renais, como anti-inflamatório e antirreumática.

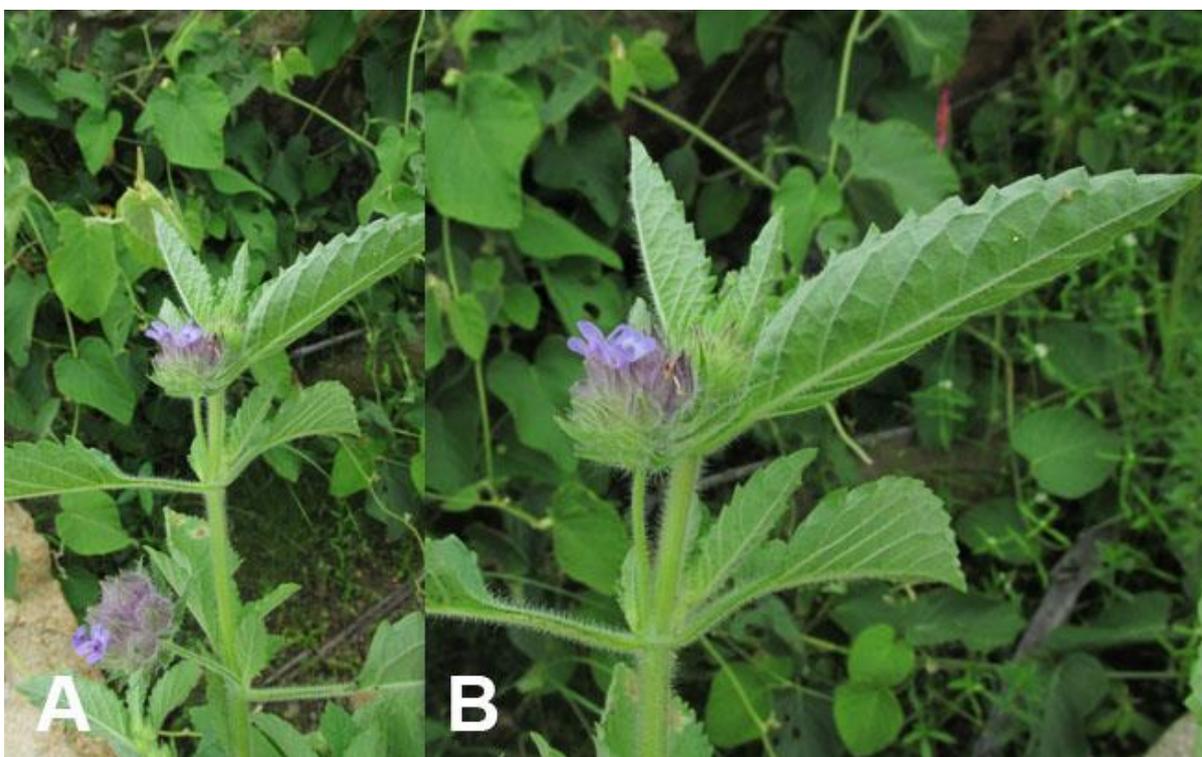


Figura 126. *Leucas martinicensis*. Planta em seu habitat (A). Detalhe de uma inflorescência com flor em antese (B). Fotos L.P.Felix.

Leptohyptis calida (Mart. ex Benth.) Harley & J.F.B.Pastore. (Figura 127). Espécie endêmica do Brasil, com ocorrência confirmada para as Regiões Nordeste nos estados da

Bahia e Pernambuco e, em Minas Gerais na Região Sudeste. São plantas arbustivas aromáticas com flores lilases distribuídas em inflorescências racemiformes. O extrato obtido das partes aéreas dessa espécie apresentou quantidades significativas de uma substância utilizada no tratamento do câncer.

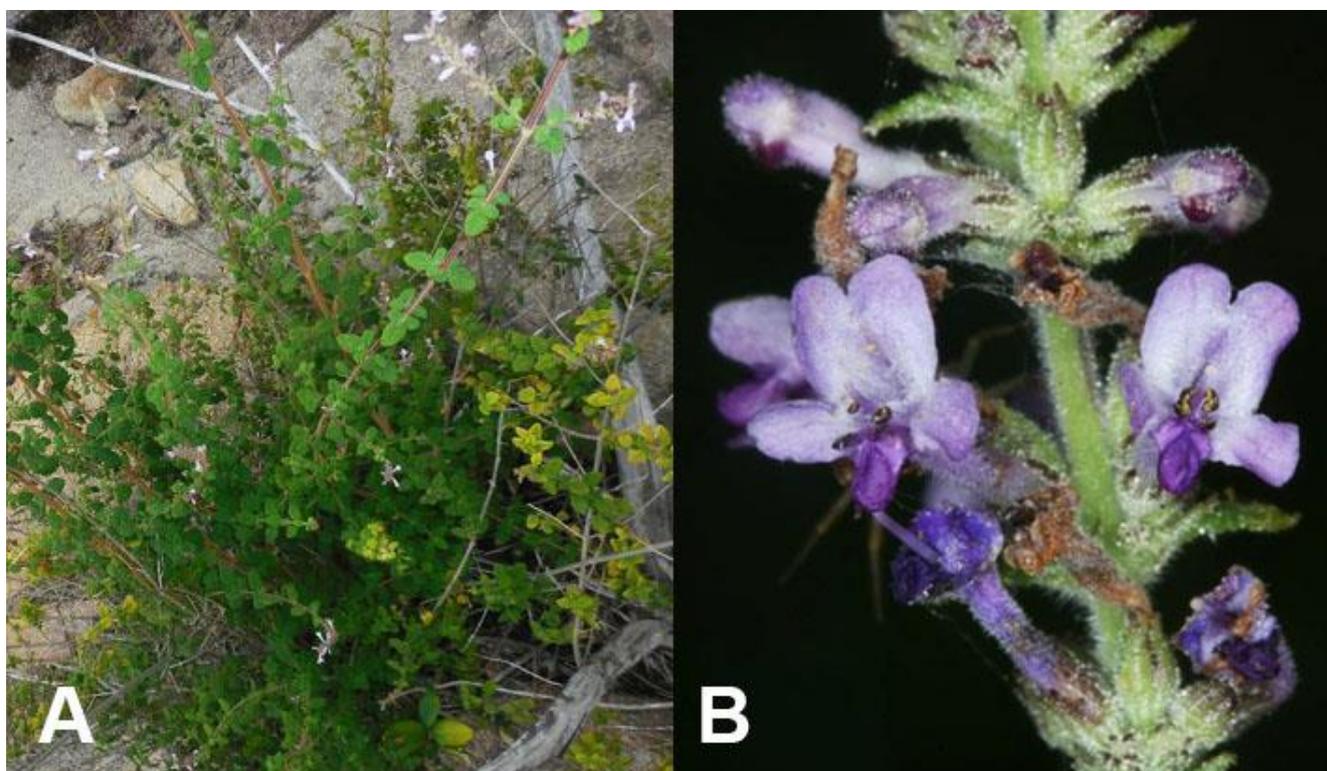


Figura 127. *Leptohyptis calida*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe das flores (B). Fotos L.P.Felix.

Marsypianthes chamaedrys (Vahl) Kuntze. (Figura 126). Espécie amplamente distribuída nos neotrópicos, com ocorrência confirmada para as América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos) e América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela). Para o Brasil é referida para todos os estados da federação.

Mesosphaerum pectinatum (L.) Kuntze. Ocorre nas Américas do Norte (México) e do Sul, onde é referida para a Bolívia e Brasil, para as Regiões Norte, estado do Pará e Nordeste, exceto Maranhão e Piauí, Centro-Oeste, para o Distrito Federal e Goiás, para todos os estados do Sudeste e, para a Região Sul (Paraná, Santa Catarina). São arbustos

aromáticos conhecidos popularmente como “canela de peru”, com ramos intumescidos e acinzentados e flores lilases. É utilizado na medicina popular contra cólicas menstruais e distúrbios hepáticos. Possui metabólitos secundários com efeito antibiótico positivo contra *Staphylococcus aureus*.

Medusantha martiusii (Benth.) Harley & J.F.B. Pastore ex Benth. (Figura 127.1). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí), Sudeste (Minas Gerais).



Figura 127.1. *Medusantha martiusii*. Ramo florido (A). Detalhe da inflorescência (B).

LOASACEAE

Aosa rupestris (Gardner) Weigend. (Figura 128). Endêmica da Região Nordeste do Brasil, referida para os Estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. São plantas herbáceas típicas de sítios rupestres, providas de pelos fortemente urticantes, o que justifica seu nome popular: “Urtiga-branca”. Suas raízes são utilizadas contra inflamações do útero e da próstata.

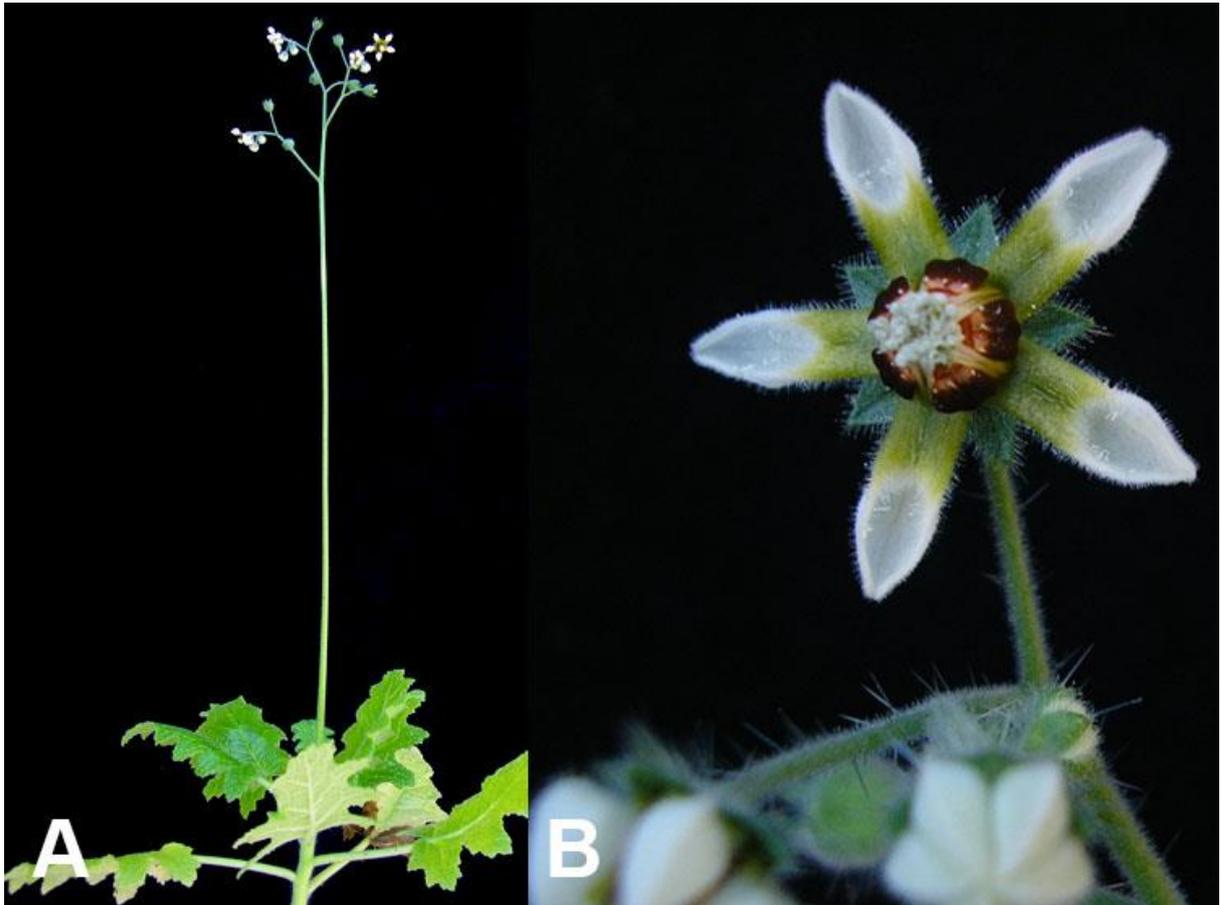


Figura 128. *Aosa rupestris*. Planta florida (A). Detalhe da flor (B). Fotos L.P.Felix.

Mentzelia aspera L. (Figura 129). São plantas herbáceas com até 1,5 m de altura, recoberta por indumento formado de pelos ásperos e pegajosos; flores amarelas. Tem distribuição ampla na região neotropical, sendo referida para o para as regiões Norte (Pará), Nordeste, exceto Maranhão e Piauí, Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul) e Sudeste (Minas Gerais). Ocorre em ambientes perturbados nos arredores do afloramento.



Figura 129. *Mentzelia áspera*. Ramo fértil de planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe da flor e fruto (B). Fotos L.P.Felix.

LOGANIACEAE

Spigelia anthelmia L. (Figura 130). São plantas herbáceas anuais que ocorre em ambientes perturbados e em locais úmidos na base e próximo aos tanques naturais do afloramento. Tem distribuição ampla nos neotrópicos, com registros para as Américas do Norte e América do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela). No Brasil ocorre em todos os estados das Regiões Norte, exceto Amapá, Nordeste, exceto Maranhão, Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) e Sudeste (Espírito Santo, São Paulo). Possui comprovada atividade antihelmíntica e larvicida, sendo praticamente desprovida de qualquer efeito tóxico contra ruminantes.



Figura 130. *Spigelia anthelmia*. Planta em seu habitat na Sera do Jatoba. Foto J.M.P.Cordeiro.

LORANTHACEAE

49.1. *Struthanthus calobotrys* Eichler. Planta hemiparasita endêmica da Região Nordeste do Brasil, onde é referida apenas para os estados da Bahia e Paraíba.

LYTHRACEAE

Ammannia latifolia L. (Figura 131). Tem distribuição neotropical ampla, sendo referida na América do Sul para a Argentina, Bolívia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Venezuela e Brasil, com ocorrência exclusiva para a Região Nordeste, estado da Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco. São plantas herbáceas aquáticas ou semiaquáticas anuais, de flores lilases efêmeras, encontradas nos tanques e ambientes úmidos na base e na porção mediana da Serra do Jatobá.



Figura 131. *Ammannia latifolia*. Ramo com flor e frutos (A). Ramo mostrando detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

MALPIGHIACEAE

Byrsonima gardneriana A.Juss. (Figura 132). São pequenas árvores de flores inicialmente brancas, depois róseas, de frutos amarelos levemente adocicados e adstringentes conhecido como “muricí”. É endêmica do Brasil, referida para as Regiões Norte, estados do Amapá e Pará, Nordeste, todos os estados e Sudeste, estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Possui atividade antioxidante comprovada em vários experimentos.



Figura 132. *Byrsonima gardneriana*. Ramo com frutos (A). Detalhe da inflorescência (B). Fotos L.P.Felix.

MALVACEAE

Corchorus hirtus L (Figura 133). Arbusto de distribuição neotropical, referida para as América do Norte e Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos) e América do Sul, para a Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, nas Regiões Norte (Amazonas, Pará), Nordeste, exceto Piauí e Maranhão, Centro-Oeste, para Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Sudeste, todos os estados e Sul (Paraná). São plantas anuais de flores amarelas, típicas de ambientes perturbados e úmidos.



Figura 133. *Corchorus hirtus*. Ramo com flores. Foto J.M.P.Cordeiro.

Helicteres baruensis Jacq. (Figura 134). São arbustos de flores esverdeadas com ampla distribuição neotropical. A espécie é referida para as Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá) e América do Sul para a Bolívia, Colômbia, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorre nas Regiões Norte (Roraima), Nordeste, nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe e Sudeste, em Minas Gerais. Na Serra do Jatobá sua ocorrência é limitada às porções superiores da serra, especialmente no contato da vegetação da caatinga com o afloramento.



Figura 134. *Helicteres baruensis*. Planta em seu habitat. Foto J.M.P.Cordeiro.

Herissantia tiubae (K.Schum.) Brizicky (Figura 135). Planta arbustiva perene de ramos e folhas pegajosos, com até dois metros de altura, flores de coloração creme amareladas. Espécie endêmica do Nordeste do Brasil, referida para todos os estados, exceto Piauí. Conhecida como “mela bode”, trata-se de uma planta muito comum na vegetação de caatinga, sendo especialmente frequente em ambientes perturbados. A espécie é reputada como tendo ação positiva contra ulcerações do estômago.



Figura 135. *Herissantia tiubae*. Ramos com frutos (A) e flores (B). Fotos L.P.Felix.

Melochia tomentosa L. (Figura 136). Planta arbustiva de ramos arroxeados, tomentosos e flores lilases, de ampla distribuição neotropical, referida para as Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Estados Unidos) e América do Sul, para a Colômbia, Paraguai, Suriname, Venezuela e Brasil, para as Regiões Nordeste, estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí e Centro-Oeste, para o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Espécie de ocorrência frequente na caatinga arbustivo-arbórea.

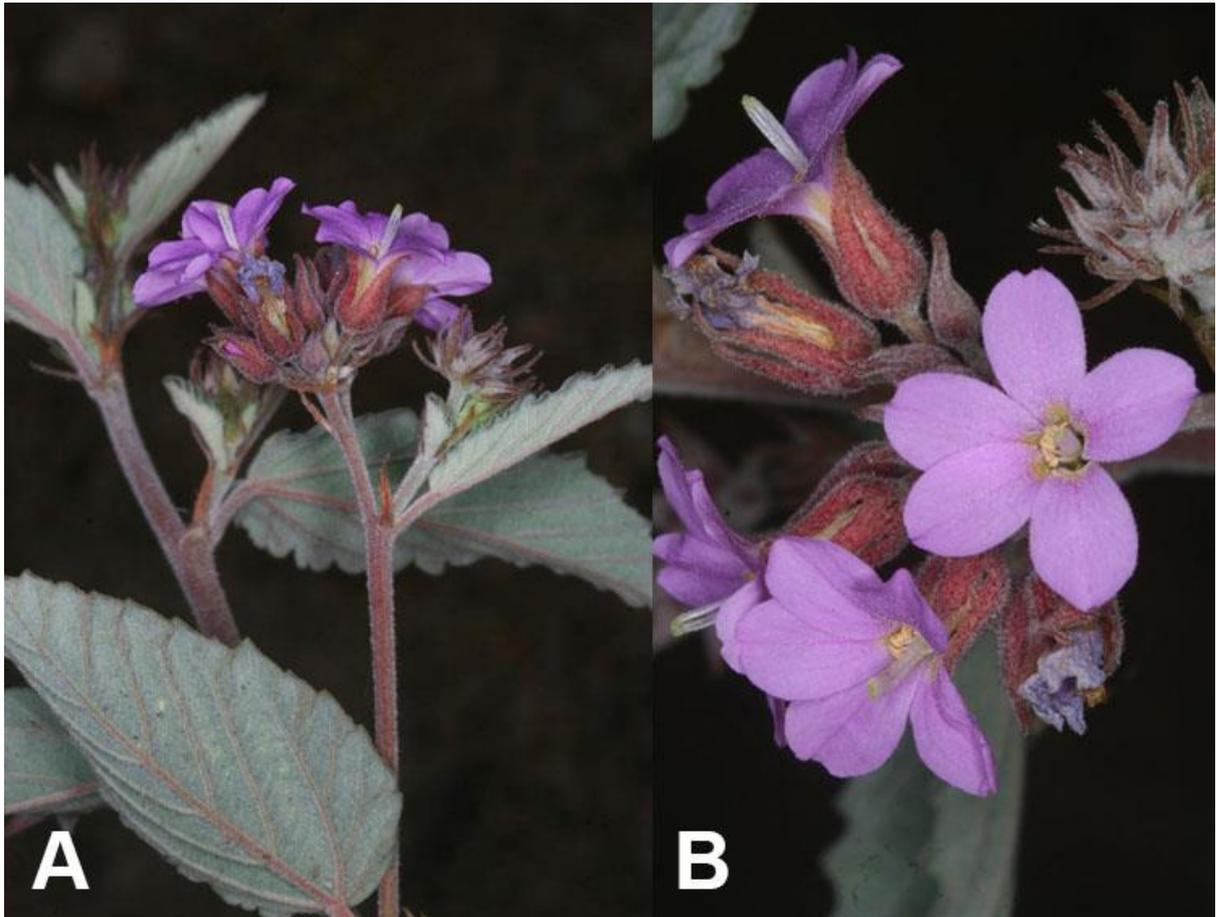


Figura 136. *Melochia tomentosa*. Ramo florido (A). Detalhe de flores (B). Fotos L.P.Felix.

Pavonia cancellata (L.) Cav. (Figura 137). São plantas prostradas anuais de flores amarelas, especialmente frequentes em solos arenosos na base do afloramento. Tem distribuição neotropical, sendo referida para as América do Norte e Central (Costa Rica, México e Nicarágua) e América do Sul para Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte, estados do Amazonas e Pará), Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Alagoas, Bahia, Ceará e Maranhão), todos os estados do Centro-Oeste e Sudeste.



Figura 137. *Pavonia cancellata*. Planta em seu habitat. Foto L.P.Felix.

Sida cf. *brittoni*. (Figura 137.1). Erva prostrada ou decumbente de distribuição disjunta, com ocorrência para as Antilhas (Cuba) e Região Nordeste do Brasil, para os estados de Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte.



Figura 137.1. *Sida* cf. *brittoni*. Detalhe de ramo florido.

Sida galheirensis Ulbr. (Figura 138). Conhecida popularmente como “malva” ou “ervanço”, são plantas arbustivas de flores amarelas de ocorrência muito frequente na Caatinga. Espécie endêmica do Brasil, sendo referida para todos os estados da Região Nordeste.



Figura 138. *Sida galheirensis*. Ramo florido (A). Detalhe da flor (B). Fotos L.P.Felix.

Waltheria indica L. (Figura 139). Espécie cosmopolita de ocorrência confirmada nas América s do Norte, Central do Sul e ilhas caribenhas. Para o Brasil é referida para todas as regiões e para todos os estados da federação. São plantas arbustivas de flores amarelas pequenas especialmente frequentes em ambientes antropizados. A espécie apresentou experimentalmente atividades analgésicas, anti-inflamatórias, antibacteriana, antimalárica, antianêmica, antioxidante, sedativa e anticonvulsante.



Figura 139. *Waltheria indica*. Ramo florido (A). Detalhe de algumas flores (B). Fotos L.P.Felix.

Waltheria operculata Rose. (Figura 140). América do Sul (Bolívia, Venezuela), América do Norte e Central (Honduras, México, Venezuela). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro). São plantas herbáceas anuais eretas de flores amarelas, frequentes na base do afloramento em solos úmidos.

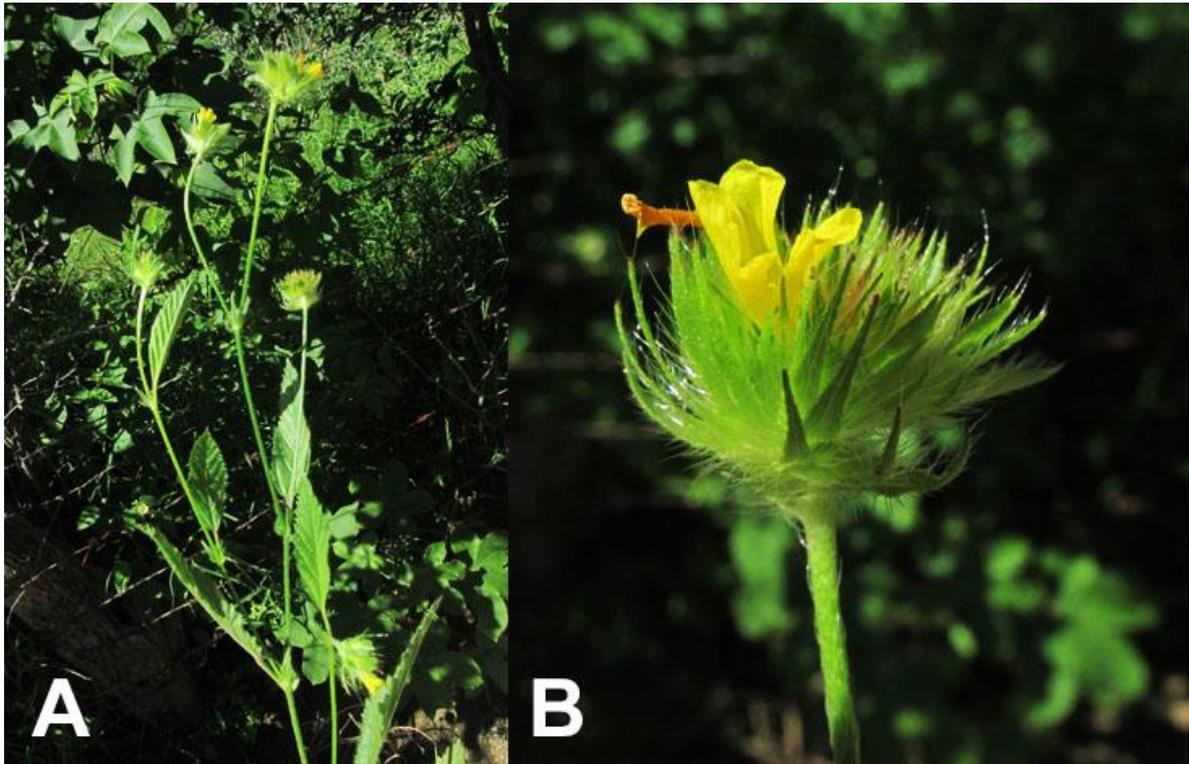


Figura 140. *Waltheria operculata*. Ramo fértil (A). Detalhe de uma inflorescência com flor em antese (B). Fotos L.P.Felix.

52.10. *Waltheria rotundifolia* Schrank (Figura 141). Ocorre na Região da América do Norte (Guatemala, México). Ocorre no Brasil na Região Nordeste (Bahia, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte).

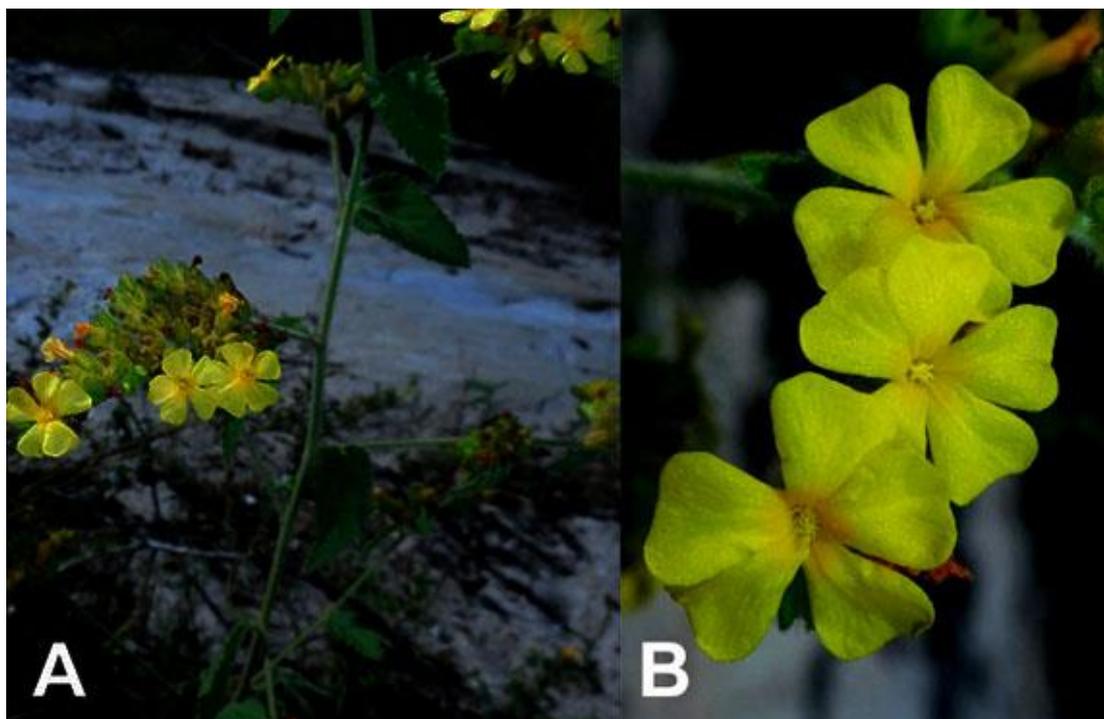


Figura 141. *Waltheria rotundifolia*. Planta florida em seu habitat (A). Detalhe de algumas flores (B). Fotos L.P.Felix.

MELASTOMATACEAE

Acisanthera variabilis (Naud). Triana (Figura 142). São plantas herbáceas anuais da porção mediana do afloramento, sempre associada a ambientes úmidos. Para o Brasil é referida para as Regiões Norte, Amazonas, Nordeste, estados da Bahia, Paraíba e Piauí, Centro-Oeste, todos os estados, Sudeste, todos os estados e Sul (Paraná, Santa Catarina).



Figura 142. *Acisanthera variabilis*. Detalhe de uma flor mostrando estames falciformes característicos das Melastomataceae. Foto J.M.P.Cordeiro.

Pterolepis polygonoides (DC.). Triana. São plantas herbáceas decumbentes de flores brancas, sempre associadas a ambientes rupestres úmidos, nos caldeirões da porção mediana do afloramento. É referida para as Regiões Norte, estado de Tocantins, Nordeste, para a Bahia, Paraíba, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí e Sudeste (Minas Gerais).

Pterolepis cearensis Huber. São plantas herbáceas decumbentes de ambientes úmidos, referida anteriormente apenas para o domínio fitogeográfico da Caatinga, estados da Bahia e Ceará. Na Serra do Jatobá sua ocorrência está relacionada aos caldeirões hídricos na porção mediana do afloramento.

Tibouchina gardneri (Naudin) Cogn. (Figura 143). Espécie arbustiva endêmica do Brasil referida anteriormente apenas para os estados do Ceará e Pernambuco. Está sendo citada pela primeira vez para o estado da Paraíba.



Figura 143. *Tibouchina gardneri*. Ramo florido de uma planta em seu habitat na Serra do Jatobá. Foto J.M.P.Cordeiro.

MENISPERMACEAE

Cissampelos sympodialis Eichler. (Figura 144). Plantas volúveis de flores inconspícuas verdes, frequentes em ambientes alterados. É utilizada na medicina popular para o tratamento de doenças respiratórias e possui propriedade antialérgicas. Espécie endêmica do Brasil referida para os

domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica, referida para as Norte (Acre) Nordeste, exceto Maranhão e Piauí e Sudeste (Minas Gerais).



Figura 144. *Cissampelos sympodialis*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá. Foto J.M.P.Cordeiro.

MOLLUGINACEAE

Mollugo verticillata L. (Figura 145). Erva invasora cosmopolita de flores brancas e folhas verticiladas. Nos neotrópicos é referida para as Américas do Norte e Central (Estados Unidos, Panamá, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México) e América do Sul para Argentina, Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, com ocorrência confirmada em todos os estados, exceto Acre.



Figura 145. *Mollugo verticillata*. Ramo florido (A). Detalhe de uma flor longistila (B) e brevistila (C). Fotos L.P.Felix.

NYCTAGINACEAE

Boerhavia diffusa L. Conhecida popularmente como “pega pinto”, é amplamente utilizada como diurético e contra doenças hepáticas. São plantas cosmopolitas invasoras, típicas de terrenos baldios, capoeiras e margem de estrada. Nos neotrópicos é referida as Américas do Norte, Central e do Sul. No Brasil é citada para as Regiões Norte (Pará), Nordeste, estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí, Centro-Oeste nos estados de Goiás e Mato Grosso, Sudeste, exceto Espírito Santo e Sul (Paraná).

OCHNACEAE

Sauvagesia sprengelii A. St.-Hil. (Figura 147). São plantas herbáceas de ambientes úmidos, com ocorrência confirmada para a América do Sul na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte, exceto Tocantins, Nordeste, estados

de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe e Sudeste para o Espírito Santo.



Figura 147. *Sauvagesia sprengei*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá, mostrando flor em detalhe. Foto J.M.P.Codeiro.

ONAGRACEAE

Ludwigia erecta (L.) H.Hara. (Figura 148). Plantas herbáceas aquáticas de flores axilares pequenas, com ampla distribuição nos neotrópicos. No Brasil ocorre nas Regiões Norte, exceto Acre e Tocantins, Nordeste em Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, Centro-Oeste (Goiás), Sudeste e Sul, todos os estados.



Figura 148. *Ludwigia erecta*. Ramo de planta florida na base da Serra do Jatobá. Fotos L.P.Felix.

Ludwigia octovalvis (Jacq.) P.H.Raven. A espécie tem distribuição cosmopolita e é amplamente distribuída pelas Américas do Norte, Central e do Sul. Para o Brasil é referida para todos os estados da federação. São plantas herbáceas aquáticas ou subaquáticas de flores amarelas utilizadas como agente antienvhecimento.

OXALIDACEAE

Oxalis glaucescens Norlind. Erva ereta ou decumbente de flores amarelas. Conhecida como azedinha, é apreciada como pastagem por caprinos. É endêmica do Brasil, referida para as Regiões Nordeste, exceto Maranhão, Centro-Oeste, para o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e Sudeste (Minas Gerais).

PASSIFLORACEAE

Passiflora foetida L. (Figura 149). Tem distribuição cosmopolita, sendo referida para as Américas do Norte, Central e do Sul, além do Caribe. Para o Brasil é referida para todos

os estados da federação. Conhecida como “maracujá-mochila”, são planas trepadeiras com gavinhas, ramos, folhas e frutos pegajosos, ocorrendo em gama variada de ambientes, desde margens de estrada ou formando moitas em afloramentos rochosos.

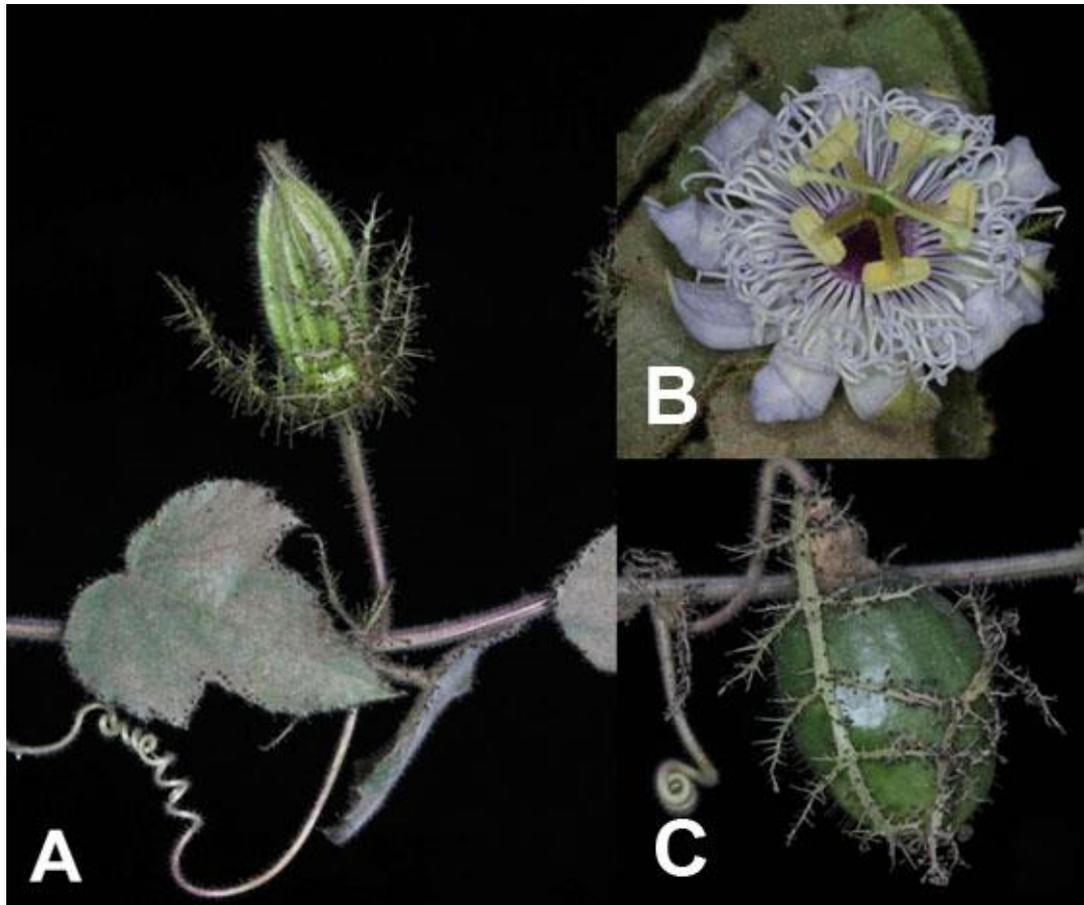


Figura 149. *Passiflora foetida*. Ramo com botão floral (A). Detalhe de flor e fruto (B). Fotos L.P.Felix.

Turnera chamaedrifolia Cambess. (Figura 150). Subarbusto rupícola de flores de cor salmão. Espécie endêmica do Brasil, referida para todos os estados da Região Nordeste e para Minas Gerais e Rio de Janeiro, na Região Sudeste.



Figura. 150. *Turnera chamaedrifolia*. Planta com flor longistila em seu habitat na Serra do Jatobá. Foto J.M.P.Cordeiro.

Turnera calyptrocarpa Urb. (Figura 151). Ocorre no Brasil nas Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais).



Figura 151. *Turnera calyptrocarpa*. Ramo florido. Foto J.M.P.Cordeiro.

PHYLLANTHACEAE

Phyllanthus heteradenius Müll.Arg. São plantas herbáceas das caatingas, frequentes em locais sombreados na base do afloramento. É considerada endêmica para o Brasil, referida para as Regiões Nordeste, estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe e Sudeste, para Minas Gerais.

MICROTEACEAE

Microtea longibracteata H.Walter. São ervas de flores inconspícuas invasoras de culturas. Na Serra do Jatobá sua ocorrência está relacionada a solos arenosos de ambientes perturbados. Considerada endêmica para o Brasil, há registros para as Regiões Nordeste estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Sudeste, para o Espírito Santo.

PLANTAGINACEAE

Angelonia arguta Benth. (Figura 152). Subarbusto rupícola, ramos e folhas recobertos por indumento velutinoso pegajoso. É endêmica do Brasil para as Regiões Nordeste, estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí e Sudeste, Minas Gerais.



Figura 152. *Angelonia arguta*. Ramo de planta florida em seu habitat na Serra do Jatobá. Foto J.M.P.Cordeiro.

Angelonia biflora Bent. (Figura 153). Plantas herbáceas de ambiente rupícolas temporariamente úmidos, de flores lilases. Na América do Sul é conhecida apenas para a Guiana e Brasil exclusivamente na Região Nordeste, para os estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

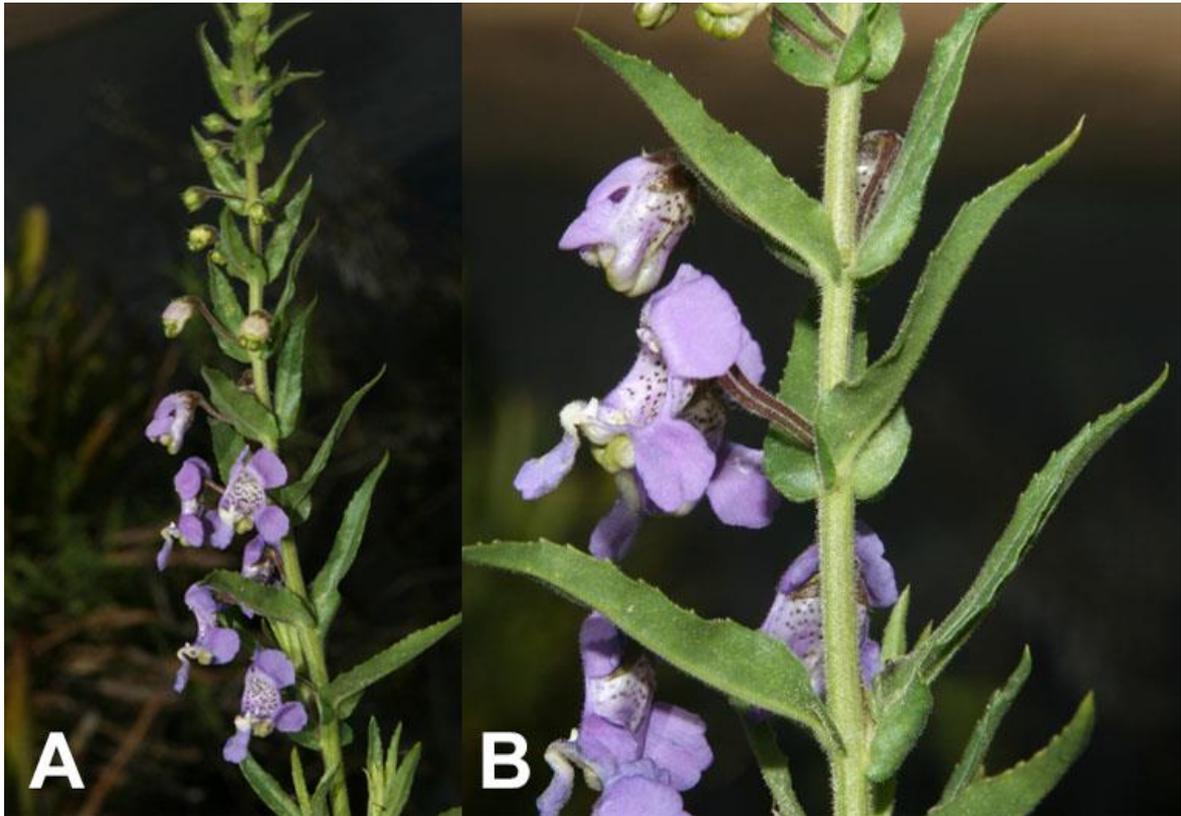


Figura 153. *Angelonia biflora*. Ramo florido (A). Detalhe de algumas flores e botão floral (B). Fotos L.P.Felix.

Angelonia campestris Nees & Mart. Planta arbustiva delgada endêmica da Região Nordeste do Brasil, referida para os estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí.

Bacopa angulata (Benth.) Edwall. (Figura 154). Erva aquática ou semiaquática de ocorrência exclusiva nos tanques naturais da Serra do Jatobá na meia encosta. É endêmica do Brasil, sendo referida para o estado do Pará, na Região Norte e os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, na Região Nordeste.



Figura 154. *Bacopa angulata*. Ramo florido (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

Bacopa salzmännii (Benth.) Wettst. ex Edwall. (Figura 155). Erva aquática de flores brancas amplamente distribuída nos neotrópicos da América do Sul (Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana, Paraguai, Venezuela), América do Norte e Central (Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Nicarágua). Para o Brasil tem registro de ocorrência nas Regiões Norte, estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará e Roraima, Nordeste, em Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba e Piauí, Centro-Oeste, todos os estados, Sudeste, exceto Espírito Santo e todos os estados da Região Sul.

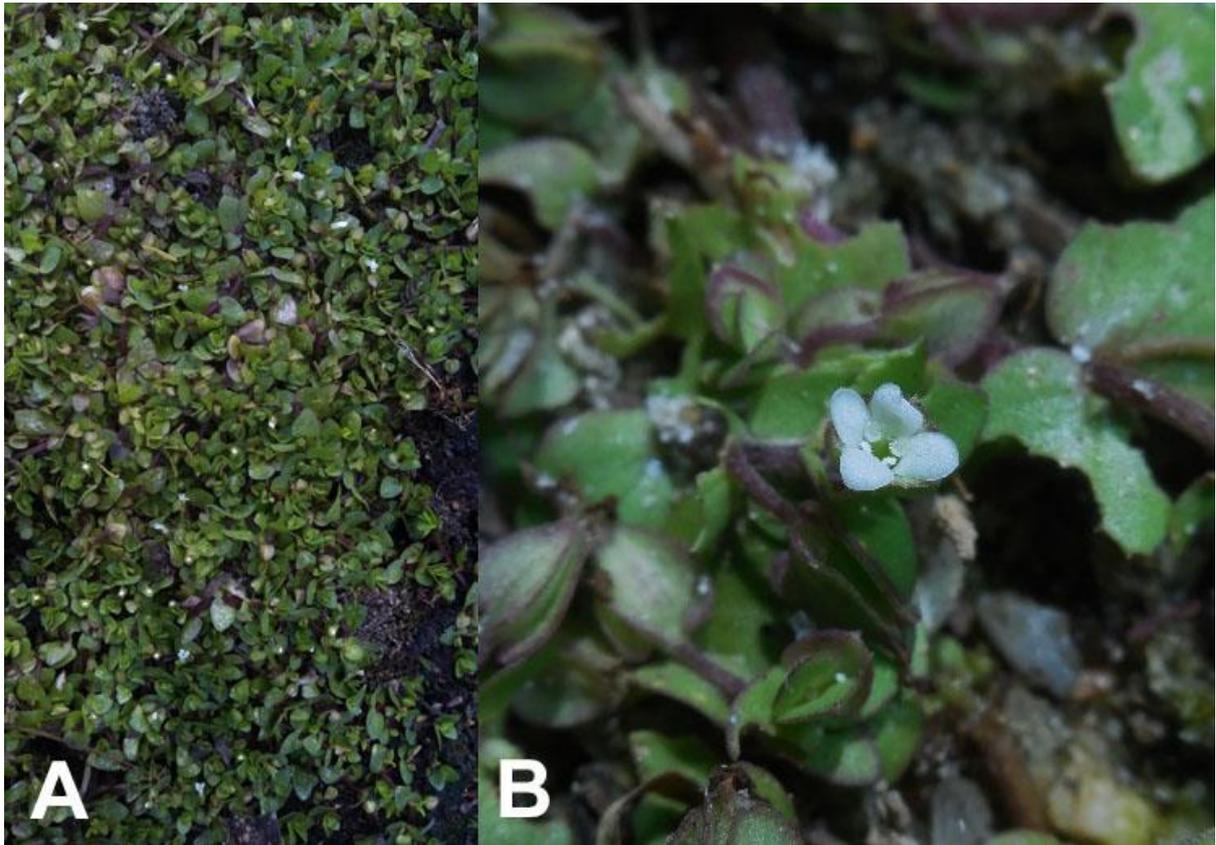


Figura 155. *Bacopa salzmännii*. Planta em seu habitat na base da Serra do Jatobá (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

Monopera micrantha (Benth.) Barringer. (Figura 156). Erva aquática delicada, frequente nos tanques da meia encosta da Serra do Jatobá. Espécie endêmica da Região Nordeste, referida para os estados da Bahia, Pernambuco e Piauí.



Figura 156. *Monopera micranta*. Ramo fértil (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

Stemodia maritima L. (Figura 157). Tem distribuição neotropical para as Américas do Norte, Central e do do Sul, referida para todos os estados da região (exceto Amapá e Roraima), Nordeste Centro-Oeste e Sudeste. São plantas herbáceas eretas de flores cerúleas, frequentes em ambientes úmidos alterados. A planta inteira pode ser usada como repelente de insetos.



Figura 157. *Stemodia maritima*. Detalhe de ramo com flor de planta em habitat na Serra do Jatobá. Foto J.M.P.Cordeiro.

POLYGALACEAE

Asemeia martiana (A.W.Benn.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott. Subarbusto de flores lilases, encontrado nos solos arenosos e sombreados na base da encosta. Para a América do Sul é reconhecida para a Bolívia e Brasil nas Regiões Norte, estado do Pará e Nordeste, para todos os estados.

Asemeia ovata (Poir.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott. (Figura 157.1). No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste em todos os estados, Centro-Oeste, estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e Sudeste, Minas Gerais e São Paulo. São ervas de base lenhosa, flores lilases com guias de néctar violáceos.

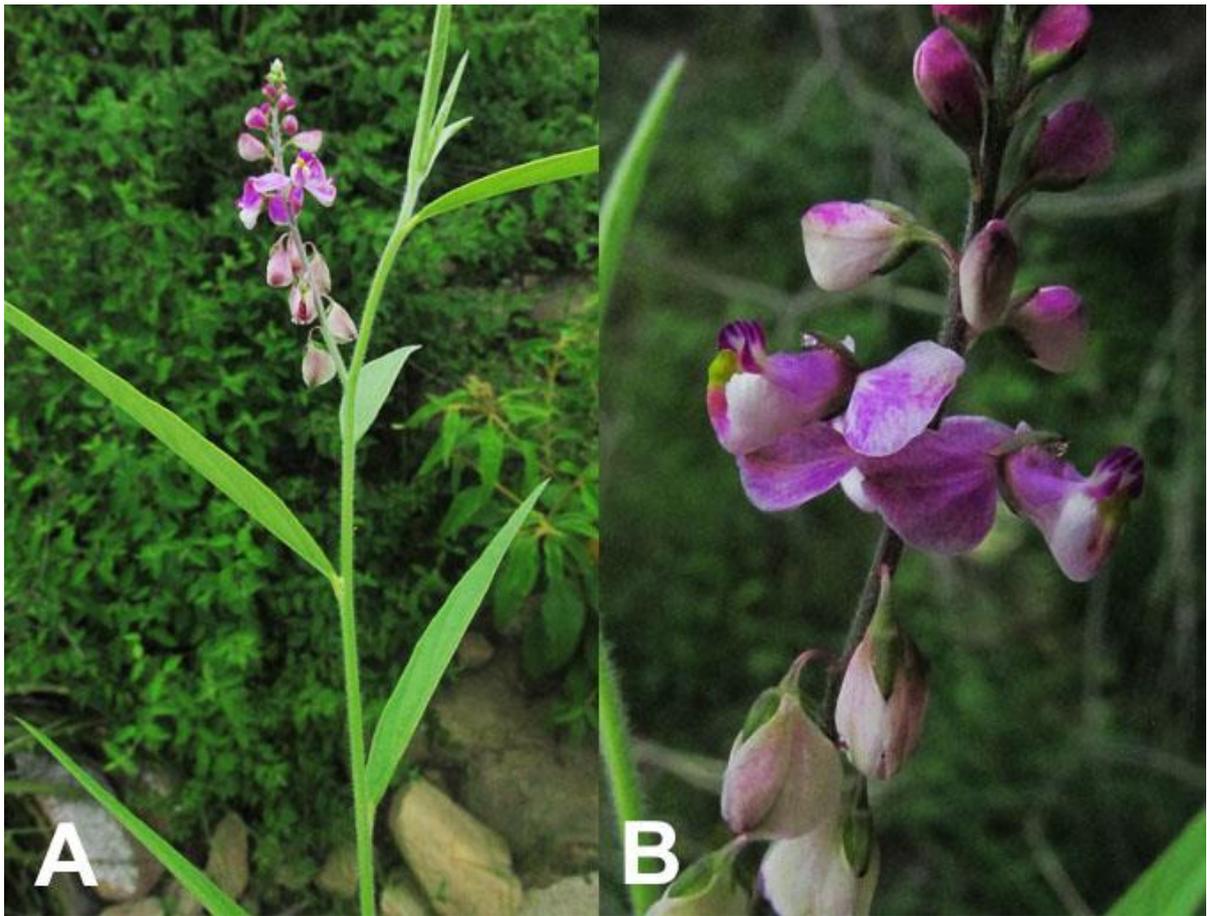


Figura 157.1. *Asemeia ovata*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe de flores e botões florais (B). Fotos L.P.Felix.

POLYGONACEAE

Triplaris gardneriana Wedd. São árvores dioicas de flores brancas ou esverdeadas e frutos jovens avermelhados, conhecidas como “Pajeú”. Nos neotrópicos a espécie é referida para a América do Sul na Bolívia e Brasil ocorre para as Regiões Norte, estado do Tocantins), todos os estados das regiões Nordeste e Centro-Oeste e, para Minas Gerais, na Região Sudeste.

PORTULACACEAE

Portulaca elatior L. São ervas eretas de flores cor de palha, referida para a América do Sul para a Bolívia, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte (Acre, Pará, Rondônia),

todos os estados das Regiões Nordeste e Centro-Oeste (Goiás) e todos os estados do Sudeste.

RHAMNACEAE

Crumenaria decumbens Mart. Plantas herbáceas anuais referidas para as Américas Central (Guatemala e Honduras) e do Sul, para a Bolívia e Brasil, onde é citada para as Regiões Nordeste, estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte e Sudeste, para Minas Gerais.

Ziziphus joazeiro Mart. (Figura 158). O popular “juazeiro”, são árvores frondosas características do Nordeste Semiárido. Possui frutos comestíveis, as folhas podem ser usadas como ração animal na época das secas, sendo utilizado como creme dental no tratamento de dentes e gengivas. Na América do Sul é referida para a Bolívia e Brasil com ocorrência confirmada para os estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.



Figura 158. *Ziziphus joazeiro*. Ramo florido. Inflorescência mostrando flores em detalhe. Fotos L.P.Felix.

RUBIACEAE

Guettarda angelica Mart. ex Müll.Arg. (Figura 159). Espécie arbustiva de flores rosa claro aromáticas, frutos brancos na maturação. Espécie endêmica da Região Nordeste para todos os estados, exceto Piauí e Maranhão, no domínio fitogeográfico da Caatinga, comum em afloramentos rochosos. É utilizada na medicina popular contra cólicas menstruais, constipação e febres. Ensaios laboratoriais demonstraram que alguns metabólitos secundários da espécie possuem atividades antivirais.

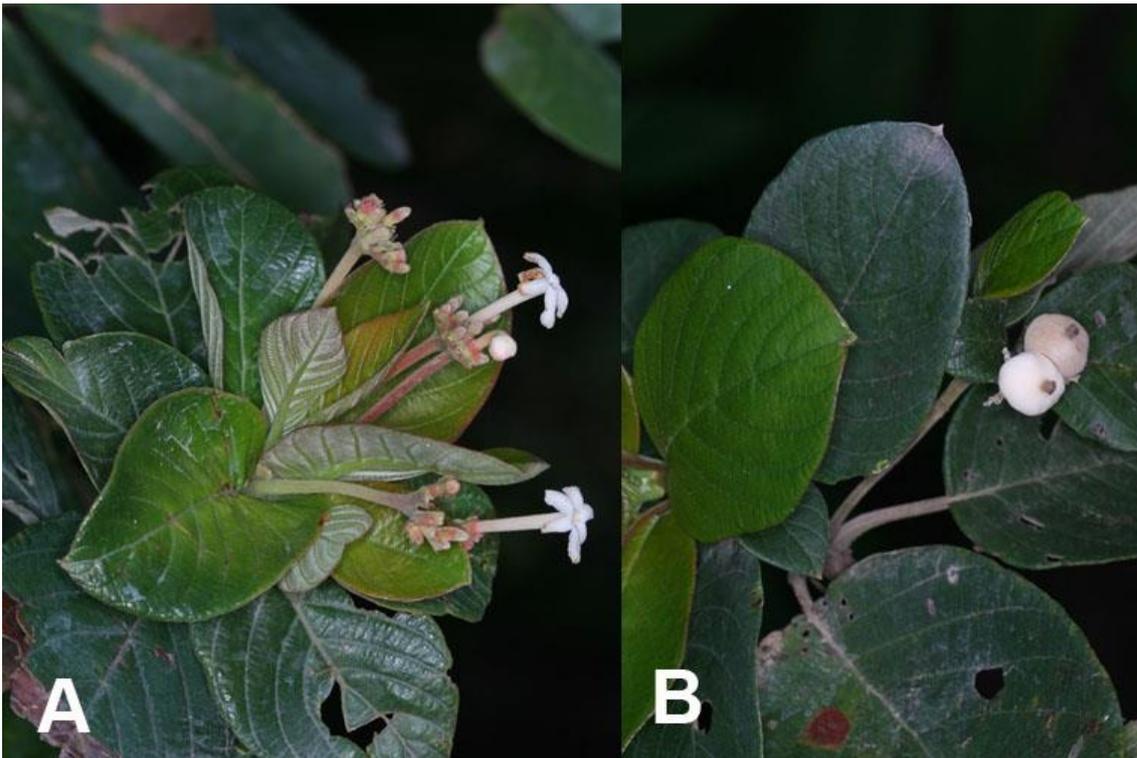


Figura 159. *Guettarda angelica*. Ramos com flores (A) e frutos (B). Fotos L.P.Felix.

Hexasepalum radula (Willd.) Delprete & J.H. Kirkbr. Subarbusto ramoso com ocorrência relacionada ao contato da caatinga arbóreo arbustiva com o afloramento rochoso. No Brasil ocorre nas Regiões Nordeste, nos estados da Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, Centro-Oeste em Goiás e em todos os estados das Regiões Sudeste e Sul.

Mitracarpus baturitensis Sucre. Subarbusto ramoso de flores brancas geralmente associado aos domínios fitogeográficos da Caatinga e Cerrado. Trata-se de uma espécie

endêmica do Brasil, referida para as Regiões Nordeste, estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí, Centro-Oeste, Goiás e Mato Grosso e Sudeste, em Minas Gerais.

Mitracarpus polygonifolius (A. St.-Hil.) R.M. Salas & E.B. Souza. Subarbusto ramos de flores brancas, ocorre nas Regiões Norte (Tocantins), Nordeste, estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, Centro-Oeste no Distrito Federal e em todos os estados da Região Sudeste.

Richardia grandiflora (Cham. & Schltdl.) Steud. (Figura 160). Subarbusto de flores rosa claro ou lilás, típica de ambientes antropizados, considerada planta daninha invasora de culturas. É referida para a Américas do Norte (Estados Unidos) e do Sul, para a Bolívia e Brasil, Regiões Norte (Tocantins), Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, todos os estados.



Figura 160. *Richardia grandiflora*. Ramo florido. Foto J.M.P.Cordeiro.

Staelia virgata (Link ex roem. & Schult.) K.Schum. (Figura 161). Ocorre América do Sul na Bolívia e no Brasil nas Regiões Norte no Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins, Nordeste e Centro-oeste, todos os estados, Sudeste, (Minas Gerais), Sul (Paraná).



Figura 161. *Staelia virgata*. Ramo com inflorescência em glomérulo (A). Glomérulo em detalhe mostrando corola das flores (B) Fotos L.P.Felix.

Tocoyena bullata (Vell.) Mart. (Figura 162). São plantas arbustivas ou pequenas árvores de flores cremes e frutos negros na maturação, conhecida como “jenipapo-bravo”. Ocorre nas Regiões Nordeste, estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, Centro-Oeste (Goiás) e em todos os estados do Sudeste nos domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.



Figura 162. *Tocoyena bullata*. Ramo florido de planta em seu habitat na Serra do Jatobá. Fotos L.P.Felix.

SANTALACEAE

Phoradendron quadrangulare (Kunth) Griseb. (Figura 163). Hemiparasita muito comum nas Caatingas. Na Serra do Jatobá é frequente na base do afloramento, especialmente sobre *Mimosa tenuiflora* (“jurema-preta”). Tem ocorrência neotropical nas Américas do Norte, Central (inclusive Caribe) e do Sul, citada para a Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela e Brasil. Ocorre nas Regiões nos estados do Amazonas, Pará e Tocantins, todos os estados do, exceto Piauí, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A espécie é utilizada como planta medicinal (bactericida) pelas comunidades maias do México.



Figura 163. *Phoradendron quadrangulare*. Ramo fértil (A). Detalhe de flores e frutos (B). Fotos L.P.Felix.

SAPINDACEAE

Allophylus quercifolius (Mart.) Radlk. Endêmica da Região Nordeste do Brasil citada para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. São arbustos ou pequenas árvores com folhas trifolioladas, pubescentes, com tricomas esbranquiçados. Flores brancas, frutos enegrecidos a avermelhados. Embora sejam conhecidos registros de usos medicinais para várias espécies de *Allophylus*, não são conhecidos usos medicinais ou étnicos para *A. quercifolius*.

Cardiospermum corindum L. São plantas trepadeiras de flores brancas e frutos inflados o que justifica seu nome popular de “balãozinho”, embora também seja conhecida pelo nome vernacular de “cipó-pra-tudo”. Utiliza-se o chá das raízes ingerido em jejum, para o tratamento de doenças do trato urinário. Espécie de distribuição neotropical referida

para todos os estados de Região Nordeste, exceto Maranhão, Sudeste, exceto Espírito Santo, e Sul, para o estado do Paraná.

Serjania marginata Casar. (Figura 164). Ocorre na América do Sul, Bolívia e Brasil nas Regiões Norte (Rondônia, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), todos os estados do Centro-Oeste, Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná). São plantas trepadeiras com gavinhas de flores brancas e frutos avermelhados quando imaturos conhecidas popularmente como “timbó”. Essa e outras espécies de *Serjania* são conhecidas por seus efeitos tóxicos, especialmente para peixes. Todavia uma análise de ingestão doses elevadas do extrato das partes aéreas de *S. marginata* não evidenciou qualquer evidência de toxicidade. Todavia, a aplicação repetida desse extrato causou alterações renais e acréscimo na produção de esperma anormais.



Figura 164. *Serjania marginata*. Ramo de planta fértil em seu habitat na Serra do Jatobá. Foto L.P.Felix.

SAPOTACEAE

Sideroxylon obtusifolium (Roem. & Schult.) T.D.Penn. (Figura 165). São plantas arbóreas ramosos, armadas conhecidas como “quixaba” ou “quixabeira”. Produz látex branco, flores brancas e frutos negros comestíveis. É uma espécie amplamente utilizada na medicina popular com reconhecida ação como anti-inflamatório, bactericida e antimicótico, especialmente contra *Candida albicans*. Tem distribuição ampla nos neotrópicos, referida para a América do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua), América do Sul (Colômbia, Venezuela). Para Brasil tem ocorrência confirmada para as Regiões Norte no Tocantins, todos os estados da Região, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.



Figura 165. *Sideroxylon obtusifolium*. Ramo de planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo mostrando flor sendo visitada por mosca (B). Fotos L.P.Felix.

SOLANACEAE

Capsicum parvifolium Sendtn. (Figura 166). Trata-se de uma espécie endêmica do Brasil, referida para os Estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Conhecida como “pimenta-de-macaco” a espécie possui uma leve pungência de efeito ligeiramente retardado (a ardência tem início algum tempo depois dos frutos serem ingeridos). São arbustos com até cerca de três metros de alturas, flores arroxeadas e frutos negros esféricos.



Figura 166. *Capsicum parvifolium*. Ramo mostrando detalhe de duas flores. Fotos L.P.Felix.

Physalis pubescens L. Tem distribuição neotropical nas Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos) e América do Sul, com ocorrência na Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, referidas para as Regiões, Norte (Acre, Amazonas, Rondônia, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco), todos os estados das Regiões

Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Conhecidas popularmente como “camapú”, são plantas herbáceas típicas de ambientes rupestres com frutos amarelados envolvidos pelo cálice longamente persistente. São comestíveis, de sabor agradável, adocicados, ligeiramente ácidos, que podem ser consumidos *in natura* ou na composição de molhos picantes, geleias, sucos, etc. Tem propriedades medicinais reconhecida pela medicina popular para o tratamento de reumatismos, problemas renais, bexiga e fígado, como antifebril, sedativo e doenças de pele.

Solanum agrarium Sendtn. (Figura 167). Conhecido como “gogóia”, são subarbustos armados de flores esverdeadas e frutos amarelados, comestíveis de sabor agridoce, utilizado na medicina popular como abortivo e no tratamento de inflamações na próstata. Ocorre nas Região da América do Sul na Bolívia, Guiana, Venezuela e Brasil para as Regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás) e Sudeste (Minas Gerais).

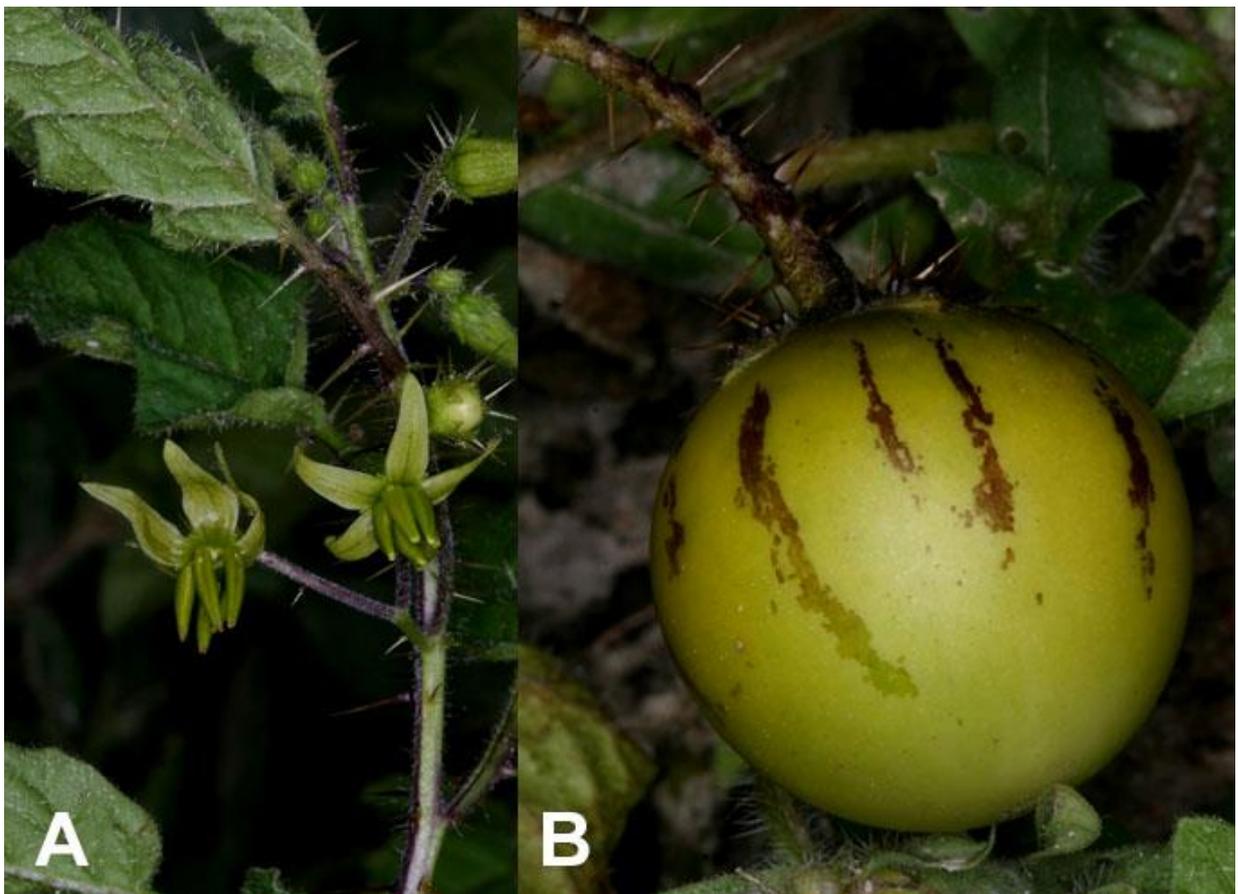


Figura 167. *Solanum agrarium*. Ramos com flores mostrando detalhes das anteras e pétalas (A). Detalhe de um fruto (B). Fotos L.P.Felix.

Solanum americanum Mill. (Figura 168). Tem distribuição cosmopolita, referida nos neotrópicos para as Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Estados Unidos) e América do Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname, Uruguai, Venezuela e Brasil para todos os estados da federação). A espécie possui inúmeras propriedades medicinais, sendo utilizado para o tratamento de úlceras, fígado e câncer, problemas abdominais, dores no corpo, além de problemas do sistema nervoso central e problemas cerebrais. São subarbustos de flores brancas e frutos negros na maturação, típicas de ambientes perturbados, sendo, por isso, considerada planta invasora conhecida popularmente como “erva-moura”.



Figura 168. *Solanum americanum*. Planta em seu habitat (A). Detalhe de flor e frutos em diferentes estádios de maturação (B). Fotos L.P.Felix.

Solanum rhytidoandrum Sendtn. (Figura 169). Conhecida como “jurubeba-branca”, são arbustos de folhas e ramos e aculeados, flores brancas e frutos amarelados na maturação. São plantas típicas de ambientes alterados utilizados na medicina popular no tratamento

de problemas hepáticos. Ocorre na Bolívia e Brasil, referida para as Norte (Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins), Nordeste, exceto Maranhão, Alagoas e Sergipe e todos os estados da Região Centro-Oeste.



Figura 169. *Solanum rhytidoandrum*. Ramo fértil de planta em seu habitat na Serra do Jatobá, exibindo flores em detalhe. Fotos L.P.Felix.

URTICACEAE

Phenax sonneratii (Poir.) Wedd. (Figura 170). São ervas de ambientes alterados sem a urência típica de algumas espécies da família. É encontrada em ambientes sombrios na base do afloramento. Ocorre nas Américas do Norte e Central (Costa Rica, Guatemala, México, além do Caribe) e para a América do Sul é citada para a Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, referida para as Regiões Norte (Rondônia), Nordeste, para os estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, todos os estados das Regiões Centro-Oeste (exceto Distrito Federal), Sudeste e Sul.



Figura 170. *Phenax sonneratii*. Ramo de planta fértil em seu habitat na Serra do Jatobá.
Foto J.M.P.Cordeiro.

VERBENACEAE

Lantana fucata Lindl. (Figura 171). São arbustos frequentes nos bordos da Caatinga, de flores lilases e frutos negros na maturação. Apesar de não serem conhecidas citações de utilização pelas comunidades locais, ensaios de laboratório demonstraram significativa atividade anti-inflamatória. Ocorre na América do Norte (Estados Unidos) e América do Sul (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela). No Brasil é conhecida para as Regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul) e todos os estados das Regiões Sudeste e Sul.

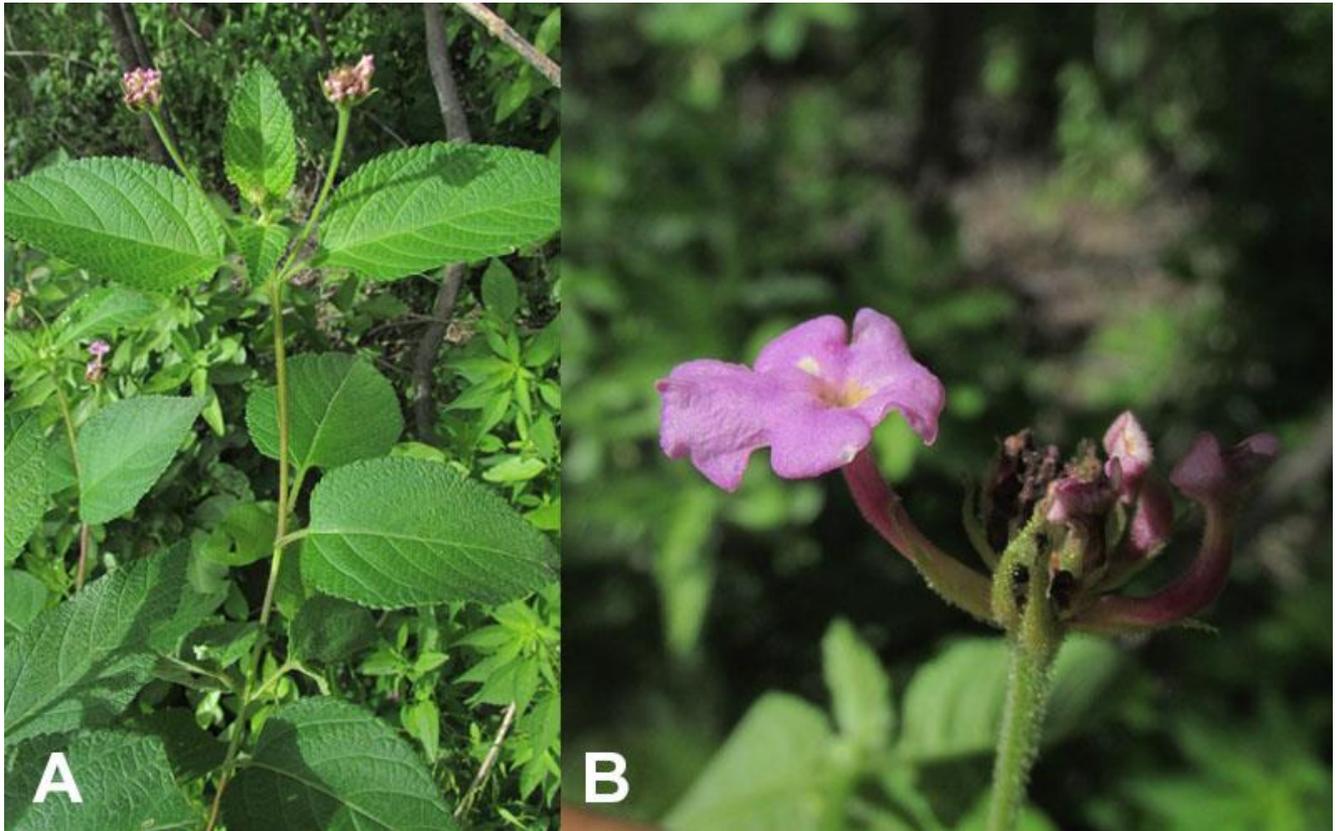


Figura 171. *Lantana fucata*. Ramo fértil de planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe da inflorescência (B). Fotos L.P.Felix.

Lippia grata Schauer. (Figura 172). Conhecida localmente como “alecrim”, são plantas arbustivas com cerca de dois metros de altura, que ocorrem nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga e Cerrado. Ocorre no Brasil nas Regiões Norte (Pará, Roraima), Nordeste, exceto Alagoas e, Sudeste (Minas Gerais). Na Serra do Jatobá ocorre tipicamente na base da serra, em solos arenosos e como componente típico da flora rupestre. Plantas aromáticas de flores brancas utilizada como antisséptico e contra doenças respiratórias.

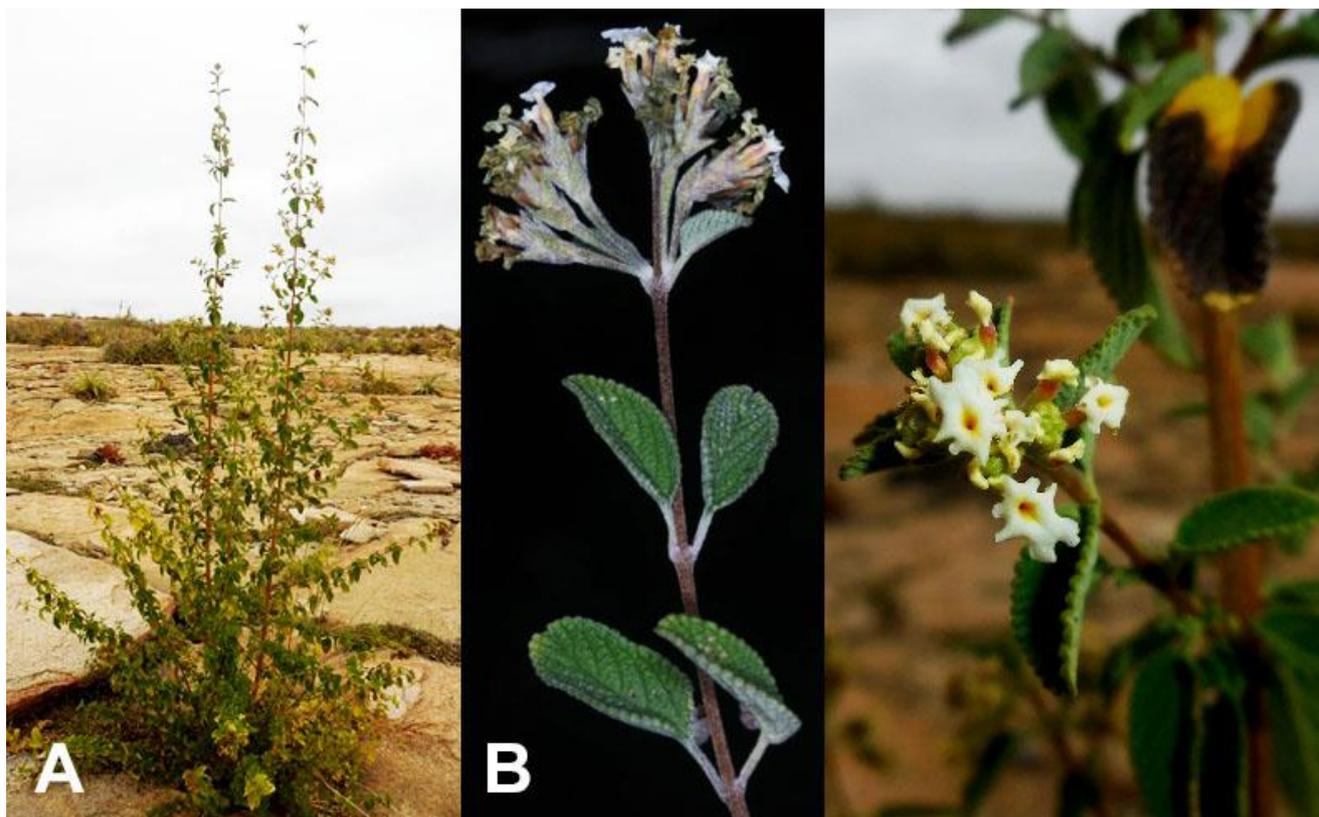


Figura 172. *Lippia grata*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo fértil (B). Detalhe de algumas flores. Fotos L.P.Felix.

Stachytarpheta sessilis Moldenke. Erva endêmica da Região Nordeste do Brasil, onde ocorre em todos os estados, exceto Alagoas e Sergipe. Plantas eretas, na região da Serra do Jatobá com no máximo 50cm de altura, com flores vermelhas efêmeras distribuídas em espigas eretas.

Stachytarpheta angustifolia (Mill.) Vahl. (Figura 173). Tem distribuição neotropical com ocorrências confirmadas para as Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua) e América do Sul na Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil para todos os estados das Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Conhecida popularmente como “gervão”, são plantas herbáceas anuais de flores lilases a violáceas efêmeras distribuídas em espigas eretas. É uma espécie invasora típica de ambientes alterados, com folhas utilizadas contra doenças do trato respiratório e também no combate ao vitiligo.

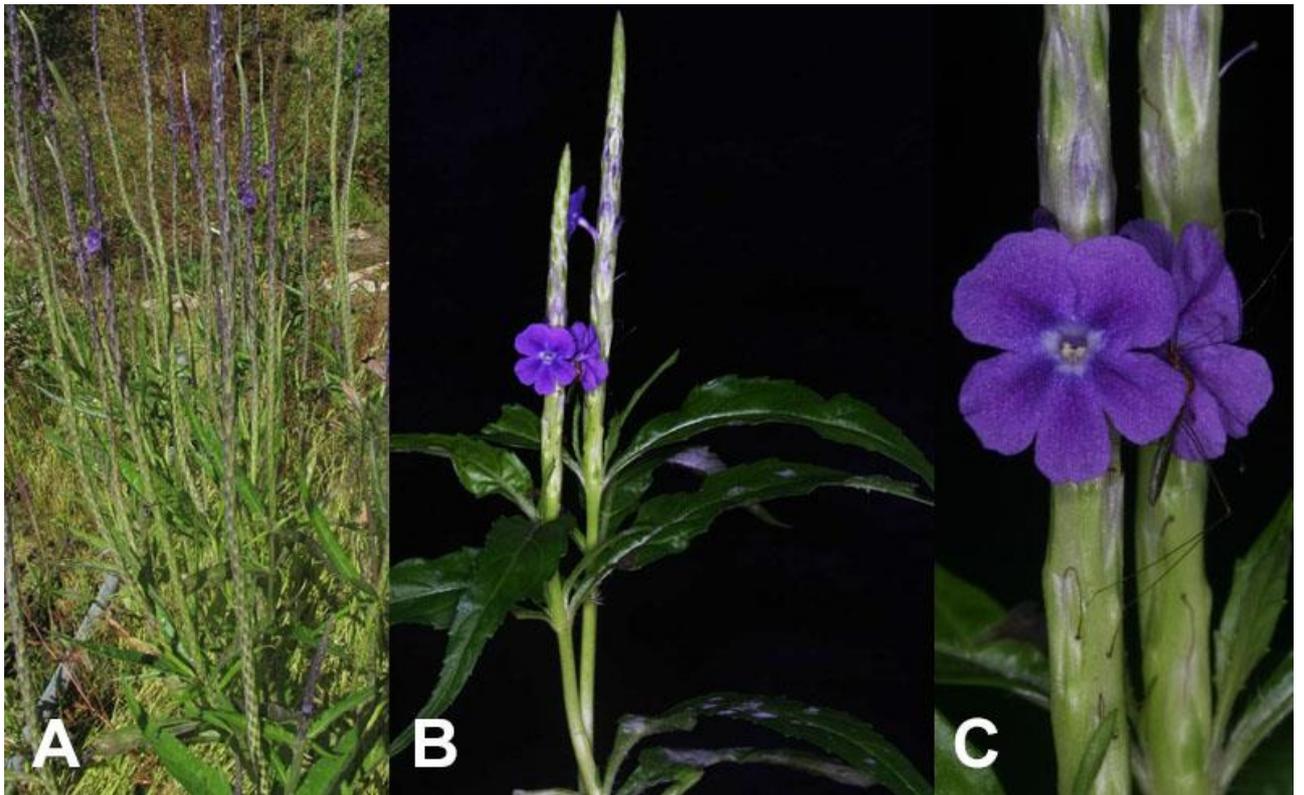


Figura 173. *Stachytarpheta angustifolia*. Planta em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Ramo fértil (B). Detalhe de uma flor em antese (C). Fotos L.P.Felix.

VIOLACEAE

Pombalia communis (A.St.-Hil.) Paula-Souza. (Figura 174). Planta herbácea ereta de flores brancas referida para a Bolívia e Brasil, onde ocorre nas Regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Sergipe) e em todos os estados das Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Na Serra do Jatobá ocorre em solos arenosos na base do afloramento.



Figura 174. *Pombalia communis*. Ramo de planta em seu habitat na Serra do Jatobá com flor em antese. Fotos L.P.Felix.

Pombalia calceolaria (L.) Paula-Souza. (Figura 175). São plantas herbáceas pilosas de flores cerúleas ou brancas, frequentes em solos arenosos e pedregosos na base e porção mediana do afloramento. Ocorre na América do Sul, referida para a Venezuela e Brasil, para as Regiões Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins), todos os estados das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Conhecida popularmente como “pepaconha”, é utilizada na medicina popular para o tratamento de gripes e como vermífugo. Todavia, a ingestão da planta na fase de frutificação pelo gado bovino pode ocasionar sinais de intoxicação.

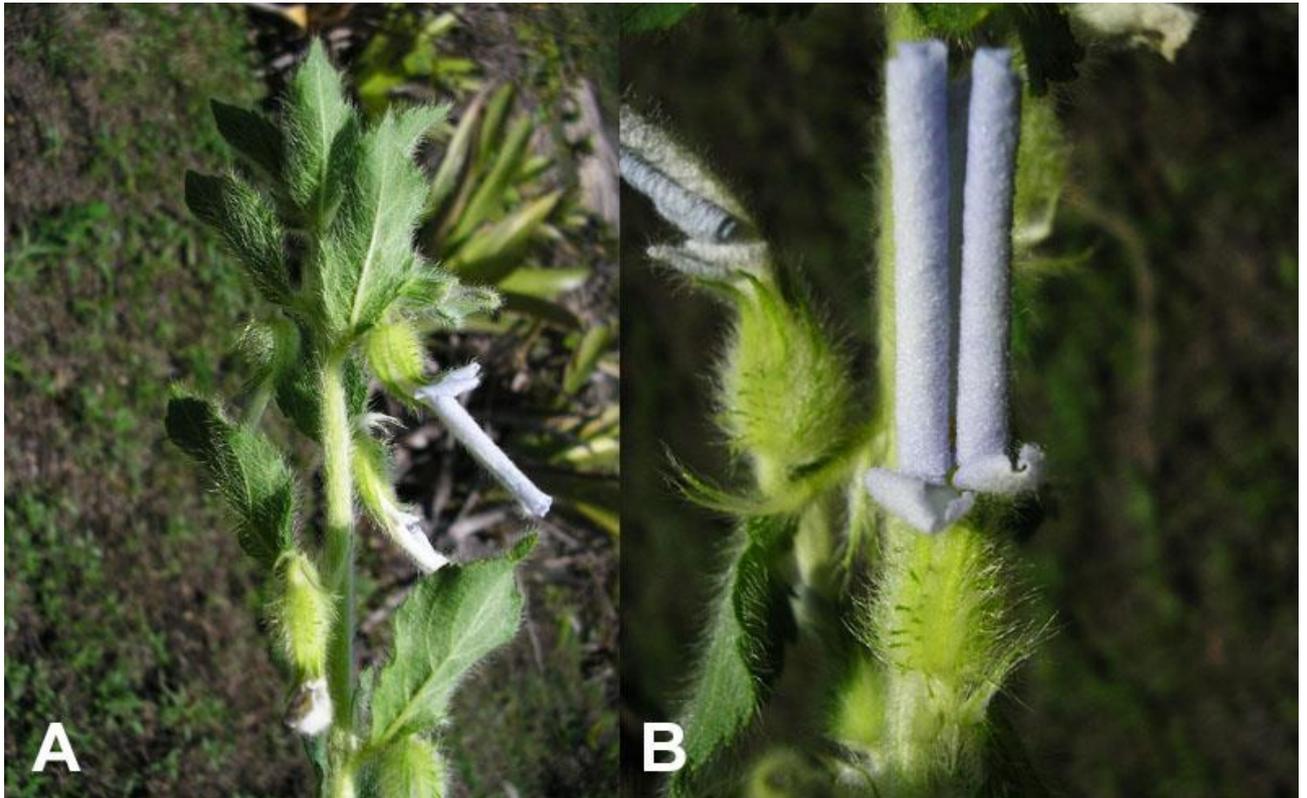


Figura 175. *Pombalia calceolaria*. Ramo de planta florida em seu habitat na Serra do Jatobá (A). Detalhe de uma flor (B). Fotos L.P.Felix.

VITACEAE

Cissus blanchetiana Planch. Endêmica do Brasil, ocorre nas Regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo e Minas Gerais). São ervas trepadeiras de flores brancas que ocorre na porção mediana e no ápice do afloramento no contato entre a borda da Caatinga e o afloramento.

Cissus decidua Lombardi. (Figura 176). Trepadeira herbácea endêmica do Brasil, citada para as Regiões Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais). Conhecida popularmente como “tripa-de-galinha”, é uma espécie frequente no domínio fitogeográfico da Caatinga de belas flores alaranjadas, totalmente áfila durante a floração.



Figura 176. *Cissus decidua*. Ramo com frutos jovens em seu habitat na Serra do Jatobá. Fotos L.P.Felix.

Cissus tinctoria Mart. Ocorre na América do Sul, sendo citada para a Bolívia e Brasil, onde é referida para as Regiões Norte (Acre e Pará), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí), Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso) e para todos os estados da Região Sudeste. São trepadeiras herbáceas de folhas ligeiramente crassas e flores brancas.

ZYGOPHYLLACEAE

Kallstroemia maxima (L.) Hook. & Arn. São subarbustos decumbentes de flores amarelas, frequentes em terrenos bastante alterados como margens de caminhos, terrenos baldios e beiras de calçadas. Ocorre nas Américas do Norte e Central (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Estados Unidos) e América do Sul, para a Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Venezuela e Brasil, onde é referida para os Estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco, Pernambuco e Piauí. A espécie é considerada tóxica, tendo provocando depressão, taquicardia e morte em ratos.

Tribulus terrestris L. (Figura 177). Tem distribuição cosmopolita, com ocorrência nos neotrópicos para as Américas do Norte, Central (Panamá, Estados Unidos) e do Sul,

referido para a Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Peru e Brasil, com registros para as regiões Nordeste, estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Sudeste (Minas Gerais). São ervas invasoras, espinescentes, prostradas ou decumbentes de flores amarelas e frutos aculeados. Espécie amplamente utilizada no tratamento dos efeitos da andropausa e menopausa.

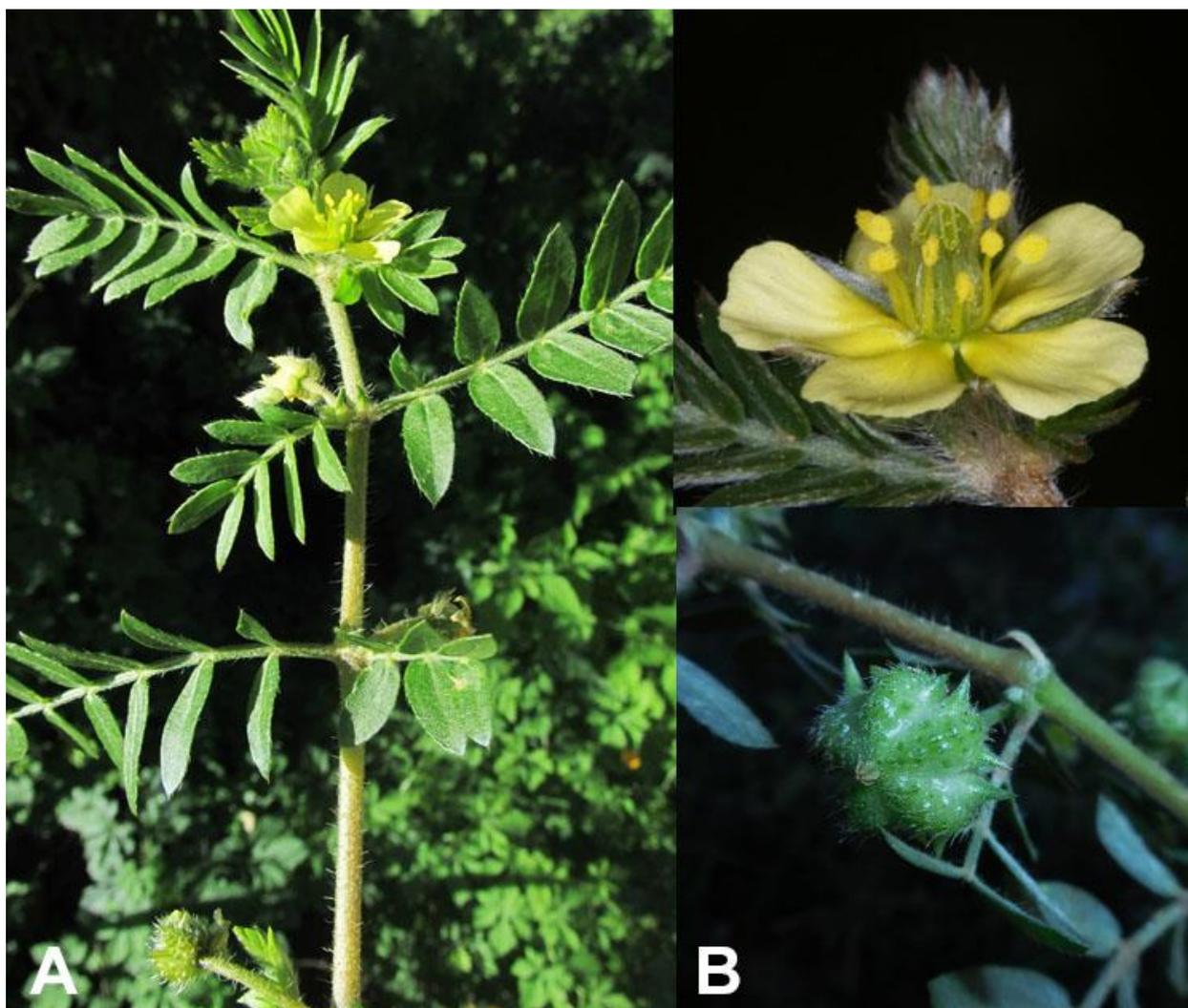


Figura 177. *Tribulus terrestris*. Ramo fértil de planta no seu habitat (A). Detalhe de flor e fruto (B). Fotos L.P.Felix.